

**Carlos Henrique Alves de Resende**

**O CONCEITO TEOLÓGICO DE LITURGIA SEGUNDO A  
*SACROSANCTUM CONCILIUM***

**Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Costa Taborda**

Apoio CAPES

BELO HORIZONTE

FAJE – FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

2014

**Carlos Henrique Alves de Resende**

**O CONCEITO TEOLÓGICO DE LITURGIA SEGUNDO A  
*SACROSANCTUM CONCILIUM***

Dissertação apresentada do Departamento de Pós-graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisição parcial à obtenção de título de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis Costa Taborda

Apoio CAPES

BELO HORIZONTE

FAJE – FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

2014

## **Agradecimentos**

Gratidão é um sentimento que cultivo no coração nesta hora tão importante do caminho. Gratidão para com Deus, Aquele que chamou à vida e me chama a caminhar. À minha família, que me deu bases sólidas para ser quem eu sou hoje. À Diocese de Divinópolis, pela acolhida no seminário e no ministério presbiteral. A Dom José Belvino do Nascimento, meu bispo, de ontem e de sempre, que com sua presença estimula e orienta. Gratidão à FAJE pela excelência acadêmica, mas, sobretudo, pela humanidade que reveste a busca do saber. Gratidão à CAPES pela ajuda do subsídio financeiro, sem o qual seria impossível realizar esse curso. Aos funcionários da instituição pelo carinho e atenção dispensados, especialmente aos funcionários da biblioteca, pela inestimável colaboração. Ao meu orientador Prof. Tabora, pela orientação e pela paciência. Ao Prof. De Mori pela atenção e cuidado. Estes dois, Tabora e De Mori, mais que professores foram verdadeiros irmãos nesta jornada. Aos colegas do mestrado pela convivência fraterna. Aos meus paroquianos pelo carinho e compreensão que tiveram nos momentos de minha ausência tão necessária ao andamento dos trabalhos. Aos meus amigos, que sempre me amaram e me deram forças para seguir.

“Frei Jácomo prega e ninguém entende.  
Mas fala com piedade, para ele mesmo,  
e tem mania de orar pelos paroquianos.  
As mulheres que depois vão aos clubes,  
os moços ricos de costumes piedosos,  
os homens que prevaricam um pouco em seus negócios  
gostam todos de assistir à missa de frei Jácomo,  
povoada de exemplos, de vida de santos,  
da certeza marota de que ao final de tudo  
uma confissão in extremis garantirá o paraíso.  
Ninguém vê o cordeiro degolado na mesa,  
o sangue sobre as toalhas,  
seu lancinante grito,  
ninguém.  
Nem frei Jácomo.”

(Adélia Prado, “Missa das 10”)

## Resumo

Nosso trabalho parte de uma definição emergente do Vaticano II, compreendendo a Liturgia como uma realidade que nos conduz para fora do mundo dos objetos cotidianos e das suas obrigações, para tocarmos na experiência do mistério, do belo, do eterno, do Totalmente Outro. Celebrada no espaço próprio do ser humano, a Liturgia está vinculada ao sinal sensível, gestos e palavras; por transcender o âmbito da experiência humana, ela é fragmento e penhor da Epifania definitiva de Deus, da realidade escatológica. A Liturgia é um prefigurar das realidades últimas, conferindo à vida um sentido pleno e verdadeiro. Ela expressa o olhar de Deus que nos faz compreender a beleza do ser. Deus se revela na história de Israel, e se revela a partir da eleição do mesmo. Ele liberta Israel para ser o seu povo. Daqui nasce o louvor: da experiência da ação salvífica de Deus em nossa vida. Não se trata simplesmente de um agir do ser humano, mas, pela Liturgia, Deus atua primeiro, salvificamente em Cristo por meio da Palavra e do sacramento e só então, salvo, o ser humano louva agradecido ao Pai por Cristo no Espírito Santo. Assim, abrir-se ao mistério garante a fecundidade do culto. Do contrário, o homem se coloca diante de si mesmo. Apresenta-se o valioso conceito de participação: acolher o dom oferecido por Cristo.

**Palavras-chave:** Liturgia, Vaticano II, Mistério, Participação, Cristo, Rito.

## SUMMARY

Our work starts with an emerging definition of Vatican II, comprising the liturgy as a reality that leads us out of the world from everyday objects and our obligations, to touch on the experience of the mystery, the beauty, the eternal, the Wholly Other. It is celebrated in the space of the human being, the liturgy is linked to the sensitive signal, gestures and words; For transcending the realm of human experience, it is fragment and pledge of the definitive epiphany of God, of the eschatological reality. The liturgy is a foreshadow of the ultimate realities, giving to life a full and true sense. It expresses the eyes of God, who makes us understand the beauty of being. God reveals Himself in Israel's history, and He reveals from the election of Himself. He frees Israel to be His people. From here, it comes the praise: the experience of a saving action of God in our lives. It is not simply an act of a human being, but by the liturgy, God acts first savingly

in Christ through his Word and Sacrament, and then, the human being is saved and grateful praises to the Father through Christ in the Holy Spirit. So, to be open to the mystery guarantees the fertility of the cult. Otherwise, the man stands before himself. It presents the valuable concept of participation: to accept the gift offered by Christ.

**KEYWORDS:** Liturgy, Vatican II, Mystery, Participation, Christ, Rite.

## **Abreviaturas**

CIC – Catecismo da Igreja Católica

DGC – Diretório Geral de Catequese

DH – Denzinger-Hünemann

DV – *Dei Verbum*

LG – *Lumen Gentium*

MF – *Mysterium Fidei*

SC – *Sacrosanctum Concilium*

As abreviações bíblicas são tomadas de: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Bíblia Sagrada: Tradução da CNBB. 8.ed. Brasília: CNBB, 2008.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo I</b> .....	12
<b>A CONSTITUIÇÃO SACROSSANCTUM CONCILIIUM</b> .....	12
1. A retomada de um caminho .....	12
2. O texto conciliar .....	14
3. O Movimento Litúrgico .....	16
4. Novos horizontes .....	20
5. Princípios gerais para a reforma da Sagrada Liturgia .....	27
5.1. Princípios orientadores .....	28
5.2. Princípios operativos .....	37
6. A Reforma Litúrgica 50 anos depois: balanço e perspectivas .....	44
<b>Capítulo II</b> .....	50
<b>A NATUREZA TEOLÓGICA DA LITURGIA</b> .....	50
1. Ponto de partida .....	50
2. O que é Liturgia .....	55
3. Ao Pai, por Cristo, no Espírito .....	56
3.1. O Pai é fonte e a meta de toda ação celebrativa .....	56
3.2. A mediação do Filho .....	57
3.3. Guiados pelo Espírito .....	60
4. Obra de Cristo, obra da Igreja .....	61
4.1. Espiritualidade litúrgica e vida cristã .....	63
4.2. A dimensão sacramental da Liturgia .....	65
4.3. Na escola da <i>lex orandi</i> .....	67
5. Perspectiva dialogal da Liturgia: santificação do ser humano e glorificação de Deus .....	68
5.1. O encontro que redimensiona o próprio ser .....	69
5.2. A santificação do ser humano e a glorificação de Deus .....	71
<b>Capítulo III</b> .....	74
<b>A CENTRALIDADE DO MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO</b> .....	74
1. O mistério pascal na Liturgia .....	74
2. A Liturgia na perspectiva conciliar .....	78
3. A Igreja continua a obra de Cristo e a torna efetiva na Liturgia .....	80
4. A força da expressão ritual: somos inseridos no mistério .....	85
5. Fazei isto para celebrar minha memória .....	90
<b>Conclusão</b> .....	94
<b>Referências bibliográficas</b> .....	103



## Introdução

Partindo da reflexão do Concílio Vaticano II, compreendemos a Liturgia como uma realidade que nos conduz para fora do mundo dos objetos cotidianos e das suas obrigações para tocarmos na experiência do mistério, do belo, do eterno, do totalmente outro.

Celebrada no espaço próprio do ser humano, a Liturgia está vinculada ao sinal sensível, aos gestos e às palavras. Por transcender o âmbito da experiência humana, ela é fragmento e penhor da Epifania definitiva de Deus, da realidade escatológica. A Liturgia seria, assim, um prefigurar das realidades últimas, conferindo à vida um sentido pleno e verdadeiro.

A Liturgia expressa o olhar de Deus que nos faz compreender a beleza do ser. Deus se revela na história de Israel, e se revela a partir da eleição desse povo. Ele liberta Israel para ser o seu povo. Daqui nasce o louvor: da experiência da ação salvífica de Deus em nossa vida. Não se trata simplesmente de um agir do ser humano. Pela Liturgia, Deus atua primeiro, salvificamente em Cristo e, só então, salvo, o ser humano louva agradecido ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

Abri-se ao mistério garante a fecundidade do culto, do contrário o homem se coloca diante de si mesmo. Apresenta-se, aqui, o valioso conceito de participação: acolher o dom oferecido por Cristo.

No contexto dos 50 anos da SC, nosso trabalho se propõe a ajudar no desenvolvimento das interpretações de tão importante constituição conciliar. Mergulhando no texto da SC poderemos perceber as riquezas propostas pela reforma litúrgica, como também seus limites e lacunas. Recuperar a natureza teológica da Liturgia poderá nos ajudar a superar cada vez mais a visão jurídica ou exterior da Liturgia e percebê-la como algo que toca toda a vida cristã.

No atual cenário eclesial se encontram diversas tendências teológicas. Pensando na questão litúrgica, encontramos um campo marcado por muitas divergências. Assistimos hoje certo individualismo religioso. Tende-se por parte de ministros e fiéis a formatar um culto centrado na satisfação pessoal. Cada presbítero tem a sua “Liturgia”, para satisfazer determinado modelo de fiéis, o que de certa forma

empobrece a reflexão do Vaticano II e vai à contramão daquilo que Cristo operou. Esse individualismo litúrgico se apresenta como um grande obstáculo à implementação da constituição conciliar.

Nosso trabalho se propõe a debruçar-se sobre o conceito teológico de Liturgia e rerepresentá-lo no desejo de que nossas comunidades descubram a Liturgia como fonte e ápice da vida da Igreja (cf. SC 10). É nosso desejo apresentar traços para a construção de um conceito que possa superar o fazer coisas e se coloque numa perspectiva de abertura ao mistério.

Essa experiência passa por uma mediação: aquela dos sinais. Aqui é necessário destacar o valor simbólico da Liturgia, pois Deus assume a linguagem mais profunda da pessoa humana para se comunicar: a linguagem simbólica, sem a qual não conseguiríamos fazer tal experiência e nem, tampouco, expressá-la. Daí ser a objetividade critério para a legitimidade da Liturgia: da ação de Cristo em favor dos homens brota o louvor, ação humana.

Dentro de toda essa problemática nosso estudo deseja recuperar o conceito teológico de Liturgia proposto pela SC. Em síntese, queremos saber o que é Liturgia; qual a sua natureza teológica; como se estruturou a SC; quais as influências do Movimento Litúrgico na SC; quais as contribuições, avanços e lacunas da SC; como se dá a relação entre objetividade e subjetividade na Liturgia; como a Liturgia continua a obra de Cristo; como a Liturgia realiza a glorificação de Deus e a santificação dos homens.

Nosso trabalho se constrói em 3 capítulos que se subdividem. No primeiro capítulo dedicamos nosso estudo ao texto propriamente dito da *Sacrosanctum Concilium*, de maneira particular nos números 5-8. Consideramos que toda a reforma litúrgica consiste na retomada de um caminho, no qual a partir da pesquisa das fontes da Escritura e da Tradição a Igreja buscou recuperar elementos essenciais que haviam sido deixados de lado na compreensão da Liturgia. Ao abordarmos o texto da SC, a importância do Movimento Litúrgico e os horizontes abertos a partir das reflexões deste movimento, pudemos perceber alguns princípios que nortearam todo o esforço da reforma litúrgica. E, ao fim deste capítulo, apontamos alguns elementos que ajudam a construir uma leitura de síntese 50 anos depois.

O fio condutor do segundo capítulo é o tema da natureza teológica da Liturgia. A questão que subjaz ao fenômeno de uma assembleia litúrgica, uma reunião de pessoas convocadas para a oração, o que as motiva a estarem ali. O conceito de Liturgia emerge a partir do desígnio salvador do Pai. Tomamos o texto da SC, de modo particular os nn 5-8 sob a ótica da mediação de Cristo no Espírito, o que manifesta a plenitude do culto divino: a glorificação de Deus e a santificação do homem. Assim, a Liturgia não só comunica a salvação operada por Cristo, como também a realiza em nós, atualizando-a na dinâmica celebrativa. A Liturgia redimensiona a experiência cristã e, por isso, a experiência humana.

Na sequência, no terceiro capítulo, buscamos abordar o tema da obra da salvação pré-anunciada por Deus que se cumpre em Cristo e sua ação salvífica. E o modo como esta obra é continuada na Igreja e realizada na Liturgia, que é antecipação da Liturgia celeste. Em nossa reflexão acreditamos que a SC motiva toda a Igreja a centrar-se em sua raiz: o mistério pascal. O texto conciliar, portanto, propõe-se a um verdadeiro resgate da compreensão e vivência da Liturgia como celebração do mistério pascal, como momento histórico da salvação. O que apresenta a Liturgia como a fonte mais excelente de espiritualidade cristã (cf. SC 10), superando a visão meramente exterior e utilitarista da Liturgia em favor de uma visão eminentemente teológica da mesma.

À guisa de conclusão, apontamos o caminho da mistagogia como um desafio à vida cristã, que aprende da Liturgia que todo o seu ser, toda a sua existência consiste em realizar no cotidiano o que celebrou e sacramentalmente recebeu. Aprende a urgência de deixar-se penetrar pelo mistério que recebeu pela fé e de penetrar nele por meio da celebração, até que se cumpra plenamente a bem-aventurada esperança e venha o nosso Senhor e salvador Jesus Cristo. Assim, toda a vida cristã, pela participação nos sagrados ritos, se torna uma vida escatológica, porque aponta para aquela Páscoa definitiva quando sentados à mesa participarão do grande banquete das núpcias do Cordeiro.

# Capítulo I

## A CONSTITUIÇÃO *SACROSSANCTUM CONCILIUM*

*“O evangelho não muda, nós é que mudamos  
e aperfeiçoamos a nossa compreensão sobre ele.”  
(João XXIII)*

Nosso trabalho parte da constatação de que a Liturgia, em um dado momento da história, deixou de ser compreendida como fonte da espiritualidade cristã. Deixou de ser considerada como teologia, propriamente dizendo. A *Sacrosanctum Concilium* não contém uma teologia especulativa sobre a natureza da Liturgia, mas é uma reflexão sobre o conteúdo da ação celebrativa com base na tradição bíblico-patristica da Igreja, reelaborada a partir movimento litúrgico. A teologia da *Sacrosanctum Concilium* expressa a natureza sagrada da Liturgia como celebração do culto cristão. Resgatamos alguns princípios que nos permitem avaliar o caminho construído ao longo da reforma litúrgica.

### **1. A retomada de um caminho**

Uma das principais inquietações no interior da Igreja, no cenário que antecedeu o Concílio Vaticano II, foi sem dúvida a vida litúrgica. Preocupações que variam desde a forma de cada celebração até o seu significado e, claro, sua atualidade. A história vê, na ascensão do “sujeito moderno”, o surgimento de um homem e de uma mulher que questionam modelos e estruturas e que buscam, para além da exterioridade, o sentido de cada coisa. Assim, cada vez menos é possível que se normatizem aspectos da realidade, sem que o sentido de tal empreendimento seja assimilado pela razão. Deste modo, o tema da Liturgia emerge no Concílio, questionando formas, ritos e significados.

Tragicamente, ela havia deixado de ser fonte da espiritualidade cristã. Diversos fatores, dos quais destacamos três, confirmam essa tese: as cerimônias religiosas haviam se tornado rituais longos e complicados, muitas vezes vazios de sentido; a própria língua usada, o latim, dificultava e impedia o entendimento dos fiéis

e, naturalmente, sua participação; uma rigidez de normas e regras pouco inteligíveis, de certo modo, revestiam as celebrações.

O Papa João XXIII, junto às outras comissões para o Concílio, criou uma comissão que se dedicaria a este tema em 05 de junho de 1960. O presidente da comissão era o cardeal G. Cicognani, prefeito da Congregação dos Ritos, e o secretário, o padre A. Bugnini. Esta comissão teve três reuniões entre novembro de 1960 e janeiro de 1962 e seu trabalho culminou em um texto que foi apresentado à Comissão Central que, por sua vez, introduziu algumas mudanças a favor do uso da língua vernácula, da concelebração, da comunhão sob as duas espécies. Com a morte do cardeal Cicognani foi nomeado presidente o cardeal Arcádio Larraona, que escolheu por secretário o padre F. Antonelli, relator geral da Seção História da Congregação dos Ritos<sup>1</sup>.

A abertura do Concílio se deu em 11 de outubro de 1962. Logo no seu discurso inaugural, o Papa João XXIII sublinha seu desejo de que o Concílio propiciasse à Igreja condições de oferecer aos seus filhos uma experiência de Deus que os ajudasse a redescobrir o sentido da própria existência. Portanto, que superasse uma visão externa e utilitarista da fé em favor de uma dimensão salvífica da Igreja:

A Igreja não oferece aos homens de hoje riquezas caducas, não promete uma felicidade só terrena; mas comunica-lhes os bens da graça divina, que, elevando os homens à dignidade de filhos de Deus, são defesa poderosíssima e ajuda para uma vida mais humana; abre a fonte da sua doutrina vivificante, que permite aos homens, iluminados pela luz de Cristo, compreender bem aquilo que eles são na realidade; a sua excelsa dignidade e o seu fim; e mais, por meio dos seus filhos, estende a toda parte a plenitude da caridade cristã, que é o melhor auxílio para eliminar as sementes da discórdia; e nada é mais eficaz para fomentar a concórdia, a paz justa e a união fraterna.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. BUGNINI, A. *La reforma litúrgica*. 2. Roma: Ed. CLV/Edizioni Liturgiche, 1997. p. 29-42.

<sup>2</sup> JOÃO XXIII, Papa. *Discurso na abertura solene do Concílio*. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997 p. 29.

## 2. O texto conciliar

O primeiro resultado do Concílio foi precisamente a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia (SC), votada no dia 4 de dezembro de 1963, com 2147 votos a favor e 4 votos contra, e sancionada pelo papa Paulo VI. Foi o primeiro documento votado e aprovado, não só porque seu esquema era de saída o melhor elaborado e mais amadurecido, mas também porque os Padres conciliares perceberam que a reforma da Liturgia era de fato uma necessidade para que as finalidades essenciais do Concílio fossem cumpridas:

O Sacrossanto Concílio propõe-se fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis; acomodar melhor às necessidades de nossa época as instituições que são suscetíveis de mudanças; favorecer tudo o que possa contribuir para a união dos que creem em Cristo; e promover tudo o que conduz ao chamamento de todos ao seio da igreja. Por isso julga seu dever cuidar de modo especial da reforma e do incremento da Liturgia (SC 1).

Trata-se de um documento que vem ao encontro da nova sensibilidade cultural amadurecida no século XX: prima pelo protagonismo da comunidade, pela participação de todos, pela objetividade, pela simplicidade e pela autenticidade do culto. O que marca o início de um processo de renovação da vida litúrgica da Igreja de um modo geral.

O texto se compõe de uma introdução, sete capítulos e um apêndice, totalizando 130 números ou artigos. Na introdução, o Concílio declara a sua intenção de fomentar e reformar a Liturgia, enfatizando, ao mesmo tempo, que esta reforma está vinculada aos demais aspectos da renovação da Igreja.

O primeiro capítulo é o mais extenso e importante. Intitula-se: “Os princípios gerais da reforma e do incremento da Liturgia”. Divide-se em cinco partes. Na primeira (nn. 5-13), fala-se da natureza da sagrada Liturgia e se insiste na sua importância para a vida da Igreja. Numa linguagem eminentemente bíblica e patrística, o Concílio apresenta os fundamentos teológicos da Liturgia. Situa a Liturgia no contexto da revelação como “história da salvação”, cujo centro e fulcro é o mistério de Cristo. Com certeza, é o núcleo do documento. Na segunda parte (nn. 14-20), trata da necessidade de promover a educação litúrgica e a ativa participação.

A terceira parte (nn. 21-40) desse primeiro capítulo, sumamente importante, expõe os princípios que devem regular a reforma da Liturgia, a saber, estabelecido o princípio fundamental de que os sinais utilizados na Liturgia sejam transparentes (n. 21), são primeiro apresentadas as normas gerais (nn. 22-25) e, depois, as normas tiradas da índole da Liturgia como ação hierárquica e comunitária (nn. 26-32), as normas derivadas da índole didática e pastoral da Liturgia (nn. 33-36) e, enfim, as normas para conseguir a adaptação da Liturgia à mentalidade e às tradições dos povos (nn. 37-40). Terminadas as considerações sobre a reforma litúrgica, nas duas últimas partes, a quarta e a quinta, fala-se do incremento da vida litúrgica na diocese e na paróquia (nn. 41-42) e da promoção da pastoral litúrgica (nn. 43-46).

Os capítulos seguintes abordam aspectos específicos da Liturgia, apresentando cada vez uma breve fundamentação teológica sobre os mesmos, bem como os princípios que devem ser observados no trabalho de reforma. O capítulo segundo fala do sacrossanto mistério da eucaristia, qual núcleo de toda a Liturgia, fogo que dá luz e calor às demais celebrações litúrgicas. Note-se que “o título não fala do ‘sacramento’ da eucaristia nem do ‘sacrifício’ da missa, mas, englobando suas diversas facetas numa só palavra carregada de ecos patrísticos, fala do ‘mistério’ da eucaristia”<sup>3</sup>.

O capítulo terceiro inclui os demais sacramentos e sacramentais. Após algumas considerações gerais (nn. 59-63), trata do batismo (nn. 64-70), da confirmação (n. 71), da penitência (n. 72), da unção dos enfermos (nn. 73-75), da ordem (n. 76) e do matrimônio (nn. 77-78). Enfim, são dadas normas para a revisão de alguns sacramentais mais importantes (nn. 79-82).

O capítulo quarto traz a teologia e os princípios para a reforma do ofício divino (nn. 83-101). O quinto capítulo é dedicado ao ano litúrgico, com fundamento teológico e normas para a sua melhor vivência (nn. 102-111). E os dois últimos capítulos falam da música sacra (nn. 112-121) e da arte e objetos sagrados (nn. 122-130). O documento traz também um “Apêndice” com uma declaração do Concílio sobre a revisão do calendário.

Como vimos, na base da própria estrutura do texto está a ideia de que a Liturgia deve ser fonte de fé e de vida cristã. O que corresponde à compreensão dialógica da Liturgia, com seu caráter catabático e anábatico (cf. SC 5;7) e a centralidade de toda a Liturgia no mistério pascal de Cristo (cf. SC 5). Mistério que se

---

<sup>3</sup> Cf. NEUNHEUSER, B. *História da liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007. p.224.

coloca como um “polo de atração”, do qual nasce o agir da Igreja e para o qual se dirige. É exatamente à medida que experimentamos o Senhor que nos tornamos cristãos.

Assim, a Liturgia é a fonte e o cume da vida da Igreja (cf. SC 10). Nela, não só experimentamos o que é ser cristão, mas nos tornamos plenamente aquilo que dizemos ser. Em síntese, para a *Sacrosanctum Concilium* a finalidade essencial da Igreja consiste em tornar os fiéis partícipes do mistério pascal, mistério este que se manifesta e que se realiza de maneira integral quando a Igreja é convocada em assembleia litúrgica, de maneira especial no dia do Senhor, para a celebração eucarística.

Rezamos na prece eucarística: “Fazei de nós um só corpo e um só Espírito”. O conceito de “participação ativa” supera uma visão utilitarista da forma e nos coloca no caminho da apropriação do “dom” oferecido. Uma grande conquista do Concílio foi a de ter apresentado a Liturgia numa perspectiva eminentemente teológica e pastoral. Superou-se uma visão exclusivamente estética e ritualista da Liturgia em favor de uma compreensão teológica e espiritual.

Finalmente, a SC nos ajuda a compreender a Liturgia como culto da Igreja, como adoração ao Pai em espírito e verdade, como celebração memorial da obra salvífica de Cristo, o que exige, no contexto conciliar e no curso do tempo, uma atitude hermenêutica, um esforço de atualização, de diálogo com as demandas históricas de cada tempo. Ela é, pois, uma resposta a toda inquietação que se apresentava no interior da Igreja a partir, sobretudo, do chamado Movimento Litúrgico.

### **3. O Movimento Litúrgico**

Por Movimento Litúrgico se entende o fenômeno eclesial, histórico e cultural que engloba todos os esforços no sentido de redescobrir a Liturgia e seu lugar na vida cristã. Trata-se de um dos fenômenos mais complexos da história da Igreja do século XX, como afirma Albert Gerhards<sup>4</sup>, uma vez que quando nos perguntamos pela sua origem somos remetidos cada vez mais longe na história.

Já no século XVIII apareceu na Europa um novo fenômeno cultural como reação ao barroco: o iluminismo. Este teve grande influência também no campo da

---

<sup>4</sup> Cf. GERHARDS, A.; KRANEMANN, B. *Introdução à liturgia*. São Paulo: Loyola, 2012. p. 133.



Liturgia. Desencadeou todo um movimento de protesto contra a centralização tridentina e contra a exagerada exterioridade barroca. Era movido por um princípio que posteriormente orientaria todo o movimento litúrgico do século XX, que culminaria na reforma litúrgica do Vaticano II: o princípio da pastoral litúrgica, isto é, que a Liturgia é a fonte primordial da vida cristã.

O Sínodo de Pistoia, em 1786, representou o fato mais interessante do chamado iluminismo católico. Embora distante na história, contém intuições muito próximas às ideias do movimento litúrgico dos séculos XIX e XX, a saber, participação ativa dos fiéis no sacrifício eucarístico; comunhão com as hóstias consagradas na própria missa; valorização da missa comunitária e menor estima pela missa privada; unicidade do altar; restrição à exposição das relíquias sobre o altar; significado da oração litúrgica; necessidade de uma reforma do breviário; supressão de muitas novenas e de semelhantes formas de devoção; destaque dado à comunidade paroquial; simplificações do ritual externo. Estas intuições, porém, estavam envolvidas num emaranhado de questões dogmáticas duvidosas e discutíveis e, portanto, tiveram dificuldade de serem compreendidas nas suas intuições corretas<sup>5</sup>.

No século XIX encontramos os verdadeiros precursores desse movimento. Na Europa atuam duas forças contrastantes: a tentativa de restaurar tudo o que o iluminismo e a revolução francesa tinham derrubado, voltando ao passado; e os movimentos nacionais que, ao contrário, procuravam afirmar novas identidades nacionais e culturais, emergentes no novo cenário político<sup>6</sup>. Por influência do romantismo, como num movimento pendular, entramos o chamado “período da restauração católica”, contra os exageros do racionalismo iluminista.

Só que essa “restauração”, em termos litúrgicos, limitou-se apenas a garantir a “tradição romana”, compreendida segundo os modelos estruturais do catolicismo medieval e pós-tridentino. Como resume Burkard Neunheuser, “o período da restauração caracteriza-se por uma reação contra os excessos do iluminismo chegando à triste consequência de uma volta... ao romantismo, ao barroco, quando não até a formas medievais”<sup>7</sup>.

De certo modo encontramos como cenário a contraposição entre Igreja e modernidade, sendo esta considerada antitética ao cristianismo em muitos aspectos. O

---

<sup>5</sup> Cf. JAVIER FLORES, J. *Introdução à Teologia Litúrgica*. 2006. p. 70-71.

<sup>6</sup> Cf. *Ibid.*, 10.

<sup>7</sup> NEUNHEUSER, ob. cit., p. 183.

papa Pio IX apresentou o elenco dos principais erros doutrinários da época moderna, condenados pela Igreja (cf. DH 2901-2980).

Como exemplo brilhante da reação romântica e restauracionista, destaca-se, na França, a figura do abade beneditino Prosper Guéranger (1805-1875). Guéranger era um inimigo declarado do galicanismo e, vendo na unidade litúrgica com Roma a premissa indispensável para qualquer verdadeira vida eclesial, combateu não somente as chamadas Liturgias neogalicânicas, mas também qualquer resquício proveniente da antiga e venerável tradição galicã<sup>8</sup>. Suas obras são *Considerations sur la liturgie catholique*, 1830; *Les institutions liturgiques*, 1840-1851; *L'année liturgique*, 1841-1866.

Seu trabalho deu impulso a um verdadeiro e próprio movimento litúrgico. Na sua perspectiva tinha que ser a oração da Igreja. Neunheuser sintetiza que em seu pensamento, Guéranger defendia a Liturgia se pautar por

um retorno à pura tradição romana, tanto no que se refere aos textos, cerimônias e rubricas, como, especialmente, à música sacra. A restauração do canto gregoriano, considerado como o máximo expoente musical da autêntica tradição romana e o modelo mais perfeito da música sacra, é uma das tarefas principais a que se dedicam os monges da abadia francesa de Solesmes, sob a direção de Guéranger<sup>9</sup>.

Tal retorno é, com certeza, completado pela renovada compreensão e pela participação interior na Liturgia, como fonte da renovação espiritual dos fiéis. A influência de Solesmes se estendeu rapidamente a outros mosteiros, como Beuron, Mont-César, Silos, Farnborough, Maredsous, Emaús em Praga e outros<sup>10</sup>. Embora o conteúdo da reforma de Prosper Guéranger não corresponda em tudo ao conteúdo do movimento litúrgico de que falamos, ele tinha em comum com este a revitalização da Liturgia e a colocação da Liturgia no centro da vida monástica, como uma espécie de regra de vida, fonte de vida cristã e da espiritualidade. Guéranger resgatou na Liturgia o laço com a Liturgia romana, sua solenidade, canto litúrgico e promoveu a arte sacra como expressão dos mistérios celebrados. Dele saíram impulsos importantes para a aproximação da Liturgia ao povo.

---

<sup>8</sup> Cf. JAVIER FLORES, ob. cit., p. 75-79.

<sup>9</sup> NEUNHEUSER, ob. cit. p. 201.

<sup>10</sup> Cf. RUIZ DE GOPEGUI, J. A. *EUKHARISTIA: verdade e caminho da Igreja*. 2008. p. 19.

O movimento restauracionista, por mais meritório que tenha sido, não patrocinou ainda com suficiente convicção a participação do povo na celebração litúrgica. O culto cristão era considerado como uma realidade intocável e misteriosa, obra perfeitíssima inspirada diretamente pelo Espírito Santo, que devia permanecer inalterável, à margem de toda evolução histórica<sup>11</sup>.

O grande mérito do movimento restauracionista está em ter deslanchado o interesse pela pesquisa histórica e teológica das fontes litúrgicas, o que contribuirá imensamente para o nascimento e desenvolvimento vigoroso do Movimento Litúrgico.

O pensamento de Guéranger representou conquista definitiva na compreensão da Liturgia. Entre outros aspectos, destacamos: a Liturgia é a oração por excelência da Igreja, a oração dirigida pelo Espírito, a voz do corpo de Cristo, o cântico da esposa orante no Espírito; há nela uma presença privilegiada da graça de Cristo; ela é a expressão mais genuína da Igreja e de sua tradição, que deve manifestar o mistério de Cristo. A chave para a justa compreensão da Liturgia é a leitura cristã da Bíblia<sup>12</sup>.

A partir disso, o papa Pio X, entusiasmado com a restauração do canto gregoriano, publicou em 1903 um *Motu proprio* intitulado *Tra le sollecitudini*, estabelecendo normas sobre o uso do canto na Liturgia. Surpreendentemente, a certa altura do documento ele faz uma afirmação revolucionária e de grande repercussão posterior: “o verdadeiro espírito cristão consiste na participação ativa dos fiéis nos sagrados mistérios”. Em outras palavras, segundo o papa, quem não participa ativamente da Liturgia não tem verdadeiro espírito cristão. As disposições de Pio X encontram acolhida entusiasta em muitos pastores já preocupados em fomentar a vida litúrgica. Inaugura-se um caminho no qual a redescoberta da mais genuína tradição da Igreja ajuda a Liturgia a tornar-se aquilo que ela é: celebração do mistério cristão.

---

<sup>11</sup> Cf. NEUNHEUSER, ob. cit., p. 199.

<sup>12</sup> Cf. RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit., p. 19.

#### 4. Novos horizontes

Convencionalmente, situa-se o início do Movimento Litúrgico em 1909, por ocasião do *Congrès National des Oeuvres Catholiques* em Malines na Bélgica, sob o impulso de Lambert Beauduin (1873-1953). Este monge beneditino tinha amadurecido a ideia de um retorno consciente e participante dos fiéis nas grandes riquezas da Liturgia. Nessa data ele propôs trazer de novo os fiéis à compreensão e ao amor dos mistérios que se celebram no altar. O Movimento Litúrgico encontra na Bélgica um âmbito de desenvolvimento particularmente significativo: aconteceu num marco de orientação decididamente pastoral e paroquial; a pesquisa histórica vai se colocar a serviço da educação litúrgica do clero e dos fiéis, isto é, de uma pastoral litúrgica, com uma precisa dimensão espiritual própria. A partir de 1909, a abadia de Mont-César (Lovaina) transformou-se no centro propulsor do Movimento Litúrgico, graças, sobretudo, à contribuição de Lambert Beauduin e de outros grandes personagens.

O objetivo era voltar a pôr o missal na mão dos fiéis. A produção litúrgica destes primeiros anos é abundante e de grande qualidade. A par da bibliografia surgiram os cursos, as semanas de formação, as revistas e os subsídios litúrgico-pastorais, mostrando que a Liturgia é fonte de vida e não só uma instituição cerimonial e rubricista. Para conseguir esta participação, Beauduin publica um missal popular e organiza cursos e conferências para presbíteros.

A causa defendida pelo movimento – motivado pelo zelo pastoral – era a volta à forma clássica da Liturgia romana através de pesquisa histórica e teológica sobre a tradição litúrgica. Há uma exigência em buscar um fundamento para a Liturgia em seu sentido teológico-espiritual, e de renová-la ritualmente, para de novo fazer dela a fonte da vida cristã<sup>13</sup>. Num primeiro momento, o movimento assumiu a consciência da crise que a Igreja vivia frente à secularização, difundida, sobretudo, entre a classe operária. E diante deste cenário vislumbrou as potencialidades que a Liturgia podia oferecer para uma relação mais vital do povo com a fé e com a Igreja. O próprio Pio X, a esse respeito, diz:

---

<sup>13</sup> Cf. BARGELLINI, E. Liturgia Epifania da Palavra de Deus nos documentos latino-americanos. p. 16.

Nosso vivíssimo desejo é que o espírito cristão refloresça em tudo e se mantenha em todos os fiéis, é necessário prover antes de mais nada à santidade e dignidade do templo, onde os fiéis se reúnem precisamente para haurirem esse espírito da sua primária e indispensável fonte: a participação ativa nos sacrossantos mistérios e na oração pública e solene da Igreja<sup>14</sup>.

O impulso inicial que partiu do Congresso de Malines começou a difundir-se, seguindo-se outras iniciativas, como a do I Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica em Antuérpia, no ano de 1930. As descobertas e aprofundamentos nas pesquisas repercutiram também na pastoral, isto é, ofereceram fundamentos sólidos para promover a participação ativa do povo nas celebrações.

Como centros de pesquisa, destacam-se as abadias de Maria Laach, na Alemanha, com estudiosos como Ildefons Herwegen, Odo Casel e Cunibert Mohlberg; e de Mont-César, Bélgica, com Lambert Beauduin e Bernard Capelle. Dos chamados “teóricos da teologia da Liturgia”, damos especial destaque a O. Casel, a partir do seu livro *O mistério do culto cristão*, a sua obra mais conhecida, escrita em 1932. O. Casel nasceu em 1886 em Koblenz-Lützel na Alemanha. Foi monge beneditino no famoso mosteiro de Maria Laach. Morreu a 28 de Março de 1948, na Vigília Pascal ao cantar o *Exsultet*. O abade do mosteiro ao comunicar a notícia da sua morte apresentou-o como “o cultor e o mistagogo do sagrado mistério”.

Cláudio Pastro diz que, graças a Odo Casel, passou-se a entender a Liturgia dos Sagrados Mistérios não como um conjunto de rubricas dentro de uma eclesiologia fechada, mas a Liturgia como ação do próprio Mistério que dá vida à Igreja, desde os tempos, e através dos elementos universais da humanidade<sup>15</sup>. Casel foi não só um estudioso, mas, sobretudo, um cultivador, mistagogo e teólogo do mistério de Cristo, abrindo novos horizontes com o seu pensamento e linguagem, na compreensão da Liturgia, revelando-se um precursor do evento do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Pela mão deste insigne capelão das monjas beneditinas de Herstelle, que o apelidaram de pai, somos conduzidos a outros valores que hoje nos parecem evidentes, tais como: “o protagonismo da Igreja local, a primazia da Palavra de Deus, a

---

<sup>14</sup> PIO X, Papa. *Tra le sollecitudini*. 1903.

<sup>15</sup> Cf. PASTRO, C. “Apresentação à edição brasileira” In: CASEL, Odo. *O mistério do culto cristão*. 2011. p. 11.

importância do Domingo cristão e da Páscoa, as analogias entre a nossa Liturgia cristã com as de outras religiões e culturas [...]”<sup>16</sup>.

O valor de Casel na história da teologia litúrgica é enorme, ao mostrar que a Liturgia é continuação e atualização do mistério de Cristo e da história da salvação, celebrada por meio de ritos e sinais. A Liturgia não é só memória, mas presença do mistério no “hoje” litúrgico; ela celebra sempre o mistério de Cristo, que é sempre igual na sua plenitude. Alguns teólogos, como J. Ratzinger, consideram a teologia dos mistérios de Casel como a mais original e fecunda do século XX<sup>17</sup>.

As descobertas começam a ser popularizadas. O beneditino Gaspar Lefèbvre, da abadia de Santo André, em Bruges, na Bélgica, publicou também um Missal para os fiéis, amplamente difundido e traduzido em várias línguas. Na França, o jesuíta Paul Doncour fomentou a “missa dialogada” com jovens.

Outro grande personagem é Romano Guardini. Embora nascido em Verona na Itália, em 1885, a Alemanha transformou-se em sua pátria de adoção. Ordenado sacerdote em Mogúncia, em 1910, aproximou-se do Movimento Litúrgico, do qual a abadia de Maria Laach e seu abade Ildefons Herwegen eram ardorosos animadores. Em 1918, publicou *O espírito da Liturgia* e, em 1922, *Os sinais sagrados* que trata diretamente da questão da reforma litúrgica.

Guardini, através de cursos, conferências e publicações, promoveu a formação litúrgica no meio estudantil e acadêmico. Reuniam-se para preparar as celebrações, para dignificar a celebração, torná-la mais participada pelo povo, compreender seus textos. A este período se segue a prática de “Missas comentadas”. Enquanto o sacerdote prosseguia com a celebração, ao povo era informado sobre o momento e o significado dos ritos. Em ambientes restritos foram celebradas as Missas no altar voltado para o povo. Isto tudo não aconteceu sem preocupação da parte da hierarquia<sup>18</sup>.

Um nome também relevante é o de Pius Parsch, nascido em 1884 no norte da Morávia na Áustria, tornou-se uma figura de liderança no Movimento Litúrgico. Seu objetivo era fazer com que os tesouros da Escritura e da Liturgia se tornassem mais acessíveis aos leigos. Segundo ele, a Liturgia, o culto público da Igreja, que nos primeiros tempos definia o ritmo de devoção cristã, foi, na Idade Média, colocada em

---

<sup>16</sup> ALDAZÁBAL, J. Plegaria Eucarística. Memorial de la Nueva Pascua. 1991. p. 56-68.

<sup>17</sup> Cf. RATZINGER, J. La discusión sobre el espíritu de la liturgia. p 483.

<sup>18</sup> Cf. JAVIER FLORES, ob. cit., p. 131-138.

segundo plano. Daí o subjetivismo e o individualismo na vida religiosa dos católicos. Deu-se mais espaço à ação humana do que à da graça divina<sup>19</sup>.

O movimento não ficou imune às oposições e suspeitas que causaram acaloradas discussões. Uma voz importante neste debate foi a de Pio XII, que não era, por formação, liturgista, mas o era por situação eclesial. Ele lançou as bases doutrinárias para aquele tempo e para as futuras reformas, mostrando que a reforma litúrgica não só era possível, como necessária para o bem da Igreja.

As encíclicas *Mystici Corporis*, sobre a Igreja, Corpo místico de Cristo (1942), e *Mediator Dei*, sobre a Liturgia (1947), foram marcos muito importantes na pré-história próxima da reforma litúrgica. Aliás, foi Pio XII quem de fato começou a reforma da Liturgia. Ele admitiu a língua vernácula, com os famosos rituais bilíngues; promulgou a reforma da Vigília Pascal (1951), seguida da reforma de toda a Semana Santa (1955); a simplificação do jejum eucarístico; as missas vespertinas; uma nova tradução do saltério a ser usada na Liturgia; a encíclica *Musicae Sacrae* (1955); e, poucos dias antes de sua morte, como que seu testamento espiritual, a Instrução *De Musica Sacra et de Sacra Liturgia* (1958).

A sensibilidade pastoral caminha de mãos dadas com a preocupação histórica e a restauração dos ritos em sua antiga e mais simples forma. Sob o impulso da *Mediator Dei* foram fundados “Institutos Litúrgicos” em vários países. Promoveram-se numerosos congressos nacionais e encontros internacionais. No Congresso Internacional de Pastoral Litúrgica de Assis, em 1956, Pio XII, assim se expressa:

O movimento litúrgico surge como um sinal das disposições providenciais de Deus para o tempo presente, como uma passagem do Espírito Santo em sua Igreja, para aproximar os homens dos mistérios da fé e das riquezas da graça, que decorrem da participação ativa dos fiéis na vida litúrgica<sup>20</sup>.

A insistência na reforma dos ritos se fez sempre mais aberta e motivada no Movimento Litúrgico, na medida em que se avançou no conhecimento histórico e na reelaboração da teologia da Liturgia. O retorno às fontes se tornou sempre mais um retorno à Liturgia, à Bíblia, à patrística, o que de certo modo fez com que no centro da

---

<sup>19</sup> Cf. *ibid.*, p. 131-138.

<sup>20</sup> Pio XII, Papa. Discurso no Congresso Litúrgico Internacional de Assis.

inteligência da fé estivesse a ação reveladora de Deus na história, devolvendo a ela sua característica fundamental de história da salvação em Cristo<sup>21</sup>.

Na segunda metade do século XIX diversos movimentos nasceram, no seio da Igreja, com o desejo de renová-la, de revitalizá-la. Num primeiro olhar, até expressaram o clima defensivo e restaurador, mas, sob outros aspectos, abriram novos horizontes<sup>22</sup>. Estes diversos movimentos se fecundaram mutuamente. O movimento bíblico possibilitava caminhos para uma nova teologia bíblica, fundamentada em séria exegese; o movimento patrístico se empenhava num amplo processo de recuperação das raízes da tradição; o movimento missionário, que frente à tendência de “repetir”, nas missões, o esquema de vida eclesial dos países de origem dos missionários, apresentava exigências de adaptação às novas realidades culturais; o movimento ecumênico, que nasceu no mundo protestante por razões de evangelização, posteriormente assumiria relevância na Igreja católica; o movimento leigo, que a partir da Ação Católica, impulsionada pelo pontificado de Pio XI, trouxe forte incentivo para a participação do leigo na Liturgia e na pastoral da Igreja; o movimento teológico se empenhou em propor uma visão da teologia não só num prisma apologético, mas, sobretudo, querigmático<sup>23</sup>.

Cada um deles buscava, de certo modo, corresponder às demandas do sujeito moderno que emergia na Igreja. E a proposta do Concílio, mais tarde, será uma hermenêutica da verdade revelada, buscando uma atitude positiva da Igreja diante do mundo moderno, reconciliando-se com ele<sup>24</sup>.

Dom Emanuele Bargellini observa que, nos anos 40 e 50 do séc. XX, vieram à luz obras de grande valor, frutos do paciente trabalho histórico, teológico e pastoral de autores como Jean Daniélou, Louis Bouyer, Henri De Lubac, Romano Guardini, Yves Congar, Hans-Urs von Balthasar, Pius Parsch. Aparecem ainda, nos respectivos campos, obras de grande síntese, tais como: Joseph Jungmann, *Missarum Sollemnia* (1949), com tradução brasileira de 2009; H. de Lubac, *Exegese médiévale*, em quatro volumes (1958-1962); Cipriano Vagaggini, *Il senso teológico della Liturgia* (1957), tendo sido a tradução brasileira publicada em 2009.

---

<sup>21</sup> Cf. BARGELLINI, art. cit. p. 18.

<sup>22</sup> Cf. *ibid.*, p. 10.

<sup>23</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>24</sup> Cf. LIBANIO, J. B. Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão. 2005. p. 68.



Cipriano Vagaggini tem uma contribuição bastante expressiva. Participou nos trabalhos do Concílio oferecendo preciosa reflexão no campo da Liturgia teológica, participou ativamente na redação da SC e depois na aplicação e desenvolvimento da reforma litúrgica<sup>25</sup>. Seu esforço procurava recompor a unidade essencial entre teologia dogmática, teologia bíblica, tradição patrística, vida espiritual e ministério sacerdotal. De tal modo que a grande contribuição de Vagaggini está em colocar a Liturgia dentro do horizonte da teologia sistemática geral e, por sua vez, a indagação do sentido teológico da Liturgia.

Vagaggini, no esforço de uma relação entre Liturgia e teologia, realiza uma pesquisa filosófica, crítica e histórica, seguida de um posterior juízo teológico. Neste prisma, sua metodologia examina um elemento qualquer da Liturgia para perceber o que pode obter sobre o elemento pesquisado. Depois passa para o significado filológico dessa palavra ou desse texto para chegar a seu contexto próximo e remoto<sup>26</sup>.

Os aspectos mais relevantes do modelo de ciência teológica da Liturgia, proposto por Vagaggini, são a coerência interna e sua inserção orgânica num paradigma mais abrangente de ciência teológica em geral. Ele concebe uma ciência teológica unitária, cujo objetivo é identificado por ele na revelação-história da salvação, enquanto seu método de trabalho compreende tanto o momento especulativo-dedutivo como o momento empírico-indutivo.

No Brasil, o movimento litúrgico, iniciado em 1933 pelo monge beneditino Martinho Michler (do Mosteiro São Bento, Rio de Janeiro), teve entusiástica aceitação, sobretudo nos meios de Ação Católica e foi amplamente divulgado por quase todo o país. As propostas do movimento, às vezes porque colocadas de forma não totalmente feliz por seus divulgadores, produziram reações fortíssimas da parte de muitos católicos tradicionais brasileiros.

Os reacionários atacaram com fúria os adeptos do movimento litúrgico, acusando-os de pretender acabar com as devoções ao papa, à Virgem Maria, aos santos em geral, ao Santíssimo Sacramento e, com isso, pôr em risco a “fé” da nação. No fundo, era uma centenária cultura religiosa brasileira, caracterizada pelo devocionismo, que se via ameaçada pelo movimento litúrgico que pregava a volta às fontes. Dois blocos se formaram, polêmicos e antagônicos: de um lado os “liturgistas” e do outro os

---

<sup>25</sup> Cf. JAVIER FLORES, ob. cit., p. 209-239.

<sup>26</sup> Cf. *ibid.*, p. 209-239.

“devocionistas”, atacando-se mutuamente, sem possibilidade de diálogo devido à mentalidade apologética da época em se tratando de fé católica<sup>27</sup>. Como afirma Ruiz de Gopegui,

o mais importante não eram as inovações em matéria de prática de celebração, que podem parecer-nos hoje insignificantes, mas o espírito que elas supunham: a redescoberta da espiritualidade centrada na oração da Igreja<sup>28</sup>.

O papa João XXIII, antes mesmo do Concílio, em 1960, mandou publicar o novo *Codex Rubricarum*, que simplificava muito certas normas da celebração e deixava prever que uma reforma geral seria iminente, tratava-se de estender a todo o missal as mudanças que se tinham introduzido na Semana Santa com a reforma de 1954.

Enfim, graças ao longo e dedicado trabalho de volta às fontes, desenvolvido pelo movimento litúrgico, o Concílio Vaticano II pôde dispor de um amplo e fundado instrumental (histórico, teológico, pastoral e pessoal) preparado para orientar e deslanchar a sua reforma litúrgica. Deste modo, a SC e toda a reforma litúrgica constituem não simplesmente um ponto de partida, mas um grande ponto de chegada, que caracteriza uma movimentação que é anterior até mesmo à ideia de um Concílio.

Logo no início do Vaticano II o tema da Liturgia emergiu e o esquema apresentado aos padres conciliares foi aprovado, embora com muitas correções, sendo o único que não precisou ser substituído por outro, tal era o grau de maturidade que o assunto tinha atingido em grandes setores da Igreja. A Igreja dá passos para recuperar sua identidade, fazendo da Liturgia expressão da sua fé uma vez que esta constitui sua própria natureza, como recorda o clássico adágio de que a Igreja faz a eucaristia e a eucaristia faz a Igreja<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> Cf. DA SILVA, J. A. *O movimento litúrgico no Brasil. Estudo histórico*. 1983. p. 109-131.

<sup>28</sup> RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit. p. 21.

<sup>29</sup> Cf. LUBAC, H. de. *Méditations sur l'Eglise*. 2 ed. Paris 1963. p. 129-137.

## 5. Princípios gerais para a reforma da Sagrada Liturgia

A *Sacrosanctum Concilium* é o ponto de chegada da renovação da Liturgia, começada pelo movimento litúrgico, que a própria Constituição reconhece como sinal dos desígnios providenciais de Deus sobre o nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo pela sua Igreja (cf. SC 43). A problemática central assumida pelo movimento litúrgico consiste em que a Liturgia havia deixado de ser fonte da espiritualidade cristã. De tal forma, uma das grandes proposições da reforma litúrgica era fundamentada na compreensão de Liturgia como lugar de experiência de Deus, como momento histórico da salvação.

Em uma celebração não buscamos outra coisa, senão experimentar que o Senhor caminha conosco. Experimentar que ele está junto do seu povo. Cristo ressuscitado entregou o dom do Espírito Santo à Igreja, comunidade dos discípulos, para que eles perpetuassem sua missão “até o fim dos tempos”. E prometeu estar sempre com ela. Por isso, nós proclamamos com fé: “Ele está no meio de nós!”. Sim, ele está presente onde os cristãos estão reunidos em seu nome e realizam obras em seu nome; está na Palavra do Evangelho e da Igreja, que fala em seu nome; está presente na Eucaristia e nos demais Sacramentos; presente está no irmão, especialmente naquele que sofre (cf. SC 7; MF 35). Está presente na vida de cada um de nós e caminha conosco.

Depois, a compreensão de que na Liturgia não só se explicita o conteúdo da fé, mas que por meio dela este conteúdo se dá. A volta às fontes bíblicas e patrísticas não busca rever unicamente as formas rituais, mas leva à compreensão da própria natureza da Liturgia. A reforma litúrgica não buscava formular, em primeiro lugar, um conceito de Liturgia, mas indicar aquilo que se realiza por intermédio da mesma: através da Liturgia se realiza a obra da nossa redenção (cf. SC 2). Portanto, mediante a Liturgia, os fiéis fazem a experiência do mistério pascal de Cristo na sua integridade. Por conseguinte, a Constituição indica os efeitos da Liturgia: ela edifica aqueles que são na Igreja o templo santo do Senhor, morada de Deus no Espírito, até à medida da idade da plenitude de Cristo (cf. Ef 2,21-22). Este movimento, a ação salvífica de Deus na

história, através de seu Filho Jesus Cristo, perpetuada pela ação do Espírito Santo, dá-se na Liturgia de forma simbólico-sacramental<sup>30</sup>.

A Liturgia é a primeira e grande escola permanente da fé e da vida espiritual, porque nela a Igreja celebra sempre o mesmo e único mistério de Cristo. A Igreja transmite a fé, celebrando a Liturgia, daí a importância de compreendermos bem os princípios da reforma litúrgica.

Na compreensão de Annibale Bugnini<sup>31</sup>, secretário da comissão que trabalhou na reforma litúrgica, existe um duplo conjunto de princípios: indicativos e operativos. No que tange aos princípios orientadores ele enumera seis pontos: a Liturgia como exercício do sacerdócio de Cristo; a Liturgia como cume e fonte da vida da Igreja; o princípio da participação plena, consciente e ativa; a Liturgia como manifestação da Igreja; a substancial unidade do rito romano e não sua rígida uniformidade; e, por fim, a tradição e o legítimo progresso. Quanto aos princípios operativos, Bugnini<sup>32</sup> apresenta cinco pontos, a saber, a língua, a Palavra de Deus, a catequese, o canto e a reforma da Liturgia.

Por sua vez, Boaventura Kloppenburg, perito do Concílio, sintetiza oito claros princípios teológicos e pastorais para a reforma: os princípios da natureza da Liturgia; da participação dos fiéis; da fácil inteligibilidade; da descentralização; do uso da língua vernácula; da adaptabilidade da Liturgia; da natureza didática de Liturgia; e da natureza comunitária da Liturgia<sup>33</sup>.

### **5.1. Princípios orientadores**

Trata-se de princípios que tocam a natureza da Sagrada Liturgia, entendida como ação da Igreja em que se torna presente Cristo, isto é, a ação salvífica de Cristo na Igreja, sinalizada na ação ritual. Liturgia, entendida como a fonte de água pura e perene, da qual cada pessoa sedenta pode haurir gratuitamente o dom de Deus (cf Jo 4,10)<sup>34</sup>. A seguir, partimos do esquema de Annibale Bugnini, considerando algumas contribuições de Boaventura Kloppenburg.

---

<sup>30</sup> Cf. RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit. p. 28.

<sup>31</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit. p. 53-62.

<sup>32</sup> Cf. Id. p. 59-62.

<sup>33</sup> Cf. KLOPPENBURG, B. Princípios da renovação litúrgica do Vaticano II. 1964. p. 3-42.

<sup>34</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Papa. Vicesimus quintus annus, 12.

### 5.1.1. A Liturgia, “exercício do sacerdócio de Cristo” (SC 7)

O primeiro é o pressuposto da Liturgia como exercício do sacerdócio de Cristo. Liturgia é entendida como teologia feita oração, em que por meio de sinais sensíveis é significada e realizada a santificação do homem por Deus através do Corpo Místico de Cristo, cabeça e membros.

Cristo, que através de sua morte e ressurreição nos deu a vida, é o centro da Liturgia. E a Igreja celebra, ao longo do tempo, sob diversos aspectos e formas, o mistério pascal em que Cristo está sempre presente à sua Igreja, associando-a a si na adoração ao Pai. Temos uma nova visão de Liturgia: mais do que lembrança de um fato passado, a presença eficaz de um mistério celebrado.

No mistério pascal, o mundo reencontra a salvação e renova a vida. A Liturgia tem por centro Cristo, o qual com a morte e ressurreição, passando deste mundo ao Pai, tornou-se Senhor, doador de vida. É a páscoa de Cristo que, vivendo no sacramento da Igreja, é tornado mistério do culto, em cuja celebração continua no tempo e se faz presente a vitória e o triunfo da sua morte. “Assim toda a Liturgia não é outro que a celebração, segundo aspectos e modos diversos, do mistério pascal, pelo qual Cristo é sempre presente na Igreja, Sua Esposa diletíssima, que invoca Seu Senhor e por Ele presta culto ao eterno Pai” (SC 7).

O mistério pascal se torna, portanto, o centro da Liturgia. A centralidade deste mistério na redenção humana é o núcleo de toda a celebração litúrgica, como ação salvífica de Cristo na Igreja. Daí deriva uma acentuação nova das ações litúrgicas e sacramentais. Estas devem ser sempre mais celebrações: exaltação de Deus pela salvação realizada por Cristo e atualizada pela Igreja no Espírito Santo. A atenção não é voltada ao mínimo indispensável para a sua validade, nem só à forma externa considerada em si mesmo, mas à assembleia reunida para escutar e responder à Palavra de Deus, participar do Sacramento, fazer memória do Senhor Jesus, render graças a Deus Pai que “nos regenerou à esperança viva por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos” (1Pd 1,3).

Kloppenbug acrescenta que o Concílio pode ensinar que toda a celebração litúrgica é obra de Cristo sacerdote e que somos e devemos nos considerar instrumentos de Cristo, o único e verdadeiro Sacerdote da Nova Aliança. Ele completa: Cristo serve-se de nossa boca e de nossas mãos, de nossas palavras e nossos gestos, para Ele mesmo,

exercer perenemente sua função sacerdotal e continuar seus gestos de redenção e santificação.<sup>35</sup>

### **5.1.2. A Liturgia “cume e fonte” da vida da Igreja (SC 10)**

A celebração litúrgica é uma ação sagrada, o cume e a fonte da vida da Igreja. Por meio dela se manifesta por excelência o seu agir, como acrescenta Bugnini no segundo princípio<sup>36</sup>. A SC nos apresenta uma reflexão sobre o mistério da Igreja, contemplada como jato de amor brotado do lado aberto de Cristo (cf. n. 5). Assim, a Liturgia sinaliza a verdadeira imagem da Igreja, comunidade de culto, reunida em torno do mesmo altar, sob a presidência de seus pastores. Da Eucaristia e dos demais sacramentos a Igreja se nutre e se renova.

Nenhuma outra ação na Igreja alcança a eficácia da celebração litúrgica, pois ela é a origem e o ponto de chegada da ação evangelizadora e pastoral. É o exercício do múnus sacerdotal de Cristo mediante o qual Deus é glorificado e acontece a santificação dos homens. A partir dessa realidade, podemos dizer que a Liturgia tem uma função centralizante e unificadora de todas as atividades da Igreja. A Liturgia, acendendo no coração dos fiéis o amor a Deus e a consciência de sua intervenção na vida dos homens a favor deles, exorta-nos a anunciar o que vimos e a testemunhar o que recebemos pela fé.

A esse ponto, Kloppenburg completa justificando que em função desta natureza fontal, a Liturgia não pode ser considerada apenas como parte exterior e ritual do culto que a Igreja presta a Deus. Ela é, em primeiro lugar, fonte da qual emana a graça, e meio de salvação e santificação. A santificação do homem é vista como uma finalidade essencial da natureza da Liturgia<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup> Cf. KLOPENBURG, art. cit., p. 7.

<sup>36</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit. p. 54.

<sup>37</sup> Cf. KLOPENBURG, art. cit., p. 9.

### 5.1.3. Participação plena, consciente, ativa

A própria natureza da Liturgia e a vocação batismal dos fiéis, que os torna nação santa e povo escolhido por Deus para celebrar suas maravilhas, exigem, como afirma Bugnini, em um terceiro princípio, a participação plena, consciente e ativa<sup>38</sup> e que sejam educados para tanto. Esse tema da participação foi muito refletido e trabalhado no quadro da reforma litúrgica e de sua implementação. A Liturgia é a primeira e indispensável fonte a partir da qual os fiéis podem atingir o genuíno espírito cristão. Trata-se de um tema central da compreensão moderna de Liturgia e de toda a SC.

Essa participação é fundamental, pois, como fiéis, somos chamados a prestar culto ao Pai que opera a nossa santificação. Numa perspectiva relacional, o ser humano é chamado a acolher o dom oferecido, compreendendo, vivendo e participando da unidade do Povo de Deus. Para tanto, deve-se criar um ambiente para a formação litúrgica, para uma participação consciente e ativa que deve brotar de uma catequese dos fiéis e da formação dos presbíteros e dos candidatos ao presbiterado.

Se esta a natureza da Liturgia é a glorificação de Deus e santificação dos homens, e tal é a sua importância na vida da Igreja, a ponto de que a sua eficácia não seja igualada por nenhuma outra ação da Igreja (cf. SC 7), compreende-se a exortação premente da Constituição conciliar a promover a educação litúrgica dos cristãos. Formar na compreensão da Liturgia significa permitir aos fiéis entrar em contato com a própria essência do mistério cristão.

É por isso que se afirma que a Liturgia é a primeira e necessária fonte, na qual os fiéis hão de beber o espírito genuinamente cristão (cf. SC 14). Definir a Liturgia como a fonte primeira e necessária, da qual os fiéis podem beber o espírito genuinamente cristão da sua fé, significa confirmar o vínculo essencial que une a vida do cristão à Liturgia. A Liturgia não é, em primeiro lugar, uma doutrina a compreender, mas um manancial inesgotável de vida e de luz, para a compreensão e a experiência do mistério cristão.

Para tanto, vale recordar Kloppenburg que advertia, citando a *Mediator Dei*, que o elemento principal do culto deve ser interno (cf. n. 19), de tal modo, que na Liturgia estando estes dois elementos, interno e externo, intimamente ligados, a

---

<sup>38</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit. p. 55.

participação deve ser consciente. Ele chama atenção: “não basta recomendar aos fiéis que adquiram o missal romano, se eles não o conseguirão compreender”<sup>39</sup>. Aqui, ele propõe o que chama de “princípio da fácil inteligibilidade”, recordando a exortação conciliar de que o texto e as cerimônias devem se ordenar de tal modo que, de fato, expressem mais claramente as coisas santas que eles significam e o povo cristão possa compreendê-las facilmente, participando plena e ativamente da celebração comunitária (cf. SC 21)<sup>40</sup>.

Na celebração litúrgica, quando o povo de Deus se reúne em participação plena e ativa em torno do mesmo altar, para prestar culto ao Pai, por meio de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo, a Igreja se manifesta como sacramento de unidade. À tal plena e ativa participação de todo o povo é dedicado um especialíssimo cuidado no quadro da reforma e do incremento da Liturgia: ela é a primeira e indispensável fonte da qual os fiéis podem atingir o genuíno espírito cristão. É o motivo chave do renascimento litúrgico moderno e do documento conciliar.

Quase não há artigo que não reflita esta ideia: a Liturgia, culto e adoração de Deus, opera a santificação dos homens: por isso deve ser compreendida, seguida e participada por toda a comunidade dos fiéis. A estes se voltam constantemente o pensamento quando se trata da formação e instrução litúrgica, da adaptação da Liturgia à mentalidade e aos usos diversos dos povos, das celebrações comunitárias, da língua, da leitura mais abundante da Sagrada Escritura, da Missa, da arte sacra. Tudo é apresentado em vista da participação consciente e devota, que deve brotar de uma bem ordenada catequese dos fiéis e, antes ainda, da formação de um sadio e pleno sentido litúrgico dos sacerdotes e dos jovens que se preparam nos seminários.

A participação é, portanto, um direito e um dever, afirma Kloppenburg<sup>41</sup>. A participação nas ações litúrgicas não é qualquer coisa de extrínseco ou de acessório, mas faz parte da própria natureza da Liturgia, que é ação de todo o povo de Deus. Assim,

a Igreja deve cuidar para que os cristãos não assistam a este mistério de fé como estranhos ou expectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente [...] e aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que dia após dia, por meio de Cristo mediador progridam na união com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos (SC 48).

---

<sup>39</sup> KLOPENBURG, art. cit. p. 10.

<sup>40</sup> Cf. *ibid.*, p. 10-14.

<sup>41</sup> Cf. *ibid.*



#### 5.1.4. Manifestação da Igreja (cf. SC 26)

Segundo a doutrina conciliar, toda a Igreja é sujeito da ação ritual. As ações litúrgicas pertencem ao seu inteiro e completo corpo. Logo, podemos afirmar a primazia da celebração comunitária da Liturgia em relação àquela individual (cf. SC 27)<sup>42</sup>. Todos os fiéis participam, mas cada um a seu modo, ministro ou fiel, “fazendo tudo e somente aquilo que lhe compete, segundo o ministério recebido, a natureza do rito e as normas litúrgicas” (SC 28). Kloppenburg integra aqui o que ele chama de “princípio da natureza comunitária”, em que as ações litúrgicas não são vistas como ações privadas, mas como celebrações da Igreja, que é o sacramento da unidade. Por isso essas ações pertencem a todo o corpo da Igreja, pois atingem cada um dos membros de modo diferente, conforme a diversidade de ordens, dos ofícios e da atual participação (cf SC 26)<sup>43</sup>.

O caminho aberto pelo Concílio é destinado a mudar radicalmente a face das tradicionais assembleias litúrgicas, nas quais, por costumes, afinal seculares, o serviço litúrgico é realizado quase exclusivamente pelo clero; o povo os “assiste” muitas vezes como estranho e mudo espectador. Um paciente trabalho de educação deverá fazer compreender que a Liturgia é ação de todo o povo de Deus. E a consequência não será só litúrgica, mas influenciará beneficentemente o desenvolvimento do sentido de Igreja e o surgimento de vários ministérios e serviços da comunidade, conclui Bugnini<sup>44</sup>.

Esta é a finalidade que a Igreja tem em vista, e da qual a Constituição litúrgica se faz expressão:

É desejo ardente na Mãe Igreja, que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica que a própria natureza da Liturgia exige e a qual o povo cristão, “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido” (1Pd 2,9; cf. 2,4-5), tem direito e obrigação, por força do batismo (SC 14).

Kloppenburg comenta a coerência do Vaticano II, que não receia fomentar na forma de participação dos fiéis esta natureza eclesial que a Liturgia manifesta<sup>45</sup>. A consciência do sacerdócio batismal emerge na Liturgia em que se distinguem papéis e ministérios, mas, como Igreja, todos são protagonistas, celebrantes. Acolher o mistério

---

<sup>42</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit., p. 55.

<sup>43</sup> Cf. KLOPPENBURG, art. cit., p. 40.

<sup>44</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit., p. 55.

<sup>45</sup> Cf. KLOPPENBURG, art. cit., p. 12.

celebrado, acolher o dom oferecido, torna-se uma ideia chave para a compreensão deste conceito. E isto influenciará beneficentemente no próprio conceito eclesiológico e na estruturação de vários ministérios a serviço da comunidade. Acerca disso, já o papa Pio XII acenava na *Mediator Dei*:

Não têm, pois, noção exata da sagrada Liturgia aqueles que a consideram como parte somente externa e sensível do culto divino ou como cerimonial decorativo; nem se enganam menos aqueles que a consideram como mero conjunto de leis e preceitos com que a hierarquia eclesiástica ordena a realização dos ritos. Deve, portanto, ser bem conhecido de todos que não se pode honrar dignamente a Deus, se a alma não cuida de conseguir a perfeição da vida, e que o culto rendido a Deus pela Igreja em união com a sua Cabeça divina tem a eficácia suprema de santificação<sup>46</sup>.

#### **5.1.5. “Unidade substancial, não uniformidade rígida” (SC 38)**

A substancial unidade e não a rígida uniformidade dos ritos é o que Bugnini apresenta como quinto princípio<sup>47</sup>. Porque a Igreja é comunhão, unindo diversidade e unidade tem que assumir tudo o que de positivo se encontra em todas as culturas. Inculturação é diferente da mera adaptação externa, porque significa uma íntima transformação dos autênticos valores culturais mediante a integração no Cristianismo e a encarnação do Cristianismo nas várias culturas humanas.

Por séculos, a Igreja quis que no rito romano o culto se realizasse em perfeita uniformidade. As duas reformas litúrgicas registradas pela história, a do séc. VIII e a promovida pelo Concílio de Trento no séc. XVI, tiveram este escopo<sup>48</sup>. A edição do Breviário Romano (1568), do Missal Romano (1570) e do Pontifical Romano (1588), os três livros litúrgicos fundamentais, manifestaram a uniformização da Liturgia no Ocidente. Os bispos eram responsáveis por manter a uniformidade rigorosamente prescrita, gravemente imposta, vigiada até nas mínimas particularidades das cerimônias mais insignificantes. Kloppenburg comenta que até então vigorava o princípio da absoluta e rigorosa centralização<sup>49</sup>.

---

<sup>46</sup> PIO XII, Papa. *Mediator Dei*. 1947.

<sup>47</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit. p. 56.

<sup>48</sup> Cf. BUYST, I.; DA SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso*. p. 43-62.

<sup>49</sup> Cf. KLOPENBURG, art. cit., p. 18.

No contexto pré-Vaticano II, as condições sociais, ambientais e culturais eram bem diversas, sobressaindo, por parte do homem moderno, a necessidade de afirmar sua autonomia e de conservar expressões que manifestem sua identidade. A SC se mostra profundamente sensível a isso, quando diz que “não deseja impor na Liturgia uma uniformidade rígida” (SC 37) e que, “salva a unidade substancial do rito romano, dê-se lugar às legítimas variações e adaptações aos vários grupos étnicos, regiões e povos, sobretudo nas missões” (SC 38).

A Liturgia cristã não é a simples soma das emoções dos membros individuais de um grupo, e muito menos o receptáculo de sentimentos pessoais e coletivos. Pelo contrário, a Liturgia é tempo e espaço para interiorizar as palavras que nela se escutam e os sons que se ouvem, para se apropriar dos gestos que se cumprem, para assimilar os textos que se recitam e se cantam, para se deixar penetrar pelas imagens que se observam e pelos perfumes que se sentem.

Por conseguinte, a oferenda existencial exige a participação consciente, completa, ativa, interna e externa na oferta sacramental. Trata-se da redescoberta do Mistério cristão e de sua presença operante na vida dos cristãos. Destarte, o cristão que celebra a sua fé deve conceder o primado à interiorização, ou seja, à apropriação pessoal daquilo que ele escuta e realiza na Liturgia. Somente uma interiorização autêntica garante uma exteriorização capaz de exprimir aquilo que se vive de maneira profunda. Este é o modo plenamente ativo de viver a Liturgia, desejado pela *Sacrosanctum Concilium*.

A vida cristã se torna, aqui, o conceito mais completo de Liturgia<sup>50</sup>. A unidade e a comunhão de todos os fiéis são características inalienáveis da oração litúrgica como o são da Igreja<sup>51</sup>. A atenção a esta unidade leva a consequências também no plano legislativo. O centralismo do Concílio tridentino se abre em matéria litúrgica a uma tríplice ordem de autoridade: da Santa Sé, das Conferências Episcopais e dos bispos diocesanos. De modo particular, a SC chama atenção do bispo, “considerado como sumo sacerdote do seu rebanho, em quem tem origem e de quem depende, de algum modo, a vida dos fiéis em Cristo” (SC 41).

Tal a importância deste ponto, que Kloppenburg o apresenta como um princípio isolado e o chama de “princípio da descentralização”, realçando a novidade conciliar que concede a uma autoridade episcopal supradiocesana (nacional) a faculdade

---

<sup>50</sup> Cf. MARINI, P. *Renouveau liturgique Documents fondateurs*. p. 2.

<sup>51</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit. p. 57.

de legislar sobre assuntos de Liturgia dentro de certos limites estabelecidos pela constituição<sup>52</sup>.

A natureza da Liturgia está na salvação oferecida por Deus a toda a humanidade. Daqui brota o louvor pelo dom recebido<sup>53</sup>. E esta é a função principal do rito: tornar sensível a ação de Deus através do Cristo na assembleia litúrgica. Como Ruiz de Gopegui afirma, esse é o fundamento último da Liturgia<sup>54</sup>. Após acolher a ação de Deus, o ser humano, na mesma linguagem sacramental, responderá a Deus<sup>55</sup>. A maneira plena de tornar visível a presença da Igreja é, portanto, a celebração da Igreja local, presidida por seu pastor.

#### **5.1.6. “Sã tradição” e “progresso legítimo” (SC 23)**

Como último princípio orientador, Bugnini fala da sã tradição e do progresso na Liturgia. A Liturgia é composta de uma dupla realidade concomitantemente invisível, imutável, eterna e humana, visível, mutável. No que é de instituição divina é intangível imutável, mas no que corresponde à criação da Igreja, no tempo e na história, podem ocorrer transformações para tornar visível a riqueza e o sentido velado do mistério. Isso faz com que a Igreja esteja sempre num processo de atualização.

A Liturgia alimenta a vida da Igreja, por isso não pode ficar estagnada. Ela não deve ser uma peça preciosa de museu, mas a oração viva da Igreja. Afinal, a Liturgia é algo permanente e vivo ao mesmo tempo. O que revela que na parte visível e humana da Liturgia estejam elementos consagrados por uma tradição secular e, por isso, para aproximar-se é preciso cultivar o respeito, o amor e a veneração, mas, por outro lado, a Igreja é um organismo vivo, pois o Cristo está vivo e presente nela.

Como organismo vivo, a Igreja conserva para sempre a sua individualidade, mas em constante crescimento e renovação. Como organismo vivo, a Igreja conserva sempre e imutável o depósito da fé e a sua identidade como Corpo Místico de Cristo. A sua compreensão cresce com o passar do tempo: pela reflexão, espiritualidade, testemunho dos santos, trabalho dos teólogos. Neste sentido, os teólogos falam do desenvolvimento do dogma. Na sua forma de se realizar como organismo presente no

---

<sup>52</sup> Cf. KLOPENBURG, art. cit., p. 18.

<sup>53</sup> Cf. MARINI, art. cit. p. 2.

<sup>54</sup> Cf. RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit. p. 30.

<sup>55</sup> Ibid.

mundo, para levar eficazmente a única mensagem da salvação a toda a humanidade, a Igreja sofre desgastes provindos das limitações humanas e das mudanças de cultura e da história; é sujeita a constantes mudanças e adequações, a reformas para a sua necessária e constante renovação. O que é imutável na Igreja, para manter-se atual, passa pelos processos de purificação e necessita de novas expressões.

Mais que uma tensão entre “tradição” e “progresso”, a reforma litúrgica quer ser uma renovação (progresso) na linha de uma sempre viva Tradição, que consista num desenvolvimento orgânico.

Para Kloppenburg, temos aqui outro princípio, o da “adaptabilidade litúrgica”, que busca além da sensibilidade diante de povos e culturas diferentes, a abertura e o diálogo para com os que expressam a fé de modo diverso. A este ponto ele cita o Cardeal Bea, que afirmava ser a caridade da Igreja, o seu profundo e autêntico amor materno para com os irmãos separados, que também são seus filhos em razão do batismo<sup>56</sup>.

No campo da Liturgia, a tradição não é refazer aquilo que os outros fizeram, mas reencontrar o espírito que motivou que as coisas fossem feitas e que fará outras agora completamente diferentes<sup>57</sup>. Reencontrar o espírito corresponde a um processo de pesquisa e revisão, exame acurado, diligente, escrupuloso de quanto constitui o patrimônio sagrado, para que a avaliação brote objetivamente, quase por espontânea naturalidade do estudo, da meditação e da oração. Trata-se de reencontrar o espírito e fazer os ritos falarem a linguagem deste nosso tempo, para que o ser humano de hoje compreenda a linguagem deles ao mesmo tempo misteriosa e sagrada.

Kloppenburg completa que o Concílio reconhece e proclama outro tipo de adaptação: às necessidades dos nossos tempos e às exigências da vida moderna (cf. SC 1). Assim o esforço de *aggiornamento*, marca toda a Constituição<sup>58</sup>.

## 5.2. Princípios operativos

A Liturgia é a primeira escola da fé, em que se conhece o mistério de Deus celebrando-o. A Liturgia é a fé da Igreja em ato. Assim, o Concílio procurou delinear

---

<sup>56</sup> Cf. KLOPENBURG, art. cit., p. 29.

<sup>57</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit. p. 57.

<sup>58</sup> Cf. KLOPENBURG, art. cit., p.30.

princípios operativos que fomentassem a vida litúrgica da Igreja, levando os fiéis a participarem interna e externamente no Mistério Pascal de Cristo (cf. SC 19).

### 5.2.1. Língua

O primeiro princípio operativo considerado é a língua litúrgica: este era o problema mais percebido no âmbito litúrgico. Problema árduo e delicado que tinha dois aspectos igualmente cheios de interrogações: de um lado, a tradição da Igreja latina e as vantagens derivantes do uso de uma língua única, sagrada, técnica do ponto de vista litúrgico e jurídico; de outra, a enfraquecida eficácia da mensagem e das realidades divinas, por causa de uma língua para muitos incompreensível.

Kloppenburg comenta que na 5ª Congregação Geral do Concílio (23/10/1962), o Patriarca Máximo IV pontuou: “A língua latina está morta, mas a Igreja continua viva. Também a língua, o instrumento da graça e do Espírito Santo, deve ser uma língua viva, pois é para os homens e não para os anjos. Todas as línguas são litúrgicas: Louvai ao Senhor todos os povos!<sup>59</sup>”.

Tratava-se ou de renunciar em boa parte ao latim, patrimônio secular da Igreja, ou de reduzir a eficácia do mais natural, espontâneo e expressivo dos sinais que é a língua. Entre as duas possibilidades, o Concílio não hesitou e decidiu a introdução das línguas vernáculas na Liturgia. “É melhor que os doutores nos critiquem – repetirá com Santo Agostinho, o Santo Padre Paulo VI – antes que fique ininteligível ao povo a Liturgia”<sup>60</sup>.

A língua materna na Liturgia não substitui, mas coexiste ao lado da bela língua tradicional latina, na qual gerações e gerações de cristãos rezaram. O Concílio decidiu pela introdução da língua vernácula na Liturgia (cf. SC 36), com o desejo de tornar inteligível aos fiéis a celebração litúrgica, favorecendo aos fiéis a experiência de Deus. No entanto, não se aboliu inteiramente o latim, sobretudo nos cantos, o que favoreceria as grandes assembleias internacionais.

---

<sup>59</sup> KLOPENBURG, art. cit., p. 22.

<sup>60</sup> GARCIA CORDEIRO, J. M. *Liturgia, a primeira escola da fé*. p. 17.

### 5.2.2. Palavra de Deus

Na sequência, Bugnini apresenta o segundo princípio operativo, o tema da Palavra de Deus<sup>61</sup>. Depois de séculos de descuido, retorna vital e revitalizante a Palavra de Deus em todos os ritos litúrgicos. Primeiro a Palavra, depois o sacramento ou a bênção. É uma pedagogia divina, alterada no curso dos séculos e chegada a nós falha, deformada e reduzida. Assim retorna o princípio: nenhuma ação litúrgica sem a Palavra. Alguém objetava, na Comissão Central e também na Aula Conciliar, que a maioria dos fiéis não está preparada para acolher uma grande abundância de Sagrada Escritura. Para alguns era suficiente desfrutar ao máximo quanto era oferecido no missal romano de origem tridentina.

O Concílio teve fé na eficácia da Palavra para a formação cristã. Acreditou, sobretudo, que Cristo “presente está pela Sua Palavra, pois é Ele que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja” (SC 7) e é ele quem “continua a anunciar o Evangelho” (SC 33). Para isso, encorajou a dar à Sagrada Escritura um lugar de primeira importância: “na celebração litúrgica é máxima a importância da Sagrada Escritura” (SC 24); a promover “aquele suave e vivo afeto pela Sagrada Escritura” (SC 24); a fundar sobre ela a pregação, a multiplicar as celebrações da Palavra de Deus (cf. SC 35); a abrir com abundância e variedade os tesouros dessa Palavra. É a Palavra que interpela, reúne, constitui assembleia, nela se proclama a Boa-Notícia da salvação, introduz nos mistérios de Cristo, atua nas almas, santifica, converte e sobe a Deus em forma de oração.

A razão desse princípio teológico-litúrgico é para se poder ver claramente que na Liturgia o rito e a palavra estão intimamente unidos (cf. DV 21). Efetivamente, o que se lê na Escritura é o mesmo que se realiza na Liturgia. Todo o texto bíblico proclamado na ação litúrgica é, de fato, Palavra viva, porque Cristo “está presente na sua palavra, pois é Ele quem fala quando na Igreja se leem as Sagradas Escrituras” (SC 7). Por isso, na Liturgia, a Bíblia não é um elemento entre outros, mas o seu elemento essencial. Na verdade, a Liturgia é a Bíblia transformada em palavra proclamada e em palavra rezada e atualizada, a Liturgia é a palavra celebrada<sup>62</sup>.

---

<sup>61</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit. p. 59.

<sup>62</sup> Cf. DANIÉLOU, J. *Bíblia e Liturgia*. p. 33.

### 5.2.3. Catequese

Bugnini apresenta, ainda, como princípio operativo, o tema da catequese, da formação litúrgica<sup>63</sup>. Na renovação litúrgica, prevista e promovida pela Constituição, não se pode atuar com a observância quase que mecânica de certo número de prescrições, normas e regras cerimoniais. Isso exige um espírito, uma mentalidade, uma alma. Pede uma iniciação ou educação à Liturgia.

A necessidade de uma catequese fundada sobre a Liturgia é confirmada pela mais antiga tradição patrística. Ainda hoje se podem ler com admiração as catequeses dos Padres aos neófitos e suas homilias nas festas litúrgicas. É este o método de catequese fundado sobre a Palavra de Deus e sobre “ritos e orações” (SC 48), a formação bíblica, a compreensão dos Salmos (SC 90), a instrução daqueles que mais diretamente se aplicam nas celebrações: cantores, coroinhas, leitores, comentaristas (SC 29).

Somente uma catequese contínua, incansável, poderá ajudar os fiéis a penetrar no mundo da Liturgia. Mas nenhum efeito se poderá esperar se os presbíteros, por primeiro, não forem formados na Liturgia. Em três artigos, a Constituição insiste, portanto, no ensinamento da Liturgia nos seminários, na preparação dos que serão ordenados, na especialização dos professores (cf. SC 15-18). E ainda: sobre a necessidade de comissões litúrgicas diocesanas, interdiocesanas, nacionais, com agentes espertos em Liturgia, música, arte sacra e em atividades pastorais (cf. SC 44-46). É um esforço que a Constituição pede a toda estrutura eclesial, sem o qual restariam palavras mortas às perspectivas por ela propostas.

O grande objetivo da reforma litúrgica operada pelo Concílio não é tanto uma mudança de ritos e textos, mas sim suscitar a formação dos fiéis e promover a ação pastoral que tenha como vértice e fonte a Liturgia<sup>64</sup>. Assim, a promoção de uma formação litúrgica é um veemente convite da SC. Formar para a Liturgia significa consentir a entrada no mistério cristão.

A Liturgia não é tanto uma doutrina a compreender, mas uma fonte de luz e vida para a inteligência e a experiência do mistério. Ela é a primeira e necessária fonte na qual os fiéis hão de beber o espírito genuinamente cristão. Esta é a razão que deve

---

<sup>63</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit. p. 60.

<sup>64</sup> Cf. GARCIA CORDEIRO, ob. cit., p. 18.



levar os pastores de almas a procurarem-na com o máximo empenho, através da devida formação (cf. SC 14).

A formação litúrgica passa também através de uma catequese que favoreça o conhecimento do significado da Liturgia e dos sacramentos, que explique o conteúdo das orações, o sentido dos gestos e dos sinais, eduque para a participação ativa, para a contemplação do silêncio. Liturgia deve ser considerada uma forma eminente da catequese (cf. DGC 71). De tal modo se educa à Liturgia através da própria Liturgia.

Kloppenburg caracteriza esse princípio como “princípio da natureza didática da Liturgia”, e justifica ser a Liturgia o grande meio de contato da Igreja com o povo. O que faz da Liturgia o principal ensinamento da fé: *lex orandi, lex credendi*. Na sagrada Liturgia fazemos explícita profissão de fé. Assim a Liturgia não só supõe a fé, mas por palavras e sinais sensíveis também a alimenta e a fortalece<sup>65</sup>.

#### 5.2.4. Canto

O princípio seguinte é o canto na Liturgia<sup>66</sup>. A presença do canto expressa, ao mesmo tempo, o caráter comunitário da Liturgia e a necessária beleza da qual esta deve se revestir. Este dá leveza de expressão às orações, favorece a união das almas, enriquece de solenidade os ritos.

Não se trata de acessório exterior, mas de uma nota que brota da natureza própria da celebração. Esta é sempre uma festa, uma exaltação de Deus, uma celebração da vitória pascal de Cristo. É inconcebível uma íntima participação nesta realidade sem uma manifestação alegre no canto. A Constituição o considera como “parte necessária ou integrante da Liturgia solene” (SC 112). Daí duas tarefas decorrem: além da conservação do patrimônio de inestimável valor do passado; com a adoção da língua vernácula, inicia-se o trabalho árduo de criar novas composições musicais aptas para a Liturgia. Uma obra que exigirá anos de dedicação, que terá necessidade de contínuo aperfeiçoamento, mas indispensável para uma Liturgia viva, sentida e ativamente participada.

---

<sup>65</sup> Cf. KLOPENBURG, art. cit., p. 34.

<sup>66</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit. p. 60.

### 5.2.5. Reforma da Liturgia

Por fim, Bugnini considera o tema da reforma litúrgica<sup>67</sup>, uma vez que as orientações e os princípios da Constituição litúrgica põem em estado de mobilização geral toda a Igreja. Os pastores das Igrejas locais, com todos os seus agentes de pastoral, são impulsionados a proceder no processo de educação litúrgica dos fiéis, a sua aproximação da Sagrada Escritura, a inserção ativa na celebração mediante a escuta, o canto, a oração, as aclamações, as respostas. Mais ainda: ao iniciar o trabalho de tradução dos livros litúrgicos, abre-se um campo completamente novo, cheio de dificuldade e de responsabilidade.

Desse modo, um dos grandes méritos do Concílio foi ter colocado a Liturgia numa perspectiva eminentemente teológica e pastoral. Superando uma visão exclusivamente estética e ritualista da Liturgia em favor de uma compreensão teológica da mesma. Mas para que o essencial da Liturgia, isto é, o mistério de Cristo, pudesse reaparecer de fato e de novo na sua pureza absoluta, era preciso limpar toda a “poeira” medieval e pós-tridentina que foi se acumulando sobre as expressões celebrativas próprias do rito romano e que o transformaram numa expressão de individualismo religioso e de horizontes limitados. Foi preciso purificar o rito romano de todas as excrescências acumuladas ao longo dos tempos e que comprometiam seriamente a vivência do mistério pascal. Resgatar a Liturgia romana na sua pureza original, este foi um dos grandes desafios, como na prática enfatiza o próprio Concílio:

O texto e as cerimônias devem ordenar-se de tal modo, que de fato expressem mais claramente as coisas santas que eles significam e o povo cristão possa compreendê-las facilmente, na medida do possível, e também participar plena e ativamente da celebração comunitária (SC 21).

E ainda:

As cerimônias resplandeçam de nobre simplicidade, sejam transparentes por sua brevidade e evitem as repetições inúteis, sejam acomodadas à compreensão dos fiéis e, em geral, não careçam de muitas explicações (SC 34).

---

<sup>67</sup> Cf. BUGNINI, ob. cit. p. 61.

Aprovada a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, o papa Paulo VI tratou logo de levar a efeito as reformas pedidas pelo Concílio. Para tanto, no dia 25 de janeiro de 1964, constituiu um “Conselho para a Execução da Constituição sobre a Sagrada Liturgia”<sup>68</sup>, composto de cerca de 50 cardeais e bispos, metade deles nomeados pelo papa, e metade enviados pelas conferências episcopais. À disposição deles foram colocados cerca de 200 assessores (consultores e conselheiros). Do Brasil participou do Conselho o bispo de Nova Friburgo (RJ), D. Clemente José Carlos Isnard, OSB.

Este conselho desenvolveu um ingente trabalho de reestruturação de quase todos os ritos e composição dos textos correspondentes em língua latina. Digno de nota são as introduções feitas em cada livro litúrgico, onde se apresenta, antes de tudo, uma fundamentação teológica para o respectivo rito. São verdadeiras fontes de teologia sacramentária. Tanto o Missal como vários outros livros litúrgicos passaram depois por novas revisões, sendo reeditados.

Mais do que uma doutrina a ser compreendida, a Liturgia é assumida como um verdadeiro manancial inesgotável da vida cristã (cf. SC 10). A participação está ordenada na ordem da interioridade, ou seja, da apropriação daquilo que se escuta e se realiza na Liturgia. Uma vez que esta realiza a ação salvífica de Deus na história através de seu Filho Jesus Cristo, perpetuada pela ação do Espírito Santo, que se torna presente na Liturgia de forma simbólico-sacramental<sup>69</sup>.

Tal realidade se coloca na ordem da própria salvação, em que Jesus Cristo é o sacramento por excelência<sup>70</sup>. Deus toca nossa história, toca nossa vida. E esse toque afetuoso de Deus nos interpela, convoca-nos, santifica-nos.

O mistério da Igreja se configura nesta missão, a de ser continuadora do agir de Cristo. Desse modo, ela se torna sacramento dele. Por meio de sinais sensíveis ela nos desperta para as realidades mais profundas de sua vida de fé. Por meio do rito, ela torna visível a ação de Deus por meio de Cristo<sup>71</sup>. Desta consciência brota o desejo do louvor, porque a criatura experimenta a bondade do Criador, ela deseja reverenciá-lo, adorá-lo, servi-lo. Neste ponto, na busca de uma resposta ao agir de Deus, servimo-nos de ações litúrgicas que expressem não só a realidade do mistério experimentada, mas também o sentido da própria existência (cf. SC 8).

---

<sup>68</sup> Ibid.

<sup>69</sup> Cf. RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit. p. 28.

<sup>70</sup> Cf. ibid.

<sup>71</sup> Cf. ibid. p. 30.

A Liturgia, portanto, não esgota a vida cristã (cf. SC 9), mas abre-se a perspectiva de que a piedade popular, fecundada pela busca de participação no mistério pascal de Cristo, é também uma expressão genuína da vida cristã. Contudo, os sacramentos e, por excelência, a Eucaristia, expressam a própria natureza da Liturgia, cume e fonte da vida cristã (cf. SC 10).

## **6. A Reforma Litúrgica 50 anos depois: balanço e perspectivas**

A SC é o fruto mais maduro de uma história, que viu convergirem as insistências provenientes do mundo da investigação teológica, histórica, bíblica e litúrgica. A reforma litúrgica se insere na finalidade que o Concílio se propõe: “fomentar sempre mais a vida cristã, adaptar melhor às exigências do nosso tempo aquelas instituições que são suscetíveis de mudanças, favorecer tudo o que contribui à união dos que creem em Cristo, e revigorar tudo o que contribui para chamar a todos ao seio da Igreja” (SC 1).

Refletindo sobre o caminho feito na reforma litúrgica, encontramos no período logo após o Concílio uma mentalidade um tanto quanto sectária, que dividia a história da Liturgia em blocos, antes e depois do Concílio. E os classificava como se o Concílio tivesse trazido à Igreja uma grande novidade e, de certo modo, a experiência anterior a ele fosse marcada apenas por limites. Esse modo de analisar é bastante limitado. A periodização, porém, é necessária para uma melhor compreensão de cada época.

Contudo, um período não simplesmente se sobrepõe ao outro. Existe uma dinâmica de ruptura sob certos aspectos, mas de continuidade a partir de outros. O que faz com que o período que nasce assuma, com seus limites e contribuições, o período que o antecede. Observamos dois extremos: por um lado os vanguardistas que pedem plena liberdade para uma formação quase espontânea da celebração litúrgica e da própria oração eucarística; de outro, grupos conservadores que defendem, às vezes fanaticamente, o uso (só) da língua latina e a conservação da Liturgia de Pio V; típico é o caso do arcebispo Lefèbvre e de sua luta a favor do Missal de Pio V contra o de Paulo VI.

Na visão de Garcia Cordeiro<sup>72</sup>, a renovação da Liturgia não pode limitar-se às cerimônias, aos ritos ou aos textos, mas pretendeu conduzir àquela tão desejada participação ativa e consciente, felizmente aumentada depois do Concílio. Após uma recuperação do encanto e da beleza da Liturgia, vive-se atualmente o tempo da pastoral e da espiritualidade litúrgicas.

A vida cristã requer uma vida espiritual, que não pode existir sem Liturgia<sup>73</sup>. A Liturgia é um ministério, um serviço à epifania de Deus que acontece mediante o significado de palavras e gestos cumpridos na ação litúrgica. A perspectiva é redescobrir a celebração litúrgica como expressão da autêntica vida espiritual. Faz-se um apelo à espiritualidade litúrgica.

Restam, contudo, grandes trabalhos a realizar. O prosseguimento da séria investigação bíblica e teológica sobre os temas atinentes à Liturgia (*lex orandi*) será, certamente, um apoio precioso para o desenvolvimento e a consolidação da Liturgia sempre a se renovar no espírito e na prática concreta.

O que se deve buscar é uma verdadeira hermenêutica, em que seja possível perceber variações históricas de cada forma, chegando ao essencial, ao sentido da forma. O que nos possibilita, de certo modo, considerar exageros e até mesmo recuperar alguns aspectos que, por ventura, tenham se perdido. A reforma foi feita a partir de um plano orgânico, em que estavam previstos tempos e modos de atuação. Duas linhas de ação: uma dirigida para a preparação dos livros litúrgicos renovados; a outra para promover, sustentar e orientar a aplicação da reforma mediante diretrizes, orientações, aprovação das decisões das Conferências episcopais, concessão, orientação e controle das experiências<sup>74</sup>.

Bento XVI, expressa esse desejo, de um pontificado marcado em seu início por uma postura frente ao Vaticano II, a de uma “hermenêutica da continuidade”:

O último acontecimento deste ano, sobre o qual gostaria de me deter nesta ocasião, é a celebração do encerramento do Concílio Vaticano II, há quarenta anos. Tal memória suscita a interrogação: qual foi o resultado do Concílio? Foi recebido de modo correto? O que, na recepção do Concílio, foi bom, o que foi insuficiente ou errado? O que ainda deve ser feito? Ninguém pode negar que, em vastas partes da Igreja, a recepção do Concílio teve lugar de modo bastante difícil [...]

---

<sup>72</sup> Cf. GARCIA CORDEIRO, ob. cit.

<sup>73</sup> Cf. BIANCHI, E. *Presbíteros palavra e liturgia*. p. 84.

<sup>74</sup> Cf. PASQUALETTI, G. *Reforma Litúrgica*. p. 989.

Surge a pergunta: por que a recepção do Concílio, em grandes partes da Igreja, até agora teve lugar de modo tão difícil? Pois bem, tudo depende da justa interpretação do Concílio ou como diríamos hoje da sua correta hermenêutica, da justa chave de leitura e de aplicação. Os problemas da recepção derivaram do fato de que duas hermenêuticas contrárias se embateram e disputaram entre si. Uma causou confusão, a outra, silenciosamente, mas de modo cada vez mais visível, produziu e produz frutos. Por um lado, existe uma interpretação que gostaria de definir "hermenêutica da descontinuidade e da ruptura"; não raro, ela pôde valer-se da simpatia dos mas media e também de uma parte da teologia moderna. Por outro lado, há a "hermenêutica da reforma", da renovação na continuidade do único sujeito-Igreja, que o Senhor nos concedeu; é um sujeito que cresce no tempo e se desenvolve, permanecendo, porém, sempre o mesmo, único sujeito do Povo de Deus a caminho. A hermenêutica da descontinuidade corre o risco de terminar numa ruptura entre a Igreja pré-conciliar e a Igreja pós-conciliar. Ela afirma que os textos do Concílio como tais ainda não seriam a verdadeira expressão do espírito do Concílio<sup>75</sup>.

A intenção do Concílio, de modo geral, está bem expressa: “fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança” (SC 1); fazer com que a Liturgia seja compreendida não simplesmente como um discurso dirigido a Deus, muitas vezes vazio, sem significado, mas como expressão da vida, como lugar teológico, onde Deus fala a seu povo reunido e a Igreja ao mesmo tempo, manifesta e comunica aos fiéis a obra da Salvação, realizada por Cristo e busca corresponder com a vida cristã ao dom recebido.

Esta perspectiva coloca o acento na celebração memorial do mistério pascal, não mais no culto como exercício da religião. Este enfoque redimensiona a teologia litúrgica e a espiritualidade sacramental como um todo. Os sacramentos não são vistos de forma mágica, mas como expressão de um compromisso a partir da experiência de Deus que é feita. Não se desconsidera a piedade popular, mas se buscam fundamentos que enriqueçam este caminho.

A participação ativa de todo um povo sacerdotal constitui uma verdadeira revolução eclesiológica. Logo na primeira fase da reforma, a passagem do latim para as línguas vernáculas e a introdução de elementos que podiam ser adotados com os livros litúrgicos existentes, favoreceram uma acessibilidade à celebração. Porém, a reformulação dos textos não bastava, era preciso fazer com que as pessoas compreendessem o sentido do rito, o que era buscado, o que faz surgir as introduções

---

<sup>75</sup> BENTO XVI. Papa. Discurso dirigido à Cúria Romana. 2005.

que apresentavam cada livro litúrgico. Estas possuíam um caráter doutrinal, pastoral, catequético e normativo, indicando a estrutura de cada celebração e apresentando seu rico significado teológico.

Vale ressaltar outros dois aspectos: as modalidades de celebrar a eucaristia e o canto. Depois de séculos era restituída aos fiéis a possibilidade de comungar no cálice para uma participação mais plena em nível de sinal. Redescobre-se o valor da concelebração, o que ressaltava o significado memorial do sacrifício único de Cristo, vínculo de unidade do povo de Deus em torno do mesmo altar, do qual cada um participa segundo o grau e o ofício que lhe são próprios<sup>76</sup>. O que proporcionou também a introdução de inúmeros ministérios litúrgicos leigos: leitores, salmistas, acólitos, cantores, etc. No que tange ao canto a introdução das línguas supunha a formação de um novo patrimônio musical, que favorecesse a participação dos fiéis. O que levaria tempo, mas partiria do pressuposto de que a música é parte integrante da celebração, não um simples adorno.

O grande desafio é a experiência da Liturgia como fonte da espiritualidade cristã (cf. SC 10). Não simplesmente do ponto de vista conceitual, mas de uma verdadeira prática celebrativa que manifesta a presença salvadora de Deus junto ao seu povo e que é capaz de derrubar barreiras, criar vínculos, aproximar pessoas, despertar para a vida solidária. Como Gotardo Pasqualetti recorda, o objetivo da reforma litúrgica não é mudar os ritos e os textos, mas suscitar a formação dos fiéis e promover a ação pastoral que tenha como ápice e fonte a sagrada Liturgia<sup>77</sup>.

Uma grande contribuição neste sentido veio a partir da devolução da Sagrada Escritura ao povo de Deus, dentro e fora do ambiente litúrgico. A Liturgia deve enraizar-se profundamente no ânimo das pessoas. Estas devem abrir-se à revelação de Deus, romper com modos e atitudes que não correspondem a ela. A qualidade da escuta à Palavra garante, portanto, a fecundidade de uma celebração. A Liturgia abriu os tesouros da Sagrada Escritura (cf. SC 33.35). A Palavra de Deus foi valorizada (cf. SC 24) com o ciclo trienal de leituras para missas dos domingos e dias festivos, bienal para os dias feriais, e com amplo repertório de textos bíblicos propostos para cada celebração (cf. SC 51). A valorização da Palavra de Deus se percebe na celebração através da restauração do salmo responsorial, o que corresponde ao resgate de uma tradição que

---

<sup>76</sup> Cf. PASQUALETTI, verb. cit., p. 991.

<sup>77</sup> Cf. *ibid.* p. 992.

remonta ao século III<sup>78</sup>; pela homilia (cf. SC 52), que no contexto da Idade Média havia se separado da missa<sup>79</sup>.

A perspectiva pneumatológica amplia o horizonte da oração da Igreja. A oferta de Cristo ao Pai se dá no Espírito, como mais adiante vamos aprofundar. O certo é que, sob este prisma, superou-se certo “cristomonismo”, realçando a dimensão trinitária da Liturgia. Esta dimensão favoreceu ambiente para desenvolver uma capacidade criativa da Igreja. O Espírito age na Liturgia: nas epicleses da prece eucarística isso se explicita<sup>80</sup>. Ele é quem fecunda os dons oferecidos como também o coração daqueles que comungam. Aqui se manifesta um novo sentido teológico da assembleia litúrgica, expressão da Igreja como continuadora da obra da salvação (cf. SC 6). O agir da Igreja, como continuação do agir de Cristo está compreendido no conceito de sacramentalidade de toda a Liturgia.

Um ponto que merece destaque também é a restauração do ano litúrgico em torno da Vigília Pascal e do Domingo, dia do Senhor. A Igreja se coloca em torno do mistério pascal como um verdadeiro polo de irradiação de sua luz. Nas palavras da *Sacrosanctum Concilium*:

Desde então, a Igreja jamais deixou de reunir-se em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo “tudo quanto nas Escrituras a ele se referia” (Lc 24,27), celebrando a eucaristia na qual “se representa a vitória e o triunfo de sua morte” e, ao mesmo tempo, dando graças “a Deus pelo seu dom inefável” (2 Cor 9,15) em Cristo Jesus, “para louvor de sua glória” (Ef 1,12) por virtude do Espírito Santo (SC 6).

O grande obstáculo continua sendo a falta de formação litúrgica que reduz muitas vezes o mistério celebrado ao “gosto” deste ou daquele, empobrecendo a grandeza da Liturgia. Sua própria natureza requer disponibilidade para contínuo melhoramento, porque é vida da Igreja e deve naturalmente caminhar com ela. Mudam rapidamente a linguagem, as categorias mentais, os usos, os gestos, os gêneros literários e musicais, a cultura. Surgem novos problemas, como por exemplo, com os meios de comunicação sociais; com grupos específicos, os jovens, as crianças; com os lugares, na grande cidade, na periferia, enfim. Tudo isso coloca a reforma litúrgica num processo

---

<sup>78</sup> Cf. JUNGMAN, J.A. *Missarium Sollemnia: origem, liturgia e história da missa romana*. p. 412.

<sup>79</sup> Cf. *ibid.* p. 444.

<sup>80</sup> Cf. GIRAUDO, C. *Num só corpo. Tratado sobre a eucaristia*. p. 527-546.



constante de renovação. A reforma lançou bases sólidas e traçou as linhas necessárias para contribuir para que os fiéis expressem na sua vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a natureza genuína da Igreja (cf. SC 2). Para tanto se faz necessária a compreensão da natureza teológica da Liturgia e o que ela realiza e manifesta no mistério da Igreja.

A dinâmica da reforma litúrgica é a da renovação na comunidade e continuidade da Tradição da Igreja. Partindo dos princípios que devem reger a renovação da vida litúrgica, o desafio agora é a pastoral e a espiritualidade litúrgica, como sinaliza o papa João Paulo II:

Efetivamente a reforma da Liturgia preconizada pelo Concílio já se pode considerar posta em prática. A pastoral litúrgica, pelo contrário, constitui tarefa permanente no intuito de haurir cada vez mais abundantemente, na riqueza da Liturgia, energia vital que, a partir de Cristo, se difunde pelos membros do seu corpo que é a Igreja <sup>81</sup>.

A perspectiva é investir na formação como caminho para a renovação. Favorecer a compreensão aprofundada do verdadeiro sentido das celebrações da Igreja, através de uma mistagogia litúrgica e da participação ativa dos fiéis, fazendo com que se reavive na Igreja o verdadeiro sentido da Liturgia, instrumento da santificação do povo cristão e da glorificação de Deus (cf. SC 10).

---

<sup>81</sup> JOÃO PAULO II, Papa. Carta Apostólica Vicesimus Quintus Annus.

## Capítulo II

# A NATUREZA TEOLÓGICA DA LITURGIA

*“A glória de Deus é o Homem vivo, e a vida do Homem consiste em ver a Deus.  
Pois se a manifestação de Deus, que é feita por meio da criação,  
permite a vida de todos os seres vivos na  
Terra, muito mais a revelação do Pai que nos é comunicada pelo Verbo,  
comunica a vida àqueles que amam a Deus”.*

*(Ireneu de Lyon, in: Adversus Haereses IV, 20, 70).*

Nossa pesquisa pretende, neste ponto, considerar a natureza teológica da Liturgia, que é a manifestação do mistério da salvação, plenamente realizado no mistério pascal de Cristo. Ao nos perguntarmos sobre o conceito de Liturgia, experimentamos o toque afetuoso de Deus. Por amor ele chama todas as coisas à existência. Mesmo quando a criação se afasta dele, esse amor rompe distâncias para reconciliá-la plenamente. A iniciativa é de Deus e a assembleia litúrgica se dirige a ele, que se revelou em Jesus, pela ação do Espírito. Fazemos este caminho, ao Pai, mediados pelo Filho, conduzidos pelo Espírito. A Sagrada Liturgia manifesta a obra de Cristo continuada pela Igreja. Os traços de uma espiritualidade litúrgica nos colocam na perspectiva sacramental que faz da Igreja serva do mistério que comunica e realiza a santificação do ser humano e a glorificação de Deus.

### 1. Ponto de partida

A questão que subjaz ao fenômeno de uma assembleia litúrgica, uma reunião de pessoas convocadas para a oração, é o que as motiva a estar ali. Dito de outro modo: o que buscamos quando participamos de uma celebração? Essa questão que parece simples é reveladora de algo fundamental: a natureza do culto; o que queremos expressar num ambiente celebrativo; o que desejamos por meio da Liturgia. De certo modo, não nos colocamos diante de um discurso aberto, em que simplesmente dizemos o que queremos, mas estamos diante de algo que tem uma dinâmica própria. Uma linguagem, uma razão de ser.

A pergunta pela natureza da Liturgia nos ajuda a entendê-la não como um conjunto de regras e normas, mas como o caminho de uma experiência. No caso, o ser humano se sente amado e ao tomar consciência da própria existência, ao perceber tudo o que existe, ao conhecer a realidade, a intuição religiosa o faz deduzir: alguém é o responsável por tudo isso. Prestar atenção na dinâmica da vida desde as coisas simples, como o fato de acordar pela manhã e dar-se conta de um novo dia, até as realidades complexas como o funcionamento do próprio corpo e de toda a estrutura do universo, faz com que a criatura humana seja remetida ao “mistério”, ao sentido oculto da vida e da morte, do mundo, da história, do amor e do sofrimento<sup>82</sup>.

A busca pelo transcendente caracteriza o ser humano: um ser incompleto, logo, um ser em aberto. Assim, busca-se na experiência religiosa algo que justifique a própria existência, algo que dê sentido à vida e que, por conseguinte, ofereça um horizonte de ação. Na dimensão antropológica, o ser humano busca compreender que existe uma razão de ser para cada coisa da vida. O homem, nas suas operações de conhecer, decidir e agir possui a capacidade, ontologicamente prévia, de interrogar-se. Interrogar-se significa empenho para penetrar o mistério, o desafio, o problema da compreensão do sentido da própria existência e de tudo que a envolve. Significa, ainda, a capacidade de entender a vida como mistério, desafio e problema<sup>83</sup>.

Na experiência litúrgica existe um dado que se propõe: a revelação do amor de Deus. Para além daquilo que conseguimos alcançar, uma verdade nos é oferecida. Para além das teorias que postulamos, existe a verdade que se revela<sup>84</sup>. Como afirma Romano Guardini: “Liturgia é a verdade rezada”<sup>85</sup>. Com essa afirmação, compreendemos o antigo adágio *lex orandi, lex credendi*<sup>86</sup>, na perspectiva de que a Liturgia é “lugar teológico”<sup>87</sup>, no qual experimentamos a presença e a força do mistério, mas, também, lugar onde o mistério se revela tal como ele é.

Na Liturgia, ainda que de forma sutil, o mistério se revela e ao mesmo tempo nos provoca. De início, vale considerar o que entendemos por mistério. Numa perspectiva puramente racional, poderíamos dizer que se trata de algo que não pode ser compreendido ou explicado. Numa consideração teológica, trata-se de algo que, para ser

---

<sup>82</sup> Cf. BUYST, I. *Os segredos dos ritos*. 2011, p. 21ss.

<sup>83</sup> Cf. ALFARO, J. *Dal problema dell'uomo al problema di Dio*. 1991. p. 9-24.

<sup>84</sup> Cf. GUARDINI, R. *O Espírito da Liturgia*. 1942 p. 6.

<sup>85</sup> Cf. *ibid.*, p. 14.

<sup>86</sup> Cf. TABORDA, F. *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia*. 2009. p. 21-44.

<sup>87</sup> Cf. MARSILI, S. Liturgia., verbete. In: SARTORE, D.; TRIACA, A. (orgs.). *Dicionário de Liturgia*, p. 638-651.

compreendido, precisa antes ser acolhido. No sentido cristão, mistério é a “presença escondida de Deus”, como já indicava Yone Buyst<sup>88</sup>.

Podemos dizer que a experiência feita é a de que existe uma vontade que rege o universo. E que, conseqüentemente, desejou a existência de cada uma das coisas e entre elas, portanto, desejou o ser humano e, de um modo muito particular, quis estabelecer relação com ele (cf. Gn 1,1-2,4b). O próprio Deus, por sua Palavra, dirige-se a nós seres humanos. De tal modo, a partir da compreensão que o homem tem de si mesmo e de seu ser nas diferentes épocas, é possível acesso à realidade da fé.

O Deus que opera nos eventos salvíficos da Páscoa é também o Deus das primeiras origens, que deu e dá existência a todas as coisas. Como Israel, assim a Igreja chega do Deus salvador ao Deus criador: e como o povo da Antiga Aliança encontra no Deus do Universo os caracteres do Deus da história. De modo que construímos nosso caminho para Deus a partir do que experimentamos dele. O culto brota da experiência concreta de Deus.<sup>89</sup> E o experimentamos, naquilo que ele é, “mistério”<sup>90</sup>.

No entanto, o mistério não permanece inacessível; ele se revela, se dá a conhecer, progressivamente, a um povo, ao longo de uma história. Jesus é a plenitude da revelação do próprio Deus (cf. Jo 14,9). Ele se faz mediador entre Deus e os homens (cf. 1Tm 2,5). Dizendo mistério, estamos nos referindo à ação do próprio Deus, o Pai, a fonte de todas as bênçãos (cf. Ef, 1,3-6), a origem de todo o dinamismo da criação (cf. Gn 1-2). O ser de Deus está infinitamente acima da criatura e, no entanto, por graça habita na mesma. O mistério é, deste modo, a revelação de Deus em Cristo. O Deus que permanecia distante de nós, sem que ninguém o pudesse ver, deu-se a conhecer<sup>91</sup>. E a tal revelação divina que nos é dada em Cristo nós temos acesso na Liturgia.<sup>92</sup>

No caso do povo de Israel, a tomada de consciência desta realidade se dá a partir da experiência do êxodo. Conhecendo a liberdade, Israel conhece também quem lhe concedeu tamanho dom: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirou do Egito, da casa da escravidão” (Ex, 20,2). Israel conhece a Deus como Aquele que liberta, Aquele que salva. Tal experiência é originante de um novo modo de compreensão, seja da própria história ou das relações construídas a partir dela. Tal verdade se coloca diante do

---

<sup>88</sup> Cf. BUYST, *Os segredos dos ritos*, 2011, p. 24.

<sup>89</sup> Cf. FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus cristão*. 1987, p. 163.

<sup>90</sup> Cf. CASEL, O. *O mistério do culto no cristianismo*. 2009 p. 18.

<sup>91</sup> Cf. *ibid*, 19.

<sup>92</sup> Cf. *ibid*, 19.

humano e precisa, portanto, ser acolhida. Trata-se de algo que precede o esforço humano.

A partir do relato da criação do Antigo Testamento, em Gn 1,1-2,4, vemos que a criação existe para que exista também um vínculo relacional entre Criador e criatura<sup>93</sup>. O que é possível perceber na prescrição do *Sabbath* (cf. Ex 20,8-10). O *Sabbath* é o sinal da aliança entre Deus e homem. A liberdade humana se concretiza quando Deus assume sua natureza. Enfim, só é possível ser livre em Deus. Na aliança a criação ganha significado<sup>94</sup>.

O termo “aliança”<sup>95</sup> é um conceito central que designa a relação entre Deus e seu povo. Um elo de amor e compromisso, em que se relacionam duas realidades: o “dom oferecido” e o “compromisso assumido”. Na aliança firmada no Sinai vemos de modo claro que é Deus quem fala, quem manda chamar o povo, quem quer propor um vínculo (cf. Ex 19,1-8). Tal compreensão apresenta o desejo do Criador. Vemos a livre iniciativa de Deus. É ele quem vê a opressão, quem ouve o grito de aflição, quem toma conhecimento do sofrimento e quem desce para libertar, para fazer sair (cf. Ex 3,7-8).

A escravidão é vista como uma situação de não-ser; como algo que aniquila o que Deus fez. Tocado pelo sofrimento de seu povo, Deus se lembra da aliança feita, pela qual ele prometeu progenitura e terra aos descendentes de seu povo (cf. Gn 15,1-18). Desse modo, intervém e deseja conduzi-lo para fora do Egito. Israel parte não para ser um povo qualquer, mas para ser o povo escolhido. O conceito de eleição é fundamental. A iniciativa é de Deus. É ele quem escolhe gratuitamente. Se as escolhas humanas precisam de alguma motivação, a de Deus por Israel, ao contrário, é pura predileção, incompreensível, não motivada, enchendo de estupor e de gratidão<sup>96</sup>. No Sinai, este povo se coloca diante desta verdade: Deus nos libertou (cf. Ex 19,4).

Contudo, mesmo intervindo na história de Israel, mesmo se revelando nesta história, ele se mantém “totalmente Outro”, mistério. Israel então compreende: o Deus que nos libertou é o Deus que nos criou<sup>97</sup>. O monte Sinai se torna o lugar da contemplação da verdade, “daquele que É” (Ex 3,13). No entanto, tal experiência não esgota a verdade, ela permanece distinta da criatura. E provoca no coração diversos

---

<sup>93</sup> Cf. RATZINGER, J. *Introdução ao espírito da liturgia*. 2010, p. 18.

<sup>94</sup> Cf. *ibid.*, p. 19.

<sup>95</sup> Cf. LOHFINK, N. “Aliança”, verbete. In: LACOSTE, J-Y. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 86-94.

<sup>96</sup> Cf. FUSCO, V. “Eleição”, verbete. In: LACOSTE, ob. cit., p. 604-610. Cf. Dt 4,37; 7,6ss; 10,14s; cf. Sl 32,12; 135,4.

<sup>97</sup> Cf. FORTE, ob. cit., p.157.

sentimentos: gratidão, remorso, desejo de justiça, espírito de sacrifício<sup>98</sup>. Na descrição desta teofania (cf. Ex 19,4), Israel se vê diante da necessidade de uma resposta: “Faremos tudo quanto o Senhor falou” (Ex 19,6). Do dom recebido, brota a obediência, o desejo de louvar, de reconhecer o benefício. Para se tornar povo de Deus, Israel precisa concordar livremente com a escolha divina. A liberdade é concedida como um dom a um povo eleito, em vista de um compromisso<sup>99</sup>.

Ao tomar consciência do grande benefício que nos é concedido, a salvação como amor incondicional de Deus por nós, contemplamos a verdade e a beleza do ser. Isso revela a Liturgia em sua dimensão humanizadora: é o lugar onde se manifesta o desejo de buscar a plenitude do que foi oferecido e de alcançar, de modo sempre mais perfeito, a grandeza de quem oferece o dom.

Ao tomar conhecimento da escolha de Deus, Abrão é convidado a sair (cf. Gn 12,1). Igualmente, o povo de Israel é convidado a deixar a casa da escravidão (cf. Ex 3,15-17). Assim acontece na contemplação da verdade. Diante do horizonte que a verdade nos oferece, constata-se a distância que estamos dele e, ao mesmo tempo, o esforço a que somos chamados a empreender para alcançá-lo. Desse modo, o imperativo feito a Israel, “sai!”, comunica esse desejo da verdade, e ainda esse esforço para alcançá-la. Israel se dá conta de que a escravidão não é o seu lugar. A liberdade é a condição para a qual Deus o resgata. Condição esta, na qual Deus já o havia criado.

Poderíamos nos questionar: por que Israel deixou de ser livre? Por que o ser humano se esqueceu da verdade? Não é nossa pretensão abordar tão complexa problemática. Nosso desejo aqui é considerar apenas que ao se afastar da verdade, o ser humano se tornou escravo. Ao recusar o dom oferecido, o ser humano restringiu sua própria existência. Acolher a verdade assegura o sentido do ser. Fechar-se a ela, portanto, significa privação. De igual maneira, abrir-se ao mistério garante a fecundidade do culto, pois do contrário o ser humano se coloca diante de si mesmo. Nesse sentido, “a Liturgia pressupõe algo concreto diante de nós, algo que se nos revela, indicando o percurso da nossa existência”<sup>100</sup>.

---

<sup>98</sup> Cf. GUARDINI, ob. cit., p. 45.

<sup>99</sup> **A** esse respeito, o Novo Comentário Bíblico São Jerônimo justifica: “Como a bênção prometida a Jacó ao deixar Canaã, ‘Eu estou contigo e te guardarei em todo lugar aonde fores’ (Gn 28,15), Deus estará com seu povo através de um anjo e os trará para sua terra. O pressuposto para as bênçãos está na obediência ao anjo durante a jornada, o qual é o próprio Deus. Esta presença de Deus com o povo, guiando-os para a terra é uma constante (Ex, 32,34; 33,2-3,12,14-16; 34,9)”. CLIFFORD, R. J. “Comentário ao Êxodo”. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2013 p.148.

<sup>100</sup> **R**ATZINGER, *Introdução ao espírito da liturgia*, p. 15.

## 2. O que é Liturgia

A compreensão clássica do termo “Liturgia”, do grego *leitourgía*, designava a obra assumida por um particular em favor da coletividade. No Antigo Testamento, na tradução da Septuaginta, passou a significar o serviço prestado a Deus, tanto na “tenda” quanto no templo.

Logo no capítulo I da SC encontramos a ideia do desejo salvador de Deus (cf. SC 5) e, neste, o que podemos chamar de natureza teológica da Liturgia, que corresponde, na religião revelada, à celebração de um evento salvífico divino e, como tal, é sempre, pelo seu conteúdo, Palavra de Deus. Por sua forma, a Liturgia fala de Deus, ainda que não o faça com linguagem científica, mas com a linguagem simbólica própria da ação ritual. Assim, partimos de um dado objetivo: Deus quer que todos os seres humanos sejam salvos.

Da ação de Deus decorre, portanto, a ação do ser humano. O mistério nos envolve e nos conduz. Da nossa parte somos incapazes de atingi-lo se ele não se der a nós. Cristo é o grande protagonista desta ação. É ele quem se revela a nós e ao mesmo tempo nos conduz ao Pai. “Sua humanidade, na unidade da pessoa do Verbo, foi o instrumento de nossa salvação” (SC 5). É ele, portanto, quem atua na Liturgia como mediador entre Deus e os homens (cf. 1Tm 2,5); quem se dá a nós e quem se oferece por nós. A Liturgia nos associa à maravilhosa realidade da salvação oferecida em Cristo.

Assim, na dinâmica sacramental é possível acesso à salvação operada por Cristo. É-nos dado conhecer a grandeza do dom recebido. E a Liturgia da Igreja se dedica a este papel: revelar, descobrir, manifestar, apontar tal realidade<sup>101</sup>. Celebrar é, portanto, tomar consciência da verdade e, ao mesmo tempo, apropriar-se dela. A Liturgia se apresenta agora como um caminho para responder ao toque afetuoso do Pai através de Cristo, que se faz presente no meio de nós. O mistério pascal de Cristo, sua paixão, morte e ressurreição, expressa a totalidade da obra de Deus, que no seu Filho destruiu a nossa morte e nos deu a vida. Cabe a nós tomar parte neste mistério, que realiza ao mesmo tempo a “glorificação de Deus e a santificação dos homens” (SC 7).

---

<sup>101</sup> Cf. BUYST, *Os segredos dos ritos*. 2011. p. 27.

A definição do Vaticano II considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Mediante a qual, através de sinais sensíveis, simboliza e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens; nela o corpo místico de Cristo, cabeça e membros, presta culto público e integral (cf. SC 7). O específico da Liturgia é realizar o mistério da salvação na celebração concreta, em palavras e ações. Na Liturgia celebra-se, pois, a obra da redenção, ou seja, o plano histórico-salvífico realizado pelo Pai, em Cristo, por obra do Espírito. A celebração litúrgica nos coloca agora neste movimento: ao Pai, por Cristo, no Espírito.

### **3. Ao Pai, por Cristo, no Espírito**

A revelação nos oferece um horizonte certo: o Deus que devemos buscar é o Deus Trindade, revelado como Pai, Filho e Espírito Santo<sup>102</sup>. Observando a dinâmica da Liturgia constatamos sua estrutura dialogal. Deus se dirige a nós, que respondemos nos dirigindo a ele. Num olhar atento para as cartas de São Paulo, para as próprias orações da missa e para as bênçãos nos sacramentos constatamos que todo bem nos vem do Pai, por meio de seu Filho encarnado, Jesus Cristo, na força do Espírito Santo. E na força desse Espírito, por meio do Filho, tudo deve retornar ao Pai e atingir seu fim, a comunhão na Trindade<sup>103</sup>.

Dizendo de outro modo: todo bem deriva tão somente da bondade do Pai (cf. Cl 1,3-23) e Jesus Cristo é o grande e indispensável mediador sem o qual ninguém recebe nada do Pai ou pode se aproximar d'Ele. Além disso, sem o Espírito Santo, promessa do Pai e do Filho derramado em nós, ninguém estaria unido a Cristo ou poderia chegar ao seu fim último que é, por meio de Cristo, o Pai.

#### **3.1. O Pai é fonte e a meta de toda ação celebrativa**

Proclamamos que tudo vem dele e que é ele quem nos reúne, que só ele merece toda a honra e toda a glória e “que graças a Ele fomos tornados dignos de participar da herança dos santos” (Cl 1,12). A salvação que o Pai oferece a nós

---

<sup>102</sup> Cf. VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*. 2009. p. 185.

<sup>103</sup> Cf. *ibid.*, p. 185.



corresponde ao retorno a ele e à libertação da nossa finitude, que é em si o peso do nosso ser<sup>104</sup>.

A Liturgia nos faz olhar para a origem e retomar o caminho. Levantar os olhos e perceber a amplitude do horizonte. Neste movimento, a Liturgia se estrutura, e fora dele não se justificaria, uma vez que partimos do pressuposto do “desejo salvador de Deus” (1Tm 2,4), que para realizar este propósito nos mandou seu Filho na presença do Espírito Santo (cf. SC 5).

Não desejamos nesta pesquisa abordar as questões referentes à natureza trinitária. Estas foram, ao longo dos séculos, aprofundadas a partir do que era a expressão de fé dos primeiros cristãos. Gostaríamos de nos ater, portanto, a esta fé celebrada que rende graças ao Pai de Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a sorte de bênçãos, escolhendo-nos antes da fundação do mundo, predestinando-nos à adoção como Filhos, por obra de Jesus Cristo, e nos concedendo o perdão dos pecados (cf. Ef 1,3-14). Este esquema sempre esteve presente na tradição da Igreja: a oração litúrgica é dirigida ao Pai, por meio de Jesus Cristo (cf. Hb 5,1-10). Ele é quem nos comunica esta verdade. E o acesso a todas essas realidades se dá na presença do Espírito Santo (cf. 1Cor 2,10-11).

### **3.2. A mediação do Filho**

O Pai envia o Filho para nos comunicar seu desígnio salvador e nos fazer retornar a ele. Na expressão das orações litúrgicas observamos esta estrutura cristológico-trinitária<sup>105</sup>: dirigimo-nos ao Pai, por meio do Filho, na presença do Espírito. O Pai é considerado a origem de tudo, porque Ele cria todas as coisas, santifica-as, abençoa-as e nos entrega como dom de seu amor (cf. Gn 1,1-2,4b), fazendo-nos conhecer todas estas realidades por meio de seu Filho Jesus Cristo.

A criatura se vê envolvida e sustentada pelo Criador. Vê, ainda, que o que mantém a criação é exatamente a força de sua Palavra criadora, que em nossa historicidade renova todas as coisas. Assim, tanto mais perfeito é o ser na medida em que ele é capaz de acolher esta força criadora<sup>106</sup>. A criação se justifica pelo próprio desejo criador de Deus, como recordamos na oração eucarística IV: “porque sois o Deus

---

<sup>104</sup> Cf. RATZINGER, Introdução ao espírito da liturgia, p. 22.

<sup>105</sup> Cf. VAGAGGINI, ob. cit. p. 200-201.

<sup>106</sup> Cf. FORTE, ob. cit. p. 159.

de bondade e a fonte da vida, fizestes todas as coisas para cobrir de bênçãos as vossas criaturas e a muitos alegrar com a vossa luz”.

O mal para a criatura consiste na recusa em acolher a bondade criadora, o que acarreta na experiência do fechamento, na anulação da possibilidade de ser existente na criatura. O mal é, portanto, o não ser, o afastar-se do Criador, a queda. A liberdade humana se apresenta como a possibilidade de escolher. O Criador sonha uma comunhão perfeita com o ser humano e, na liberdade, este precisa estar consciente de sua vocação e que seja capaz de dar um sentido novo ao seu caminho.

O ser humano é chamado a refletir o amor criador. Ao mesmo tempo em que é amado, a possibilidade de amar se apresenta como caminho para assumir a finalidade para a qual fora criado. Mais que isso, como princípio capaz de nos projetar ao Criador. A Liturgia se torna acontecimento que se dá entre Deus e a humanidade, usualmente descrito como comunicação, como encontro<sup>107</sup>. O regresso para casa significa salvação, e a salvação significa libertar-se do limite.

A Liturgia nos proporciona a percepção da queda, como descaminho, e, sobretudo, o convite para a retomada do caminho. Isso não é proposto de modo abstrato e metafísico, simplesmente, mas como encontro com Deus mesmo, que se faz um de nós, assume nossa história, experimenta os dramas de nossa existência e, por isso mesmo, pode redimi-la. Ele se faz um conosco, para nos levar a Ele. Carrega sobre si nossas dores e esperanças. O Filho encarnado, Jesus de Nazaré, é mediador e modelo (cf. 1Tm 2,5). É Ele o “Ministro Principal”.

Nesse sentido, o centro da Liturgia é Cristo, que com sua morte e ressurreição, passando deste mundo ao Pai, tornou-se Senhor, doador de vida. É a páscoa de Cristo que, vivida sacramentalmente na Igreja, é tornada mistério do culto, em cuja celebração continua no tempo e se faz presente a vitória e o triunfo da sua morte. Assim, toda a Liturgia é a celebração, segundo aspectos e modos diversos, do mistério pascal, pelo qual Cristo está sempre presente na Igreja, “Sua Esposa diletíssima, que invoca Seu Senhor e por Ele presta culto ao eterno Pai” (SC 7). Ao mesmo tempo em que por Ele conhecemos a plenitude das bênçãos do Pai, também por Ele somos reconciliados com Pai.

Por isso Vagaggini alerta que devemos nos centrar no *Kyrios*, termo grego do Novo Testamento que manifesta que Cristo Jesus, numa única pessoa, é Deus e o

---

<sup>107</sup> Cf. GERHARDS; KRANEMANN. ob. cit., p. 155.

homem<sup>108</sup>. Assim, a chave para acesso à pessoa de Jesus na Liturgia é o mistério pascal tomado em sua totalidade. Mistério este que compreende toda a vida de Jesus: encarnação, vida, morte, ressurreição e subida aos céus, onde está agora sentado à direita do Pai, exercendo sua mediação. Ele é o “instrumento de nossa salvação”, no qual se dá o “perfeito cumprimento de nossa reconciliação com Deus” (SC 5).

Toda a pregação do Novo Testamento se constrói a partir desta grande novidade: o Cristo morto e ressuscitado. É Ele quem nos comunica a sua vida. Em Cristo contemplamos aquilo que Deus desejou desde criação. Ele se torna para nós o novo Adão, criado por Deus, para Deus<sup>109</sup>. No mistério de Cristo se revela plenamente o mistério de Deus e o mistério do ser humano.

A humanidade de Cristo superou a forma de servo e escravo, a morte e as consequências do pecado. Foi a dispensadora da comunicação da vida aos seres humanos, mas foi sua ressurreição que levou tudo isso a plenitude. Vagaggini sintetiza:

Cristo Senhor, especialmente pelo mistério pascal de sua paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão, realizou a obra da redenção dos homens para a glória de Deus, como foi prenunciado nas maravilhas de que foi testemunha o povo do Antigo Testamento<sup>110</sup>.

O mistério pascal é o fato de que Jesus é o Filho de Deus encarnado, que assume a condição de Servo, morto e ressuscitado: o *Kyrios*. Em sua humanidade, compreendido o seu corpo glorioso de Ressuscitado, comunica-nos a vida divina, para nos fazer passar da morte à vida em Deus. Isso se dá, em primeiro lugar, na Liturgia e a partir dela, para o mundo todo<sup>111</sup>. Deus se revela plenamente na paixão, morte, ressurreição e ascensão de Jesus. A Liturgia se expressa como um reconhecimento da fé professada no Cristo. Ela acentua aspectos distintos e faz memória dos diversos acontecimentos da vida de Jesus, professando o Cristo como Servo e Filho de Deus, como Cordeiro imolado, como Sumo Sacerdote.

Para expressar a realidade da presença de Cristo na Liturgia, o Concílio Vaticano II toma como ponto de partida, não somente Cristo e a Igreja como continuadora de sua obra, mas mais precisamente a presença mesma de Cristo, agora na glória junto do Pai, na Igreja, particularmente nas ações litúrgicas. Vagaggini assim expressa: “na nossa Liturgia o papel de Cristo é coisa tão real, viva, presente e

---

<sup>108</sup> Cf. VAGAGGINI, ob. cit. p. 227.

<sup>109</sup> Cf. GIRAUDO, C. ob. cit., p. 34.

<sup>110</sup> Cf. VAGAGGINI, ob. cit. p. 215.

<sup>111</sup> Cf. *ibid*, p. 229.

preponderante que no fundo não há no mundo senão um único liturgo, o Cristo, e uma única Liturgia, a de Cristo”<sup>112</sup>.

Cristo, único e perfeito sacerdote, depois de ter cumprido sua Liturgia de santificação e de louvor ao Pai sobre a terra, agora sempre vivo e glorioso à direita do Pai, continua a intercessão, a única Liturgia de santificação e de louvor que iniciou aqui na terra. A essa Liturgia atrai e admite realmente também os seus fiéis ainda peregrinos, enquanto lhes dá firme esperança de chegar, através da perseverança e de uma vida de bondade, ao termo perfeito no santuário celeste (cf. Hb 2,10-18).

O encontrar-se com o evento crístico na Liturgia significa, para a humanidade, transformação. A dimensão diabática da Liturgia, que é o passo transformador, corresponde à dimensão do surgimento de uma nova criatura, que é chamada a viver em Cristo (cf. 2Cor 5,17). A ação litúrgica é o agir no sentido e na força de Cristo. A Liturgia cristã é também esperança do retorno de Cristo. Como manifestamos na aclamação memorial da prece eucarística: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!”. Desse modo, a esperança de que as promessas ainda irão se cumprir com o retorno de Cristo é algo que experimentamos muito concretamente na Liturgia. Liturgia, soteriologia e escatologia, estão estreitamente ligadas entre si.

Tudo aquilo que no mundo Cristo faz, e que agora glorioso à direita do Pai continua a fazer, o faz por força do Espírito Santo que ele próprio manda de junto do Pai. De modo que a ação de Cristo e a ação do Espírito Santo não são duas ações diversas, mas uma única ação de Cristo no Espírito Santo<sup>113</sup>.

### **3.3. Guiados pelo Espírito**

Na Liturgia se expressa muito fortemente a inquietação que impulsiona o coração do homem a querer, a desejar, a buscar. Santo Agostinho, a esse respeito, comenta: “Fizeste-nos para Ti, e inquieto está nosso coração enquanto não repousa em Ti”<sup>114</sup>. Esta consideração nos coloca no horizonte pascal, lugar para o qual convergem e se encontram, no amor sacrificado do Ressuscitado, o amor gratuito de Deus pelo ser humano e a busca inquieta deste pela felicidade, pela vida plena. A Liturgia marca

---

<sup>112</sup> Ibid., p. 233.

<sup>113</sup> Cf. *ibid.*, p. 238.

<sup>114</sup> AGOSTINHO, S. Confissões. 2013. p. 65.

nosso retorno, nosso êxodo para o Pai, em quem seremos plenamente o que ainda não se manifestou historicamente (cf. 1Jo 3,2).

Este dinamismo pascal que marca a Liturgia é uma expressão do Espírito que ressuscitou Jesus dos mortos e que deu início à nova criação (cf. Rm 1,4). Tudo acontece na presença e por força do Espírito<sup>115</sup>. Toda a obra salvífica é dinamizada por esse mesmo Espírito. Por ele o Ressuscitado está no meio da comunidade e se faz presença para a sua salvação. A profissão de fé no Cristo se dá no Espírito Santo (cf. 1Cor 12,3). A vida dos que são batizados em Cristo é vida no Espírito Santo (cf. 1Cor 6,11; 12,3-13). Na compreensão de Gerhards e Kranemann, a base de toda pneumatologia litúrgica está em Romanos 8,15:

Assim como os apóstolos só podem começar sua missão após Pentecostes e assim após receberem o dom do Espírito, assim é o “Espírito da filiação de Deus” que permite que os cristãos confluam numa só voz no “Abbá, Pai” (Rm 8,15; Gl 4,6). [...] É o Espírito de Deus que capacita o homem para a celebração litúrgica<sup>116</sup>.

A Liturgia é, portanto, um acontecimento do Espírito que continua a obra de Cristo (cf. SC 6). Guiada pelo Espírito, ela nos ajuda a reconhecer que as fraquezas da pessoa humana, mergulhadas na páscoa renovadora de Cristo, encontram no Mistério Pascal o caminho da santificação. O Catecismo da Igreja Católica (n. 739) assim sintetiza:

Uma vez que o Espírito Santo é a unção de Cristo, é Cristo, a Cabeça do corpo, quem O derrama nos seus membros para os alimentar, os curar, os organizar nas suas mútuas funções, os vivificar, os enviar a dar testemunho, os associar à sua oferta ao Pai e à sua intercessão pelo mundo inteiro. É pelos sacramentos da Igreja que Cristo comunica aos membros do seu corpo o seu Espírito Santo e santificador.

#### **4. Obra de Cristo, obra da Igreja**

Quem celebra a Liturgia é a Igreja, Corpo de Cristo, ou, como afirma a SC 7, o Cristo total, cabeça e membros. O Cristo está em primeiro lugar. É Ele quem

---

<sup>115</sup> Cf. GERHARDS; KRANEMANN, ob. cit., p. 172.

<sup>116</sup> Ibid., p. 172.

oferece o sacrifício da missa, quem santifica e distribui as graças nos sacramentos, quem reza e louva o Pai nos sacramentais, na oração e no louvor divino.

A Igreja, nos seus ministros e nos seus fiéis, são instrumentos de Cristo que age, associando os seres humanos a si<sup>117</sup>. Se a iniciativa da assembleia litúrgica é de Deus, então aos fiéis compete ouvir e responder à convocação divina.

A assembleia litúrgica não tem fim em si própria nem está centrada em si mesma: dirige-se a Deus, que se revelou em Jesus Cristo. A resposta da comunidade pode assumir formas tão variadas como as próprias assembleias litúrgicas. Ao lado da ação de graças e do louvor entram também as preces de súplica, de modo que também nas formas de preces e aclamações se levem em consideração as realidades de vida dos que formam assembleia.

Na obra de Cristo se realiza a salvação do ser humano: pela força de sua encarnação, paixão, morte e ressurreição. Deus assume a história humana para redimi-la, para resgatá-la. O conceito de mistério pascal resume a totalidade do acontecimento salvífico em Jesus Cristo: e é esse acontecimento que a Liturgia rememora, celebrando-o como atual e esperando sua plenificação em nós (cf. SC 5). O mistério pascal é o acontecimento central da fé cristã. A Igreja não só comunica esta verdade, mas a celebra, fazendo com que homens e mulheres participem da salvação operada por Cristo.

A Liturgia se fundamenta sobre dois aspectos abordados pelo papa Pio XII, em sua encíclica *Mediator Dei*. É externo, conforme o papa explicita, porque exige a natureza do ser humano que se expresse pelos sentidos, mas também porque pertence não somente ao particular, mas à coletividade humana. A Liturgia em seu aspecto externo é o meio que põe em evidência a unidade do corpo místico de Cristo com sinais que remetam a humanidade a Deus, nutrindo a piedade, fomentando a caridade, aumentando a fé. Contudo, o elemento essencial deve ser o interno, viver sempre em Cristo, dedicar-se todo a ele, a fim de que nele, com ele e por ele, dê-se a devida glória ao Pai (cf. DH 3841-3843).

A SC aprofunda esta perspectiva: assim como Cristo foi enviado pelo Pai e os apóstolos por Cristo, a Igreja, pela tradição apostólica, torna-se comunicadora deste mistério (cf. SC 6). Mergulhados nas águas do batismo, somos inseridos no mistério

---

<sup>117</sup> Cf. VAGAGGINI, ob. cit., p. 240.

pascal de Cristo<sup>118</sup>. Adotados como filhos (cf. 1Jo 3,1) tomamos parte na ceia do Senhor, anunciando a sua morte até que ele venha (cf. 1Cor 11,26). Desse modo, a Liturgia manifesta dois movimentos: o da Igreja como continuadora da obra de Cristo, e o da Igreja como realidade que deve ser edificada no coração de cada homem e de cada mulher que crê, configurados a Cristo como verdadeiros adoradores que o Pai procura (cf. Jo 4,23).

#### **4.1. Espiritualidade litúrgica e vida cristã**

A Liturgia é obra de Cristo sacerdote e de seu corpo, que é a Igreja. Cristo, o primeiro “Liturgo”, age na Igreja e no mundo em virtude do mistério pascal continuamente celebrado, e associa a si mesmo a Igreja peregrina, para o louvor do Pai, na unidade do Espírito Santo. A configuração a Cristo se torna o caminho para uma espiritualidade litúrgica. Em Cristo e no seu Espírito, toda a existência cristã se torna sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, autêntico culto espiritual (cf. Rm 12,1).

Em sua homilia no encerramento da XX Jornada Mundial da Juventude, em Colônia (2005), o papa Bento XVI diz:

O que está a acontecer? Como pode Jesus distribuir o seu Corpo e o seu Sangue? Ao fazer do pão o seu Corpo e do vinho o seu Sangue, Ele antecipa a sua morte, aceita-a no seu íntimo e transforma-a numa ação de amor. Aquilo que do exterior é violência brutal, torna-se do interior um gesto de amor que se doa totalmente. Foi esta a transformação substancial que se realizou no cenáculo e que estava destinada a suscitar um processo de transformações cuja finalidade última é a transformação do mundo até àquela condição em que Deus será tudo em todos (cf. 1 Cor 15, 28). Desde sempre, de qualquer forma, todos os homens aguardam no seu coração uma mudança, uma transformação do mundo. Pois este é o único ato central de transformação capaz de renovar verdadeiramente o mundo: a violência transforma-se em amor e, por conseguinte, a morte em vida. E porque este ato transforma a morte em vida, a morte como tal já está superada a partir do seu interior, já está presente nela a ressurreição<sup>119</sup>.

Este movimento de transformação, explicitado pelo papa Bento XVI, mostra a ideia do agir da Igreja que se traduz na vida cristã, na configuração dos cristãos a

---

<sup>118</sup> Cf. Rm 6,4; Ef 2,6; Cl 3,1; 1Tm 2,11.

<sup>119</sup> BENTO XVI, Papa. Homilia de encerramento da XX Jornada Mundial da Juventude. 2005.

Cristo. O exercício do *múnus* sacerdotal dos fiéis manifesta a própria identidade da Igreja e sua missão salvadora (cf. LG 10).

Eis um dos grandes acenos da reforma litúrgica: não simplesmente buscar a inteligência dos sacramentos, mas sua participação consciente, piedosa, ativa. Liturgia não é o discurso sobre o culto cristão, mas, principalmente, sua celebração, que é a expressão e a revelação do mistério de Cristo e da autêntica natureza da Igreja (cf. SC 2)<sup>120</sup>.

Na Liturgia o Senhor dá continuidade, no seio de sua Igreja, à obra da nossa redenção<sup>121</sup>. A presença de Cristo não é algo estático, mas dinâmico, Ele dá continuidade à sua obra no seio de sua Igreja, comunicando a sua vida que é graça, que é antecipação da eternidade.

Na dinâmica da celebração eucarística, a assembleia congregada responde ao seu Senhor que deu ordem de iteração (cf. Lc 22,19b). Na aclamação memorial, proposta para a oração eucarística V, isto se manifesta muito claro: “Toda vez que se come deste pão, toda vez que se bebe deste vinho se recorda a paixão de Jesus Cristo e se fica esperando sua volta”. Nesta formulação da Liturgia romana voltamos a encontrar descritos os três momentos que são próprios de cada celebração sacramental: a memória do acontecimento salvífico, que teve lugar no passado; a presente ação de graças no contexto da celebração; e a antecipação da glória vindoura<sup>122</sup>.

A Igreja, convocada para a celebração litúrgica, renova sempre a experiência da verdade da seguinte afirmação: “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para toda a eternidade” (Hb 13,9). Aquele Jesus que, ontem, num momento histórico específico, viveu o mistério da sua encarnação, paixão, morte e ressurreição, é o mesmo Jesus de quem, hoje, no tempo que passa, renova sacramentalmente o mistério da salvação, de tal modo que todos possam ter acesso a ele. E é sempre o mesmo Jesus que a Igreja espera voltar na glória, mas que preliba, desde já, a alegria da sua presença e da sua obra plenificadas. Ele está sempre presente em sua Igreja, de tal modo que quando a Igreja realiza um sacramento, é ele quem o faz (cf. SC 7).

---

<sup>120</sup> Cf. GRILLO, A. Liturgia exercício do sacerdócio de Cristo, cabeça e membros, na SC e dos demais documentos do Concílio Vaticano II. 2014. p. 8-25.

<sup>121</sup> BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* n. 2.

<sup>122</sup> Cf. MARINI, G. A linguagem da Celebração Litúrgica.



A Liturgia celebra o mistério cristão ritualmente. Torna presente, historicamente, as ações salvíficas de Deus por meio de símbolos. Na dimensão ritual, a Liturgia oferece a possibilidade de nos descolocarmos para o fato celebrado, fazendo-o de tal modo atual, que ele comunique libertação, vida nova. Exemplo disso é o rito do Batismo: na passagem pela água, professando a fé trinitária, reportamo-nos ao mistério da morte e ressurreição de Cristo, em quem nos tornamos herdeiros de uma nova vida. Daí, o que é oferecido como dom, torna-se um compromisso: o renascimento pelas águas do batismo nos leva a viver como nova criatura em Cristo.

O tempo da Igreja é a continuação do tempo de Cristo, que, graças à ação litúrgica, se faz continuamente presente na Igreja e nela em todos os cristãos. Cristo continua a missão do Pai com sua vida e com seu Evangelho. Toda a vida litúrgica se constrói em torno dos sacramentos (cf. SC 6), que são celebração da ação salvífica de Cristo na Igreja. São sinais perceptíveis pelos sentidos, ou melhor, uma ação feita de palavras e gestos, que realiza o que significa. São momentos síntese da história da salvação.

#### **4.2. A dimensão sacramental da Liturgia**

Na perspectiva de Odo Casel, a estrutura sacramental da celebração da Liturgia se torna o lugar ontológico do encontro entre a graça e o assentimento pessoal e comunitário da fé, como escreveu numa carta a um amigo: “a primeira intuição acerca da *Mysterienlehre* veio-me durante a Liturgia, na celebração da Missa solene. A vida pode derivar somente da vida... A verdadeira ‘santa fonte’ foi a própria celebração da Liturgia”<sup>123</sup>. A partir da experiência pessoal da fé na celebração litúrgica, o seu pensamento mostra que o ato sacramental é o lugar no qual se experimenta a presença salvadora de Deus.

No discurso teológico sobre *mysterion*, Casel aponta uma definição: o mistério é uma ação sagrada de caráter cultural na qual um fato salvífico realizado por um deus, sob forma de rito se torna atualidade; uma vez que a comunidade cultural que realiza este rito participa do fato salvífico e conquista de tal modo a salvação<sup>124</sup>.

Segundo Casel, *mysterion* significa originariamente não uma doutrina, mas uma experiência místico-cultural do divino, que não se consegue exprimir

---

<sup>123</sup> Cf. MARSILI, S. A Liturgia, momento histórico da salvação. 1986. v. I. p. 7.

<sup>124</sup> Cf. CASEL, ob. cit., 43-45.

racionalmente<sup>125</sup>. Por conseguinte, não nos tornamos cristãos através da adesão à doutrina, mas pelo acolhimento pessoal do Ressuscitado, reconhecido mediante os símbolos da sua memória ritual-pascal, com a qual no sacramento se relaciona com o próprio Jesus Cristo. O papa Bento XVI completa esse pensamento, afirmando que “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”<sup>126</sup>. Porque Cristo vive na Igreja mediante a fé e mediante os mistérios<sup>127</sup> e através do mistério Cristo vive na Igreja, age dentro da Igreja e com a Igreja, a conserva e vivifica<sup>128</sup>.

A Liturgia é continuação e atualização do mistério de Cristo e da história da salvação, celebrados como memória e presença por meio de ritos e sinais sensíveis (cf. SC 7). Com o conceito de *mysterion* é possível estabelecer a relação dos sacramentos e das ações litúrgicas com o acontecimento cristológico e com o mistério da sua presença na Igreja, como Casel explica:

o mistério de Cristo é, segundo as cartas paulinas, o próprio Jesus Cristo na sua realidade total, isto é, a revelação de Deus no seu Filho encarnado, aquela revelação que culmina na morte sacrificial e na glorificação do Senhor. Ao contrário, o mistério do culto é a reapresentação e renovação espiritual do mistério de Cristo, de tal modo que se torna possível para nós fazer parte no mistério de Cristo. O mistério do culto, é portanto, um meio com o qual o cristão vive no mistério de Cristo<sup>129</sup>.

Liturgia é o momento histórico da salvação, como considera Salvatore Marsili, o tempo da Igreja é a continuação do tempo de Cristo, não por razões de simples sucessão temporal, ou seja, porque vem “depois” de Cristo. A linha de continuação que liga o tempo da Igreja ao tempo de Cristo é constituída pela Liturgia<sup>130</sup>.

Rahner, considerando a Igreja como primeiro sacramento, pontua: “[...] a Igreja não é só instituição de salvação, mas a continuação, a presença de Cristo que se prolonga em sua missão salvadora”<sup>131</sup>. E acrescenta: “a Igreja é a presença, através dos

---

<sup>125</sup> Cf. *ibid.*, p. 55.

<sup>126</sup> BENTO XVI, Papa. Carta encíclica *Deus caritas est*, 1.

<sup>127</sup> Cf. *ibid.*, p. 32.

<sup>128</sup> Cf. *ibid.*, p. 101.

<sup>129</sup> *Ibid.*, p. 68.

<sup>130</sup> Cf. MARSILI, S. “Liturgia”, verbete. In: SARTORE; TRIACCA, ob. cit., p. 639-651.

<sup>131</sup> RAHNER, K. *Os sacramentos da Igreja*. São Paulo: Ed. Paulistas, 1992. p. 21.

mistérios da graça de Cristo na história pública da humanidade”<sup>132</sup>. Toda a vida litúrgica da Igreja gravita em torno dos sacramentos (cf. SC 6). Estes celebram a ação salvífica de Cristo na Igreja nascida da Páscoa.

### 4.3. Na escola da *lex orandi*

A economia sacramental consiste na comunicação do Mistério Pascal de Cristo (cf. CIC 1076). Quando a Igreja celebra os sacramentos, confessa a fé recebida dos apóstolos. Daí o antigo adágio: *lex orandi, lex credendi*, a lei da oração é a lei da fé. A Igreja traduz, na sua profissão de fé, aquilo que expressa na sua oração (cf. CIC 1124).

A Liturgia é, portanto, o lugar dos sacramentos e a sua celebração é uma verdadeira pedagogia da fé e da experiência cristã<sup>133</sup>. A celebração do mistério na Liturgia é, portanto, a atualização do próprio mistério pascal de Cristo e esta mesma celebração sacramental requer a ministerialidade da Igreja, que ritualiza a fé naquele único mediador entre Deus e os homens, que nos deu a plenitude do culto divino (cf. SC 5). A Liturgia é, desta forma, a ação ministerial da Igreja que torna presente o mistério de Cristo, isto é, o prolongamento visível do mistério e ministério salvífico de Cristo na Igreja.

De acordo com Rahner, a Igreja é a história oficial e explícita da revelação e os sacramentos são eventos particularmente marcados de uma história da salvação, que se identifica com a vida do ser humano e sua totalidade<sup>134</sup>. A Igreja é, por isso, vista como sacramento fundamental da salvação, isto é, o sinal, a manifestação histórica da autocomunicação divina, em que se insere a celebração litúrgica.

A Igreja é o sacramento universal da salvação e os sacramentos podem ser descritos como celebrações centrais da Igreja, cuja natureza está ordenada à santificação dos fiéis e edificação do corpo de Cristo.

A Liturgia aparece como momento dessa história da salvação que está centrada em Cristo. Assim, a Liturgia se transforma num acontecimento salvífico, no qual culmina e encontra cumprimento o anúncio que, desde o Antigo Testamento, prefigurava a vinda de Cristo. Marsili afirma:

---

<sup>132</sup> Ibid, p. 25.

<sup>133</sup> Cf. CORDEIRO, ob. cit., p. 24.

<sup>134</sup> Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. 1997 (2ª ed). p. 541.

A Liturgia é, portanto, um momento-síntese da história da salvação porque engloba “anúncio” e “acontecimento”, isto é, Antigo Testamento e Novo Testamento; mas, ao mesmo tempo, é o momento último da mesma história, porque sendo a “continuação da realidade” que é Cristo, seu dever é o de aperfeiçoar, gradualmente, em cada ser humano e na humanidade, a imagem plena de Cristo.<sup>135</sup>

## 5. Perspectiva dialogal da Liturgia: santificação do ser humano e glorificação de Deus

Na Liturgia acontece um duplo movimento: a glorificação de Deus e a santificação dos fiéis (cf. SC 7). Ao associar a si a Igreja, Cristo presta culto ao Pai (cf. SC 7). Como dissemos, a Liturgia nos faz olhar para a origem e, além disso, retomar o caminho. Isso, no pensamento de Ratzinger, é dito como sendo o *reditus*, o regresso para a casa, que significa salvação<sup>136</sup>.

A presença de Cristo na Liturgia é intermediada, efetivamente, pelas pessoas, pelos símbolos, pelos sinais. Isso exige da linguagem litúrgica o esplendor da nobre simplicidade (cf. SC 34), para que ela comunique a verdade de Cristo. Não se trata de banalizar o rito de forma simplista. Na Liturgia nos é concedido encontrar a relação intrínseca entre beleza, nobreza e simplicidade.

Na Liturgia não se busca o subjetivismo do ministro que preside o culto, tampouco a expressão cultural de um tempo e, muito menos, corresponder às variantes de gosto e de opiniões da assembleia litúrgica. Busca-se a verdade de Cristo. Todas as realidades que envolvem a celebração se colocam no lugar de servas desta verdade. O Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia, *Sacramentum Caritatis* (n. 35), assim se expressa:

A relação entre mistério acreditado e mistério celebrado manifesta-se, de modo peculiar, no valor teológico e litúrgico da beleza. De fato, a Liturgia, como aliás a revelação cristã, tem uma ligação intrínseca com a beleza: é esplendor da verdade, *veritatis splendor* [...]. Referimo-nos aqui a este

<sup>135</sup> MARSILI, S. A Liturgia, momento histórico da salvação. 1986. v. I. p. 108.

<sup>136</sup> Cf. RATZINGER, Introdução ao espírito da liturgia, p. 22.

atributo da beleza, vista não como mero esteticismo, mas como modalidade com que a verdade do amor de Deus em Cristo nos alcança, fascina e arrebatada, fazendo-nos sair de nós mesmos e atraindo-nos assim para a nossa verdadeira vocação: o amor [...]. A verdadeira beleza é o amor de Deus que nos foi revelado definitivamente no mistério pascal. A beleza da Liturgia pertence a este mistério; é expressão excelsa da glória de Deus e, de certa forma, constitui o céu que desce à terra [...]. Concluindo, a beleza não é um fator decorativo da ação litúrgica, mas seu elemento constitutivo, enquanto atributo do próprio Deus e da sua revelação. Tudo isto nos há-de tornar conscientes da atenção que se deve prestar à ação litúrgica, a fim de que brilhe segundo a sua própria natureza.

### **5.1. O encontro que redimensiona o próprio ser**

Na celebração litúrgica não é o fiel que, “escavando” o tempo, reporta-se ao tempo de Cristo, mas Cristo, sempre vivo e presente, que atrai a si todo ser humano na órbita da sua ação sacerdotal, sacrificial e mediadora, que transcende todo espaço e tempo. A linguagem da Liturgia se faz serva do mistério: sua função é nos remeter a Cristo e ao seu mistério. Nega-se, nesse caso, que o subjetivismo determine a Liturgia e esta, ao invés de ser o falar de Deus aos seres humanos, seja o falar do ser humano a si mesmo. Conclui-se, com isso, que na celebração litúrgica é preciso acolher o mistério que se revela.

Edward Schillebeeckx apresenta uma ideia bastante significativa, na qual a dinâmica sacramental é constituída na perspectiva de um encontro com Deus. E a Liturgia constitui o vértice da sacramentalidade cristã<sup>137</sup>. Desse modo, este encontro visto da parte de Deus é revelação, e da parte do ser humano é religiosidade<sup>138</sup>. Por conseguinte, a intersubjetividade do crente com Cristo, o sacramento primordial, é o acontecimento fundamental da religião cristã como comunidade de pessoas com as três Pessoas divinas<sup>139</sup>.

Cristo glorioso e os seus mistérios, que são a manifestação plena de Deus, constituem os sacramentos primordiais. Os sacramentos são ações salvíficas pessoais de Cristo, na forma visível das ações da Igreja. Nas ações de Cristo há um duplo aspecto: o

---

<sup>137</sup> Cf. SCHILLEBEECKX, E. Cristo, sacramento do encontro com Deus: estudo teológico sobre a salvação mediante os sacramentos. 1968. p. 210.

<sup>138</sup> Cf. *ibid.*, p. 32.

<sup>139</sup> Cf. *ibid.*, p. 32.

culto a Deus e a santificação dos seres humanos. Schillebeeckx justifica que os sacramentos são uma anamnese, isto é, são celebração mistérica do sacrifício histórico da cruz. Os sacramentos são também percebidos como dom atual da graça, porque o sujeito que recebe o sacramento é inserido na atualidade da Redenção. Ainda, os sacramentos são uma germinal antecipação da parusia escatológica, porque sinalizam, em nosso tempo, o mistério da redenção final e, de alguma forma, colocam-nos no compromisso da busca deste tempo<sup>140</sup>.

Nessa dinâmica na Liturgia acontece o encontro sacramental do ser humano e de Cristo na Igreja, que é o início presente e, ao mesmo tempo, sinal da salvação escatológica.

A Liturgia simboliza, por meio de sinais sensíveis, e realiza em modo próprio a santificação dos membros (cf. SC 7). Na Liturgia, os fiéis, “saciados pelos mistérios pascais, são impelidos a viverem em união perfeita com o Senhor” (SC 10). Mediante os sacramentos, o Senhor nos acolhe em sua misericórdia redentora. A Liturgia, com efeito, explicita os gestos específicos da Igreja como manifestação sensível da vontade de Cristo.

Segundo Bruno Forte, para o cristão, celebrar os sacramentos é levar a Cristo a verdade da própria existência, uma vez que na Liturgia visualizamos que a graça se apresenta no dia a dia do ser humano como antecipação e penhor da eternidade com Deus<sup>141</sup>.

Na Liturgia o cristão está mergulhado no mistério profundo de amor. A celebração litúrgica nos insere no mistério trinitário. O “amém”, que através de nossa vida somos convidados a proclamar, significa vivenciar a graça sacramental. Celebrar a Liturgia significa, então, vivenciar o encontro com Cristo no qual temos a redenção dos pecados. Por ele, que é a imagem do Deus invisível, cabeça do corpo que é a Igreja, Deus reconciliou consigo todos os seres, a fim de que possamos ser santos, íntegros e irrepreensíveis (cf. Cl 1, 12-22).

---

<sup>140</sup> Cf. *ibid.*, p. 51-52.

<sup>141</sup> Cf. FORTE, B. *Introdução aos Sacramentos*. 1996. p. 35.

## 5.2. A santificação do ser humano e a glorificação de Deus

A santificação do ser humano consiste em acolher o dom concedido por Deus; em buscar a vida nova em Cristo (cf. Rm 8,5-8); em partir da mesa do altar para a vida, no testemunho cristão. A Liturgia proporciona o movimento de renovação da própria vida, de superação das misérias, de transformação das estruturas de violência e de morte em estruturas de comunhão e justiça. Nesse ponto, temos muito que compreender, porque a natureza da Liturgia pressupõe uma estreita ligação entre o mistério celebrado e o mistério vivido.

A reforma litúrgica investiu muito na qualidade das celebrações. No entanto, por vezes, perdemos-nos no esteticismo e na aparência do rito. Existe uma preocupação exagerada com a execução do rito, sem dispensar a devida importância ao sentido que ele comunica. A Liturgia quase se perde em modelos que atendam aos gostos pessoais, em formas atraentes e envolventes, em linguagens que supram as demandas do homem hodierno. No entanto, acaba por se tornar estéril, pouco verdadeira, sem união. O mistério celebrado, nesse caso, é esvaziado e não reflete a vida e nem traz implicações para esta. Guardini insistia nesta ideia: “O fiel quando participa vitalmente da Liturgia, deve tomar consciência que ora e age como membro da Igreja, portanto deverá aspirar tal comunhão com os demais fiéis”<sup>142</sup>.

A Liturgia, enquanto fonte e ápice da vida cristã (cf. SC 10), deve se traduzir em espiritualidade, ou seja, em vida segundo o Espírito (cf. Rm 8,4). Em Cristo e no seu Espírito, toda a existência cristã se torna um sacrifício vivo e agradável a Deus, isto é, um autêntico culto espiritual. O que se traduz em atitudes de adoração e ação de graças, em uma vida de serviço a Deus e aos irmãos.

A história da salvação, ritualizada nas ações litúrgicas, é o cumprimento em nós, num movimento aberto e ascendente até a plenitude do mistério de Cristo, que a Igreja celebra. O que aconteceu de uma vez para sempre na vida histórica de Jesus, torna-se sacramentalmente presente à sua Igreja que desde os primórdios se edifica na perseverança na oração, na escuta da Palavra, na fração do pão e na vida fraterna (cf. At 1,14).

O que buscamos na Liturgia? Buscamos a experiência do mistério de Deus, do totalmente Outro e, nele, buscamos conhecer a nós mesmos. Nesta empreitada, na

---

<sup>142</sup> GUARDINI, ob. cit., p. 44.

busca pela experiência do mistério de Deus, descobrimos o mistério do ser humano. A Liturgia é humanizadora e nos provoca à humanização do mundo. Quem se encontra com o Cristo não consegue guardá-lo para si. Ao contrário, quer comunicá-lo aos irmãos (cf. Lc 24,33). Quem faz a experiência de salvação deseja, em Cristo, salvar os irmãos.

O significado do rito está no fato de ele imprimir em nós a força do evento fundador de nossa fé e em nos fazer edificar na história aquilo que pelo mistério celebrado podemos contemplar. Como o sacerdócio de Cristo se efetiva em seu sacrifício existencial, o sacerdócio comum dos batizados também se realiza quando, pela Liturgia e a partir dela, desdobra o sacrifício de Cristo, associando a Ele suas próprias entregas cotidianas. A vida cristã, que floresce em meio a desafios, provocações, sofrimentos, alegrias, vitórias e esperanças é colocada na celebração em unidade com Cristo. Nas mãos que se elevam em prece, Deus faz com que cada filho chegue à Hora de seu Filho, com ele apresentando os clamores de toda a humanidade. Difunde-se para os membros a capacidade de doação e de compaixão que provém do Cristo-Cabeça, sacerdote e vítima, nossa única oblação, oferenda e sacrifício.

Na medida em que interiorizamos e compreendemos esta estrutura e assimilamos as palavras da Liturgia, podemos entrar nesta consonância interior e não só falar com Deus como indivíduos, mas entrar na dinâmica do “nós” da Igreja que reza. Dessa forma transformamos também o nosso “eu”, formando Igreja, rezando com ela e dialogando com Deus. Este “nós” forma uma realidade, nomeada Igreja, que são mais que os ministros ordenados ou os fiéis, apenas, mas que se constitui comunidade de comunhão universal, que alcança a todos os lugares, ultrapassando o limiar do tempo, para se deixar alcançar pela própria eternidade<sup>143</sup>.

Por conseguinte, a participação consciente, concreta e frutuosa na Liturgia, que proporciona a santificação dos fiéis e a glorificação de Deus, verifica-se na medida em que cada um e todos compartilham do agir da Igreja, que tende ao Esposo, deixando-se envolver pela sua obra, que é sacrifício de amor ao Pai pela salvação do mundo.

---

<sup>143</sup> Cf. RATZINGER, *Introdução ao espírito da liturgia*, p. 127.



Na celebração litúrgica, quando todo o povo de Deus se reúne em participação plena e ativa na mesma ação, em torno do mesmo altar, na unidade de oração, dá-se a maior manifestação da Igreja.

O essencial é que, ao fim, seja superada a diferença entre o agir de Cristo e o nosso próprio agir, que haja uma progressiva harmonização entre sua vida e a nossa vida, entre seu sacrifício de adoração e o nosso, de tal maneira que exista um único agir, seu e, ao mesmo tempo, nosso (cf. 1 Cor 15,20-28). O Documento de Puebla sintetizou isso, quando afirmou que a “Liturgia é força no peregrinar, a fim de levar a termo, mediante o compromisso transformador da vida, a realização plena do Reino, segundo o plano de Deus” (n. 918).

Este aceno faz com que a Liturgia seja compreendida em sua dimensão terrestre e celeste. Como encontramos na Constituição conciliar: “na Liturgia da terra nós participamos, saboreando-a já, da Liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual nos encaminhamos como peregrinos, onde o Cristo está sentado a direita de Deus” (SC 8). Visto que a plena santificação do ser humano e a verdadeira glória de Deus, estão na manifestação de Cristo em nossa vida, que nos faz estar com ele em sua glória (cf SC 8).

## Capítulo III

### A CENTRALIDADE DO MISTÉRIO PASCAL DE CRISTO

*“O filho mais novo pergunta:*

*Por que motivo é esta noite tão diferente das outras noites?”*

*(Séder haggadáh šel pésach)<sup>144</sup>*

Com este capítulo buscamos reafirmar a centralidade do mistério pascal na Liturgia. A Igreja jamais deixou de se reunir para celebrá-lo (cf. SC 6). Na Liturgia, celebração do mistério pascal, Deus é perfeitamente glorificado e os seres humanos são santificados, e Cristo associa a si a Igreja, sua amada esposa, que o invoca como Senhor, e por ele presta culto ao Pai (cf. SC 7). A Liturgia, de modo particular, a eucaristia, renova a aliança do Senhor com os fiéis, e nos estimula à vida cristã (cf. SC 10). Partiremos do pressuposto de que a Igreja continua a obra de Cristo, também pela dinâmica sacramental que, por meio de sinais sensíveis, realiza em modo próprio a cada um a santificação (cf. SC 7).

#### 1. O mistério pascal na Liturgia

A teologia litúrgica do Concílio Vaticano II expressa, na *Sacrosanctum Concilium*, que a Liturgia está fundamentada no Mistério Pascal de Cristo:

Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, que tem o seu prelúdio nas maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a o Cristo Senhor, especialmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão; por este mistério, Cristo “morrendo destruiu a nossa morte e, ressurgindo, deu-nos a vida” (SC 5).

O conteúdo da expressão “obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus”, prenunciada no Antigo Testamento, realiza-se plenamente no Mistério Pascal de Jesus. Aqui está o núcleo mais profundo do evento redentor<sup>145</sup>. Mais que ação de um homem, trata-se de uma ação de Deus, que assume todas as ações

---

<sup>144</sup> Ritual da Celebração da Páscoa.

<sup>145</sup> Cf. RATZINGER, J. La discusión sobre el espíritu de la Liturgia. 2012. v. XI. p.483.

históricas de Jesus, por meio de sua morte e ressurreição. A ressurreição é um acontecimento dentro da história que, contudo, rompe o âmbito da história e o ultrapassa. A Igreja, “jamais deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal” (SC 6), fazendo da Liturgia o lugar teológico no qual experimentamos a eficácia desta ação.

O mistério pascal é o núcleo da Igreja e da Liturgia. A partir dele se configura a profunda relação entre teologia e culto. Trata-se de uma chave teológica que nos coloca na origem do novo povo de Deus, do novo culto, da nova aliança<sup>146</sup>. A Páscoa de Jesus Cristo, auge da revelação cristã, é a expressão máxima do desejo salvador de Deus (cf. SC 5), capaz de estabelecer justiça e recuperar a aliança com o ser humano, rompida pelo pecado.

Na perspectiva paulina, o mistério de Deus é o acontecimento-Cristo e a ação salvífica de Deus Pai nele, manifestados e realizados na plenitude dos tempos (cf. Cl 1,26-27). A passagem da morte à ressurreição, como triunfo da vida ante a morte e o pecado, e mediante a glorificação do Espírito Santo, é o núcleo do mistério oculto durante séculos no seio do Pai e agora revelado na história<sup>147</sup>.

Na celebração litúrgica aparece toda a riqueza do mistério pascal. Deus quis salvar o ser humano e levá-lo ao conhecimento da verdade (cf. 1Tm 2,4). Por isso intervém na história de seu povo eleito para que seja afastado da idolatria (cf. Ex 20,3) e instruído acerca do caminho do verdadeiro culto em espírito e verdade (cf. Jo 4,23). Nesse mistério se expressa a memória da aliança de Deus com o seu povo, sinalizada no altar erguido (cf. Ex 20,24), estabelecida definitivamente no cálice da nova aliança (cf. Lc 22,20). Portanto, o mistério pascal é o eixo da salvação, da reconciliação e do culto verdadeiro<sup>148</sup>.

O Antigo Testamento mostra a força da consciência de Israel em relação ao mistério da presença de Deus. Quando Deus se revela a Moisés, como o “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14), está envolvido o significado do ser e também o da presença, o da assistência, o do ser-com-Israel (cf. Ex 29,45). Sua presença vai sendo entendida como “morada”, como a *Shekinah* do Senhor junto do seu povo (cf. Lv 26,11-12). Deus está na tenda do encontro, onde se encontra a arca da Aliança e onde o povo é convocado para escutar, orar e prestar sacrifícios (cf. Ex 29,42-43). O templo, posteriormente, sinaliza esta presença (cf. 1Rs 8,10-11), embora exista a consciência da superioridade

---

<sup>146</sup> Cf. RATZINGER, J. La discusión sobre el espíritu de la Liturgia. 2012. v. XI. p.484.

<sup>147</sup> Cf. *ibid.*

<sup>148</sup> Cf. GIRAUDO, *Num só corpo*, p. 63-85.

de Deus, que não cabe num lugar, mas que escolhe um sinal para manifestar sua presença (cf. 2Cr 5,5-14).

O sinal da presença de Deus em meio ao seu povo permite uma comunhão cultural. Deus, na realidade, não está sujeito a um lugar, ele quer morar com seu povo. Sinal disso, é que, por ocasião do exílio, Deus, com sua glória, vai à Babilônia, lugar onde se encontra o seu povo. É o povo que se transforma em templo verdadeiro, morada de Deus; mais ainda: é o coração purificado e santificado que é o lugar da presença do Senhor (cf. Ez 36,26-27).

No mistério de Jesus culmina a presença de Deus no meio de seu povo. Ele mesmo, em si, já seria o próprio Reino de Deus: *autobasileia*. O próprio Jesus nos ajuda a entender isso: “Mas, se é pelo Espírito de Deus que expulso os demônios, então chegou para vós o Reino de Deus” (Mt 12, 28).

O mistério da presença de Jesus se torna pleno na experiência da ressurreição. Cristo está vivo e presente, é o vivente. Em seu corpo se acumularam todos os mistérios vividos na carne (cf. Jo 20,27). O Crucificado é o Ressuscitado. A presença do Ressuscitado fundamenta a convicção de fé dos discípulos, em continuidade com aquela experimentada antes de sua paixão<sup>149</sup>. E mesmo no tempo de sua ausência, sua presença é constante. Sobre isso, Paul Evdokimov, comentando um ícone da ascensão, diz que “a ascensão significa que a presença de Cristo muda de modalidade, é interiorizada. Não está mais diante de seus discípulos, diante deles (apenas biofisicamente); está presente em cada manifestação do Espírito, como está na Eucaristia”<sup>150</sup>.

Interessa-nos considerar a novidade da teofania do Ressuscitado, que consiste no fato de que Jesus é verdadeiramente o homem que sofreu e morreu, mas que agora vive de modo novo na vida do Deus vivo. Ele aparece aos discípulos como verdadeiro homem, mas glorificado com sua vida transformada por Deus. A presença do Ressuscitado faz arder o coração dos discípulos, ajudando-os a entender todas as coisas (cf. Lc 24,32). Tal presença redimensiona o caminho e faz ir de encontro à comunidade (cf. Lc 24,33), lugar onde o próprio Senhor se manifesta (cf. Jo 20,19-26).

Ao celebrar o mistério pascal, a comunidade de fé celebra, portanto, a presença do Ressuscitado que, junto do Pai e por força do Espírito Santo, realiza a obra de salvação da humanidade. No entanto, o enfoque de compreensão do mistério pascal,

---

<sup>149</sup> Cf. CASTELANNO, J. Liturgia e vida espiritual. 2008. p 141.

<sup>150</sup> EVDOKIMOV, P. O silêncio amoroso de Deus. 2010. p.129.

principalmente na eucaristia, varia historicamente, influenciando sobremaneira no modo de celebração da comunidade e do acesso a esse mistério. Nesse sentido, José Ariovaldo da Silva apresenta uma abordagem histórica da compreensão do mistério pascal na eucaristia, considerando-a em dois blocos, a saber, primeiro e segundo milênios, que devem ser compreendidos em seu aspecto teológico e não cronológico<sup>151</sup>.

O primeiro milênio teológico tem como principal fonte de reflexão teológica a centralidade do mistério pascal, que se realiza e se expressa de forma especial na eucaristia, que é a principal fonte da espiritualidade cristã. É em torno da eucaristia que os cristãos se reúnem e são alimentados para terem coragem de prosseguir sua caminhada no seguimento de Jesus, sentindo a força de sua presença.

Neste contexto se compreendia a eucaristia no culto e a partir do culto. Giraudo exemplifica isso se reportando às catequeses mistagógicas de Santo Ambrósio. Nelas, fica claro que a verdadeira compreensão do mistério passa pela própria Liturgia. Assim, para se compreender a eucaristia, basta um olhar atento para as preces eucarísticas da Igreja<sup>152</sup>. A própria iniciação à vida eucarística obedecia a uma metodologia: a mistagogia. O mistagogo ensinava o conteúdo teológico da eucaristia com um olhar nos seus ouvintes e outro no altar<sup>153</sup>, bem como o conteúdo dos outros sacramentos, atento aos sinais sacramentais que o realizam.

No segundo milênio teológico aconteceu um deslocamento de eixo na compreensão da celebração da eucaristia. A reflexão teológica sobre o mistério pascal e sua aplicação na Liturgia adquire características peculiares das quais vai se ausentando o essencial. Da centralidade do mistério pascal tão explícita no primeiro milênio, passa-se a uma reflexão mais voltada para uma teologia eucarística e dos santos, enfatizando-se a presença real de Jesus nas espécies consagradas.

Certa especulação racional da reflexão teológica passa para a celebração do mistério pascal e para os ritos a ponto de o povo não entender e não participar mais ativamente da celebração do mistério. Tudo se torna muitas vezes mera encenação e o essencial se perde, diluindo-se em atitudes, estilos artísticos, rubricas rígidas e devoções escrupulosas. Impõe-se no Ocidente o centralismo e a uniformidade romanos, com língua própria, o latim e gestos iguais para todas as Igrejas do Ocidente, salvo exceção da arquidiocese de Milão<sup>154</sup>.

---

<sup>151</sup> Cf. BUYST, I.; DA SILVA, J. A. O mistério celebrado, p. 25-41.

<sup>152</sup> Cf. GIRAUDO, C. Num só corpo, p. 7-13.

<sup>153</sup> Cf. BUYST, I.; DA SILVA, J. A. O mistério celebrado, p. 25-41.

<sup>154</sup> Cf. **ibid.**, p. 43-61.

Esse caminho é recebido pelo Movimento Litúrgico e pelo próprio Concílio Vaticano II, que por sua vez, não buscaram considerar a história numa dimensão antagônica. No final do século XIX, mas sobretudo no início do século XX, a partir dos avanços nas pesquisas das fontes bíblicas, patrísticas, litúrgicas, e até mesmo arqueológicas, do primeiro milênio, começou-se a perceber o quanto havíamos nos distanciado das tradições cristãs mais antigas e das raízes cristãs mais genuínas no que diz respeito à Liturgia.

## 2. A Liturgia na perspectiva conciliar

A centralidade do mistério pascal é preconizada pelo concílio que assume toda a história, tanto do primeiro quanto do segundo milênio. Na Liturgia este mistério é o grande polo irradiador de luz que fundamenta e fecunda toda a experiência cristã.

A teologia da Liturgia na perspectiva conciliar se assenta num esforço de resgate do que foi perdido ao longo da história da reflexão teológica. A vasta riqueza oriunda das pesquisas das fontes bíblicas e patrísticas possibilitou ao documento conciliar sintetizar a grande reflexão do movimento litúrgico acerca da centralidade do mistério pascal. Trata-se, na visão de Ruiz de Gopegui, de uma consequência lógica da concepção de Liturgia como presença e atualização da *historia salutis*<sup>155</sup>. Ele ainda completa: “sendo o mistério pascal o centro da história da salvação, ele deve ser o centro da Liturgia”<sup>156</sup>.

O texto conciliar se propõe a um verdadeiro resgate da compreensão e vivência da Liturgia como celebração do mistério pascal, como momento histórico da salvação. O que apresenta a Liturgia como a fonte mais excelente de espiritualidade cristã (cf. SC 10), superando a visão meramente exterior e utilitarista da Liturgia em favor de uma visão eminentemente teológica da mesma.

A Palavra de Deus é o anúncio da história salvífica, e a Liturgia é a celebração ritual deste evento. Ela realiza aquilo que significa em Cristo. O que nos coloca na dinâmica do próprio mistério celebrado.

A páscoa é a simbologia da passagem da morte para a vida. Portanto, o mistério pascal coloca a encarnação e toda a vida de Cristo num plano decididamente

---

<sup>155</sup> Cf. RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit., p. 35.

<sup>156</sup> Ibid.

litúrgico. A páscoa é também sacrifício e é ato de culto; através da oferenda de Cristo os seres humanos são libertados e alcançam o santuário, isto é, o culto perfeito (cf. Hb 10,19-22). Assim, compreende-se a centralidade desse mistério na Liturgia. Ao mesmo tempo em que este mistério constitui uma anamnese da obra da salvação, ele se apresenta como uma presença, como atualidade desta obra e, ainda, como anúncio de salvação, na perspectiva de uma consumação escatológica.

Marsili considera:

que é a páscoa de Cristo, senão o ponto de atuação de todo o mistério da salvação e o ponto de encontro dos momentos e acontecimentos nos quais o mistério se revela e se integra? E eis que já na mais antiga e primitiva tradição litúrgica conhecida (1Cor 11,26) tal sentido se revela: “Todas as vezes que comeis deste pão e bebeis deste cálice, anunciais a morte do Senhor até que Ele venha”<sup>157</sup>.

Nesse horizonte, a celebração litúrgica é mergulho no mistério pascal em sua inteireza. A Liturgia nos coloca diante “daquele que esteve morto, mas agora vive para sempre” (Ap 1,18). Na celebração continua a se repetir o que aconteceu no “lugar onde os apóstolos estavam reunidos” (Jo 20,19) depois da ressurreição de Cristo. Como eles, a comunidade reunida se encontra sempre com o Ressuscitado. Na Liturgia, hoje, tal como ontem, o Ressuscitado vem e se faz presente em nosso meio (cf Jo 19,19.26), convidando-nos a experimentar a força da sua vitória sobre a morte.

Somente fazendo a páscoa, isto é, passando deste mundo para o Pai, pela morte e pela sua ressurreição, é que Cristo levou a termo a salvação de toda humanidade. Esta, por sua vez, é chamada a reencontrar a comunhão com Deus, a morar em seu santuário (cf. Ef 2,19-20). O que acontece pelo “caminho novo que Cristo inaugurou para nós através da cortina de sua humanidade” (cf. Hb 10,19-20).

A Liturgia, e de modo excelente a eucaristia, sinaliza esta realidade. Comendo com o Senhor, bebendo do seu cálice, experimentamos o mistério de sua páscoa (cf. 1Cor 11,23-25). E cada celebração se torna uma experiência pascal, isto é, “uma passagem deste mundo para o Pai” (Jo 13,1).

A Liturgia é a continuação, em termos simbólico-rituais, da economia divina, portanto significa a história da salvação em ato<sup>158</sup>. Desse modo, a Liturgia é a celebração memorial do mistério de Cristo; enquanto tal é sempre presença de todo o mistério de Deus, que se encontra explicitado em seu Filho.

<sup>157</sup> MARSILI, S. A eucaristia teologia e história da celebração. 1986. v. III, p. 172.

<sup>158</sup> Cf. JAVIER FLORES, J. ob. cit., p 252.

A Liturgia, como realização do mistério pascal de Cristo, tem sua própria razão de ser a partir da presença de Cristo nas ações litúrgicas, o que inspira a própria estrutura ritual que a constitui. Ele, como Sumo Sacerdote, por meio de sua palavra e dos sacramentos, continua presente à sua Igreja.

### **3. A Igreja continua a obra de Cristo e a torna efetiva na Liturgia**

Na Liturgia a Igreja e cada um dos fiéis participam do mistério pascal de Cristo e entram no movimento desta história de salvação, operando com a caridade de Cristo a transformação de si mesmo e do mundo, antecipando na esperança o cumprimento escatológico do Reino de Deus. Do mistério pascal a Igreja nasce e continuamente se alimenta (cf. SC 5).

A base da celebração litúrgica é Jesus Cristo. A Liturgia só é compreendida e celebrada de modo pleno em Cristo e em seu corpo místico que é a Igreja, nascida do lado do Senhor adormecido na cruz. Nesse sentido, Cristo é a nossa reconciliação e a plenitude do culto divino (cf. SC 5). A morte e ressurreição de Cristo constituem, portanto, o conteúdo do mistério cultural, de tal modo que Cristo é o sujeito que realiza a ação e a Igreja se torna sua cooperadora na ação cultural.

O ato salvador, acontecido historicamente, transcende as dimensões espaço-temporais e alcança o presente, pois sacramentalmente Cristo está presente em nossa história. Trata-se de uma presença real e objetiva. Segundo Casel, o mistério do culto é a rerepresentação e renovação ritual do mistério de Cristo, de modo que se torna possível, para nós, entrar e fazer parte desse seu mistério. Esse mistério de culto é, portanto, um meio com o qual o cristão vive no mistério de Cristo, de modo atualizado. O mistério de Cristo alimenta o mistério do culto para que nós possamos chegar à realidade do mistério de Cristo<sup>159</sup>.

Louis Bouyer apresenta o caráter performativo da páscoa, em que a experiência de Cristo nos assume e nos arrasta. A páscoa é Cristo que morreu e ressuscitou de uma vez para sempre, fazendo com que partilhássemos da sua morte e ressuscitássemos para a sua vida. Ele reitera:

---

<sup>159</sup> Cf. CASEL, ob. cit., p 13-20.



Não é simples comemoração; a Páscoa é a Cruz e o Sepulcro vazio hoje presentes. [...] Eis o mistério da Páscoa: com a Sua Cabeça imutável, o corpo que é a Igreja sempre a renovar-se, toma parte na Ceia, estende-se na Cruz e desce ao Sepulcro para dele sair ao terceiro dia<sup>160</sup>.

Assim, a Liturgia nos coloca diante desta realidade salvífica: é Cristo quem age nela e não podemos agir a não ser por ele e com ele. Por nós mesmos não podemos construir nosso caminho para Deus<sup>161</sup>. Esse caminho não se abre até que Deus mesmo se torne o caminho. De tal forma que, na Liturgia, o próprio Logos divino se comunica a nós de modo profundo, pois assumiu a integralidade de nossa humanidade, a fim de nos unir a ele, de nos fazer um só corpo.

Deus se revelou a nós para que o conhecêssemos e pudéssemos fazer comunhão com ele. A Liturgia, nesse sentido, deve nos fazer voltar a ele. Simbolicamente, isso é expresso desde os primórdios da Igreja: a orientação do edifício do culto para o Oriente é a expressão da síntese cristã do Cosmos, da História, da consolidação dentro da singularidade da História da Salvação e da aproximação do Senhor que há de vir<sup>162</sup>. O símbolo cósmico do sol nascente, para Ratzinger, é a expressão da universalidade que é superior a todo lugar, afirmando, ao mesmo tempo, o concreto da revelação de Deus. A nossa oração se insere na dinâmica da peregrinação dos povos rumo a Deus.

Além disso, outra realidade simbólica que chama a atenção é o hábito de erigir o altar por cima de túmulos de mártires, que perpetuam a entrega do Cristo ao longo da história, de modo que eles são o altar vivo da Igreja, construído não por pedras, mas sim por reais testemunhas que se tornaram membros do Corpo de Cristo. Cristo é oriente da Liturgia. O olhar de todos deve convergir a Ele, como Aquele que realiza na Liturgia a obra da salvação<sup>163</sup>. A celebração da Igreja, nesse caso, tem como ponto de partida e como fim último, o mistério pascal do Cristo, no qual somos mergulhados e pelo qual, no Espírito, configuramo-nos como filhos no Filho.

A Liturgia, portanto, não é entendida fora de sua relação com o sacerdócio de Cristo e com a ação do Espírito Santo. Ela é a ocasião em que a Igreja se manifesta mais plenamente como sacramento de Cristo. Desse modo, o mistério da Liturgia é sacramental. Isto é, comunica uma realidade primordial que é sobrenatural e invisível,

---

<sup>160</sup> BOUYER, L. O Mistério pascal: meditação sobre a liturgia dos últimos três dias da semana santa. 1969. p. 320.

<sup>161</sup> Cf. RATZINGER, J. La discusión sobre el espíritu de la Liturgia. 2012. v. XI. p.486.

<sup>162</sup> Cf. RATZINGER, J. Introdução ao espírito da liturgia. p. 56.

<sup>163</sup> Cf. *ibid.*, p. 57-59.

por meio de um sistema de elementos visíveis e pertencentes a nossas realidades temporais. Trata-se de uma ação que procede do Pai, realiza-se em Cristo pelo Espírito Santo, e mediante esse mesmo Espírito nos incorpora ao culto de Cristo para nos levar ao Pai. Cristo é o ator principal do mistério da Liturgia, que é o próprio mistério de Cristo<sup>164</sup>.

A realidade litúrgica é Cristo. Cristo presente, o que foi imolado e agora é glorioso; que transmite a sua vida divina, real e objetivamente; que exerce a função de mediação de um determinado modo, sob o véu de coisas sensíveis e simbólicas. A Liturgia é um ministério, um serviço à epifania de Deus que acontece mediante o significado de palavras e gestos realizados na ação litúrgica.

A Liturgia é a suprema realização da Igreja e a sua mais forte manifestação. O fruto da Liturgia é a edificação da própria Igreja, mediante os cristãos, como templo de Deus destinado ao louvor de sua glória<sup>165</sup>. É na Liturgia que se recapitula toda a realidade de Cristo, imagem do ser humano, restaurando todas as criaturas em conformidade com o projeto de Deus. A Liturgia é, também, imagem da Igreja, pois nela se revela sua própria natureza: ser sinal da presença salvadora de Cristo.

A Igreja presta culto a Deus e celebra a Liturgia precisamente como Corpo de Cristo. A Igreja é, concomitantemente, agente do culto e conteúdo do próprio culto<sup>166</sup>, de modo que o culto litúrgico manifesta à Igreja a presença de Cristo ao mesmo tempo em que a faz sinal da presença dele. Poderíamos dizer que nos tornamos aquilo que celebramos. Incorporados à Igreja pelo Batismo, recebemos o caráter que nos delega para o culto cristão, e a graça de professar a fé que recebemos (cf. LG 11), “pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo” (1Cor 12,13).

Nas celebrações litúrgicas encontramos a vivência mais plena do mistério da Igreja. É na Liturgia que a Igreja adquire a consciência mais plena de si mesma e se manifesta em sua realidade sacramental, sacerdotal, comunitária e hierárquica. É certo que a Liturgia não esgota toda a ação da Igreja (cf. SC 9), mas é o cimo para o qual se dirige e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda sua força (cf. SC 10).

Na *Sacrosanctum Concilium*, depois de considerar que a história da salvação culmina na morte e ressurreição de Jesus, assim como o nascimento da Igreja e

---

<sup>164</sup> Cf. ESCOBAR, F. A celebração do mistério cristão. 2005. p. 31.

<sup>165</sup> Cf. MALDONADO; FERNANDEZ, ob. cit., p. 269.

<sup>166</sup> Cf. ibid., p. 268-274.

com ela da Liturgia (cf. SC 5), passa a tratar da Liturgia como celebração dessa história, particularmente da obra salvífica de Jesus Cristo. O texto conciliar assim expressa:

Como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também ele enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só porque, pregando o Evangelho a todos os homens anunciassem que o Filho de Deus com sua morte e ressurreição nos livrou do poder de satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas também para que levassem a efeito, por meio do sacrifício e dos sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica, a obra da salvação que anunciavam (SC 6).

A afirmação principal desse texto é retomada no início do n. 7 da Constituição: “Para levar a efeito obra tão importante Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas”. Assim, coloca-se para nós a questão: se Jesus nos salvou, o que a Liturgia acrescenta a esta obra? O que significa dizer que ela deve ser levada a efeito?

Gregório Lutz argumenta que não se trata de completar ou, sem mais, de continuar a obra de Cristo, como se ela não tivesse sido perfeita. Deus fez por meio de Jesus Cristo tudo para a nossa salvação. Mas ele nos quer salvar na liberdade, para a liberdade<sup>167</sup>.

Livremente nos colocamos contra Deus pelo pecado, livremente devemos também aceitar a salvação que Deus operou para nós. Precisamente assim a salvação pode ter efeito: se nós nos voltamos para Deus, se ouvimos sua palavra e a colocamos em prática; e se acolhemos o presente de uma nova vida, de uma nova história, do Reino que Jesus veio anunciar.

Essa acolhida e essa aceitação acontecem por uma vida em obediência a Deus, mas de modo especialmente consciente e intenso na Liturgia. É como a Constituição sobre a Liturgia diz: “Para levar a efeito obra tão importante [a obra da salvação] Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas” (SC 7). Portanto, dizendo “sim” a Deus, à sua vontade e à sua obra é que se leva a efeito a salvação, sobretudo quando celebramos na Liturgia esse nosso sim vivido existencial e cotidianamente.

Com efeito, a Liturgia cristã se torna momento privilegiado da história da salvação, como reflete Ratzinger:

Ele desceu. E isto significa que existe na altura, a majestade, o senhorio de Deus e de Jesus Cristo; a majestade absoluta da sua palavra, do seu amor, do

---

<sup>167</sup> Cf. LUTZ, G. Estrutura e teologia da Sacrosanctum Concilium. 2003. p. 52-66.

seu poder. [...] Mesmo na descida mais profunda, mesmo no abaixamento e no escondimento mais extremos, Deus permanece o verdadeiro alto. [...] A nossa salvação é tornarmo-nos “corpo de Cristo”, como o próprio Cristo; aceitando-nos a nós mesmos todos os dias por Ele; restituindo todos os dias, oferecendo todos os dias, o nosso corpo como lugar da palavra.<sup>168</sup>

A Liturgia é expressão da fé cristã<sup>169</sup>. O dom do Espírito inaugura um tempo novo, o tempo da Igreja, durante o qual Cristo manifesta, torna presente e comunica sua obra de salvação pela Liturgia da sua Igreja (cf. CIC 1076), até que ele venha (cf. 1Cor 11,26). Na Liturgia, Cristo significa e realiza seu mistério pascal. Ao dar o Espírito Santo aos apóstolos, o Ressuscitado confia a eles seu poder de santificação. E ele mesmo, presente em sua Igreja, associa a si esta Igreja que por ele presta culto ao Pai (cf. SC 7). Celebrados na fé, os sacramentos conferem a graça que significam (cf. CIC 1127).

A presença de Cristo prometida aos apóstolos é experimentada pela escuta da palavra e pela fração do pão (cf. Lc 24, 31-32). Essa presença de Cristo nas ações litúrgicas se dá na eucaristia, na pessoa do ministro, na Palavra proclamada, na comunidade reunida (cf. SC 7) e manifesta a eficácia do mistério celebrado, pelo qual Deus toca afetuosamente os seus, fazendo-os experimentar, na Liturgia, a força da salvação operada por Cristo.

A lei fundamental da Liturgia não consiste em dizer aquilo que se faz, mas em fazer aquilo que se diz. Consiste, ainda, em se dar conta de que a consciência da presença e da ação de Cristo se traduz em uma espiritualidade, em que aquele que fez a experiência da salvação, deve contribuir para a salvação dos irmãos. Trata-se de uma verdadeira identificação com Cristo.

O escopo pretendido por Deus ao dispor e dirigir a história e ao comunicar sua vida íntima às criaturas se realiza na pessoa de Cristo de modo absolutamente pleno e definitivo. Nele, sobretudo depois da ressurreição, a comunicação da vida às criaturas atinge o seu cume e sua epifania absoluta. O cristão é chamado a entrar nesse mistério, ser absorvido por ele, a atingir a estatura de Cristo (cf. Ef 4,13). A Liturgia comunica e realiza o agir de Cristo em nós.

Por meio da Igreja, Cristo, o Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado realiza o seu mistério nas almas e completa, como afirma Vagaggini, o sentido da história, ao enviar os apóstolos e os seus sucessores na hierarquia, munidos das funções

---

<sup>168</sup> RATZINGER. J. *O Caminho Pascal*. 2006. p. 65-70.

<sup>169</sup> Cf. RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit., p. 36.

específicas de santificar, de ensinar e de governar segundo o Espírito Santo que vivifica interiormente a obra de Jesus<sup>170</sup>.

Como Cristo realiza na sua pessoa o sentido da história, por ser Palavra encarnada de Deus, também a Igreja exprime e realiza em si o sentido da história por ser, na terra, expressão humano-divina do ser e do agir de Cristo, sacramentalmente. Assim, resgata-se o valor da linguagem simbólico-sacramental de toda a Liturgia, pela qual o mistério de Deus é comunicado a seu povo e este, por sua vez, comunica-se com o mistério, acolhendo a salvação e se comprometendo com o projeto do Deus da vida (cf. SC 6).

Grande valor é dado à dimensão eclesial-comunitária da Liturgia e, por conseguinte, à assembleia litúrgica, povo sacerdotal, Corpo de Cristo. A assembleia é vista como sujeito da celebração. É todo o povo que, presidido por seus pastores, celebra em Cristo a sagrada Liturgia. Disso nasce a importância da participação plena, consciente e ativa dos fiéis na Liturgia, como direito e dever do povo cristão (cf. SC 26.48). Importante, ainda, é o esforço de valorizar uma tradição antiga de uma Liturgia que sabe se adaptar à índole dos diferentes povos (cf. SC 37-40).

Anunciar a morte do Senhor até que ele venha (cf. 1Cor 11,23-25) inclui, para os que participam da Liturgia, o compromisso de transformar a vida, de tal forma que ela se torne eucarística. Uma vida em que a morte seja vencida, em que o desamor seja superado e as relações reconstruídas.

A vida cristã se torna uma vida pascal, porque vida dos que foram sepultados com Cristo, no Batismo, para viverem, com ele, uma vida nova. Essa vida nova é a vida de Cristo Ressuscitado, aquele que, por ter oferecido a vida ao se entregar à morte, vive agora na glória do Pai (cf. Fl 2,11).

#### **4. A força da expressão ritual: somos inseridos no mistério**

A Liturgia nos incorpora a Cristo, pelo Batismo somos inseridos em seu Corpo Místico e nos configuramos com Cristo, para sermos, nele, um só corpo (cf. 1Cor 12,13). Participando da Liturgia somos elevados à comunhão com ele e entre nós (cf. LG 7).

---

<sup>170</sup> Cf. VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da liturgia*, p. 36.

A história da salvação é história humana enquanto plena da presença de Deus ou finalizada por suas intervenções salvíficas<sup>171</sup>. A presença de Deus na história pela criação, pela encarnação, pela Palavra e pelos sinais, não é uma presença periférica ou acidental, mas ativa e essencial. Isto é, uma presença na qual Deus age se doando, comprometendo-se, comunicando-se e nos tornando partícipes da vida dele.

Maldonado afirma que a autocomunicação de Deus na história faz do imanente sinal do transcendente, do limitado referência para o ilimitado, do histórico revelação do meta-histórico e do humano transparência do divino<sup>172</sup>. Portanto, a história se transforma em lugar do encontro e da experiência de Deus e em lugar de conhecimento e reconhecimento do outro. O estar de Deus na história, fecundando-a com sua presença e atividade, com seu amor e sua graça, é o que dá à história a estrutura sacramental que a impregna.

A estrutura sacramental da história salvífica tem seu ponto mais significativo de concentração e expressão na Liturgia da Igreja. Nela, de modo privilegiado nos sacramentos, atualiza-se, continua-se e se realiza a salvação na história. Contudo, Deus é quem toma a iniciativa de um diálogo entre ele, o ser humano e o mundo. Diálogo que vai se desenvolvendo progressivamente através de alguns personagens e acontecimentos, por meio dos quais se exprime o encontro entre Deus e a humanidade, o que supõe a doação da graça por parte de Deus e a fé de nossa parte. Os sacramentos, como recapituladores da estrutura sacramental da história salvífica, são a expressão celebrativa mais significativa de uma continuidade do diálogo salvífico de Deus com o seu povo.

Do ponto de vista teológico, a Liturgia é um conjunto de ações rituais que tem sua origem em Cristo e na relação dos discípulos com ele, e que é transmitido de geração em geração como expressão fundante da fé cristã<sup>173</sup>. Sob o manto dos sinais sensíveis e eficazes, ela é o ponto de encontro, em Cristo, do Deus que santifica o seu povo e da Igreja, povo santificado, que responde a Deus, rendendo-lhe culto.

A continuidade da salvação e da missão de Cristo pela Igreja, sacramento principal, manifesta-se de forma mais concreta na vida das pessoas e nas diversas situações que a permeiam, e que são expressas na Liturgia. A linguagem litúrgica explicita o mistério do anúncio que Deus faz de si em Jesus Cristo, celebrado na

---

<sup>171</sup> Cf. MALDONADO; FERNANDEZ, ob. cit., p 295.

<sup>172</sup> Cf. *ibid.*

<sup>173</sup> Cf. BUYST, I. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. 2011. p. 50.

Liturgia e tornado conhecido e presente sacramentalmente. A função da linguagem litúrgica não é fornecer informações sobre os conteúdos da fé, nem comentar as ações litúrgicas. A linguagem é parte essencial e suporte do desempenho da celebração litúrgica<sup>174</sup>.

Na celebração litúrgica, a linguagem não se presta apenas às orações diante de Deus e dirigidas a ele, mas também, e sobretudo, de meio de comunicação numa comunidade humana. Essa comunidade está sob a influência do que se está celebrando, assim como sob a influência das formulações específicas da comunidade tradicional da Igreja. A linguagem faz parte da ação litúrgica, e é expressa através de sinais sensíveis e realiza, de modo próprio, a santificação dos fiéis (cf. SC 7). Essa linguagem chamamos ritualidade. Um modo elaborado ao longo do tempo para estabelecer o diálogo com o fundamento da experiência e, ao mesmo tempo, para significá-lo em nossos dias.

Rito é um conceito antropológico que nos permite abordar a sacramentalidade da Liturgia via ciências humanas, como afirma Ione Buyst<sup>175</sup>. Trata-se de um conjunto de gestos, eminentemente corporais, expressão da identidade do grupo, modelo de ação humana. Carrega valores simbólicos que são efetivados na realização do rito. Por isso, dizemos que a ação ritual é performativa, ela perfaz, realiza, faz acontecer algo nas pessoas que dela participam<sup>176</sup>.

Nessa perspectiva, o rito está relacionado com o sentido da vida. É uma condensação de uma determinada maneira de ver a vida, o ser humano, o cosmo, a história. O que reflete um caminho assimilado por um determinado grupo cultural<sup>177</sup>. Na ritualidade, a tradição é mantida e passada de geração em geração. Rito tem a ver com repetição, com ritmo, exige fidelidade à tradição, porque perder o rito significa perder a referência comum que permite a identificação, assim como a coesão grupal<sup>178</sup>.

Não se trata de algo mágico, a ser reproduzido de forma mecânica, mas de uma ação ritual que transfigura uma realidade. O rito religioso expressa, provoca e revitaliza nossa relação com o transcendente, com o sentido absoluto. Na Liturgia, os sinais sensíveis apontam para a obra da salvação realizada ao longo da história humana, tendo seu ponto culminante na pessoa de Jesus Cristo. Não apontam para o Deus da metafísica, mas para o Deus radicalmente encarnado e revelado na história, aquele que

---

<sup>174</sup> Cf. GERHARDS; KRANEMANN, ob. cit., p.233.

<sup>175</sup> BUYST, O segredo dos ritos, p. 48.

<sup>176</sup> Cf. CROATO, J. S. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. 2001. p. 329-353.

<sup>177</sup> Cf. BUYST, O segredo dos ritos, p. 70.

<sup>178</sup> Cf. ibid., p. 71.

venceu na cruz (cf. 1Cor 1,23). O rito repete os fatos primordiais da vida do fiel, volta aos seus arquétipos, retorna às suas origens, atualizando-os e tornando-os presentes.

A Liturgia celebra Cristo de modo atual, presente no meio de sua Igreja. Celebra não os fatos salvíficos do passado como mero passado, mas o núcleo da realidade supra-histórica desses fatos, que os torna contemporâneos de todos os tempos. A Liturgia é atualidade e não mera recordação.

Cipriano Vagaggini chama atenção para esta estrutura sacramental que a SC apresenta como sendo a estrutura da história da salvação, da Igreja e de toda a Liturgia<sup>179</sup>. Cristo, ao voltar para o Pai, instituiu a Igreja na qual e pela qual continua a sua ação e confere, por obra do Espírito Santo, a cada ser humano a salvação por Ele consumada. O que só é possível porque ele mesmo não está longe da sua Igreja, mas está presente de maneira íntima, operando nela e por ela.

A fé não existe fora da economia simbólico-sacramental, coerente com a encarnação do Verbo e com o memorial deixado pelo Crucificado-Ressuscitado. Liturgia é um dado da Tradição, tanto no que diz respeito àquilo que deve ser feito, quanto ao significado daquela ação (cf. Lc 22,14-23; 1Cor11,23-25).

No âmbito da Liturgia, rito é a expressão incorporada da eclesialidade e da transcendência histórica da oração e dos atos litúrgicos. Nele se concretiza a ligação da Liturgia ao sujeito vivo que é a Igreja, a qual, por sua vez, é marcada por sua ligação à forma de fé que se desenvolveu na tradição apostólica. A definição essencial da Liturgia pode nos proporcionar aquilo que esperamos dela: a celebração da magnitude que se aproxima de nós, que não é arquitetada por nós, mas que se nos oferece.

Liturgia como culto é ação da Igreja (cf. SC 7) e os seus sinais, nos quais se exprime sensivelmente o culto litúrgico, são sinais da Igreja e não de pessoa privada. Para o indivíduo prestar o verdadeiro e pessoal culto a Deus na Liturgia, deve necessariamente fazer seus, aqueles sinais da Igreja e aquelas realidades que ela exprime, sintonizando-se com eles.

Odo Casel se propõe essa questão: como é possível realizar uma obra tão elevada, em que Deus e o ser humano cooperam realmente e cada um segundo seu modo, Deus como agente principal, o homem como agente passivo, recebendo a ação divina e aí colaborando pela virtude de Deus? A resposta, o autor afirma, está dada no fato de que o próprio Senhor instituiu para nós os mistérios do culto, isto é, as ações sagradas que nós cumprimos, mas que o Senhor realiza em nós. Por essas ações, ele

---

<sup>179</sup> Cf. VAGAGGINI, C. Visão panorâmica sobre a constituição litúrgica. 1964. p. 133-135.



conclui, podemos participar dos atos redentores de Cristo. Partindo do fato de que a Liturgia cristã é chamada de mistério, Casel argumenta que a existência de um acontecimento primordial de salvação se tornou presente a nós por um rito. E que o fiel de todos os tempos, ao participar do rito, realiza a sua história da salvação e a história da salvação universal<sup>180</sup>.

Os ritos simbolizam o mistério cristão e o realizam em nós. Tal afirmação expressa a sacramentalidade da própria Igreja, que é chamada a ser sinal de salvação, sinal de adoração, sinal de união com a Igreja celeste, sinal de fraternidade no único sacerdócio real e santo de Jesus Cristo, sob o serviço daqueles que presidem no amor e na vontade de Deus. Assim, a Liturgia edifica aqueles que estão na Igreja, formando-os templo santo no Senhor (cf. SC 2). Não de um modo mecânico, automático, mas por um processo de conversão que leva à participação plena e frutuosa (cf. SC 14).

O mistério é revelado para que possamos tomar parte nele. A Liturgia é vista como ação simbólica que estabelece a relação entre o rito e o seu referente, o mistério pascal, e permite uma apropriação progressiva daquilo que cremos ser uma transformação pascal. Somos inseridos no mistério que celebramos e o rito se coloca como uma mediação.

A Liturgia é fonte da vida cristã (cf. SC 10). O que importa não é a busca por uma constante novidade ou pela diversidade, como que para escapar da monotonia; o que importa no rito é a penetração sempre mais profunda naquilo que não muda ou que muda muito pouco. O novo vem da assimilação progressiva daquilo que o rito representa, em diálogo com nossa realidade pessoal, comunitária e social que, por sua vez, muda freneticamente.

Ao participar da Liturgia nos é oferecida a oportunidade de interiorizar a maneira de ser de Jesus Cristo, de deixar que o Espírito Santo impulse uma existência pascal. O que faz da Liturgia a meta para a qual se dirige a ação da Igreja (cf. SC 10). A partir desta realidade, a Liturgia é vivida de maneira sempre nova a cada celebração, na qual o Senhor nos revela sua Palavra e nos faz perceber as contradições presentes em nós. Assim, não somos nós quem devemos mudar os ritos, são os ritos que provocam e realizam em nós a mudança de caminho, a conversão (cf. Lc 24,33).

---

<sup>180</sup> Cf. CASEL, ob. cit., p. 21-68.

## 5. Fazei isto para celebrar minha memória

A fonte da presença divina no mundo através do mistério da Igreja é a exaltação do Cristo crucificado à direita do Pai, celebrada na Eucaristia, que constitui a Igreja como Corpo do Senhor ressuscitado. A Eucaristia é fonte de toda a ação da Igreja, sempre sacramental<sup>181</sup>.

Na eucaristia nosso Salvador deixou à sua amada esposa, a Igreja, o memorial de sua morte e ressurreição (cf. SC 47). Nela celebramos o mistério pascal de Cristo. Comemos do mesmo pão, bebemos do mesmo cálice e assim proclamamos a vitória do Senhor sobre a morte (1Cor 11,25). Ele mesmo nos deu esta ordem: “Fazei isto para celebrar minha memória” (Lc 22, 19b, 1Cor 11,24b). Deste mistério a Igreja nasce e continuamente se alimenta (cf. SC 5). A Igreja vive uma história sagrada que é a história de Cristo, em Cristo mesmo e nos seus fiéis. Cristo aparece como motivo fundamental de toda a Liturgia, de toda a Escritura, de toda história e de toda a vida do fiel<sup>182</sup>.

A revelação de Deus é a história do seu amor e da sua aliança com Israel e através de Israel com toda a humanidade. Ela alcança seu cumprimento em Jesus Cristo e no seu mistério pascal, que a Igreja celebra e vive na Liturgia enquanto espera a vinda gloriosa do Senhor. Na Liturgia a Igreja participa no mistério pascal de Cristo e entra no movimento dessa história de salvação, operando com a caridade de Cristo a transformação de si mesma e do mundo, antecipando na esperança o cumprimento escatológico do reino de Deus.

Francisco Taborda, explica que nos sinais do pão e do vinho fazemos memorial desse mistério e, através dele, somos transportados para o evento fundador da fé cristã: a morte e ressurreição de Cristo<sup>183</sup>. O memorial, conceito grego *anámnesis*, é expresso nas palavras de Jesus na última ceia, ao instituir a eucaristia, e que ele mandou fazer todas as vezes que comemos do pão e bebemos do vinho eucaristizados (cf. 1Cor 11,24-25).

No entanto, como Taborda explicita, esse conceito é tradução do termo hebraico *zikkaron*, presente na narrativa da instituição da ceia pascal judaica (cf. Ex

---

<sup>181</sup> Cf. RUIZ DE GOPEGUI, ob. cit., p. 29.

<sup>182</sup> Cf. VAGAGGINI, C. O sentido teológico da liturgia. p. 417.

<sup>183</sup> Cf. TABORDA, F. Fazei isto em meu memorial: a eucaristia como sacramento da unidade. 2005. p 42-87.

12,14), que compreende a ideia de uma lembrança que não é mera recordação do passado, mas que possui um caráter performativo que expressa uma ação com consequências para o presente e para o futuro, e com isso uma ação que irrompe no presente abrindo o futuro<sup>184</sup>.

Em síntese, o conceito “memorial” expressa uma lembrança no presente de algo do passado (evento fundador) por meio de um sinal (rito), que tem a força não só de presentificar culturalmente o passado, fazendo com que ele influencie o presente e lance horizontes para o futuro, como também de colocar o presente diante do passado, contagiando-o por sua força. O passado, em certo sentido, permanece passado, mas de forma presente. Ou seja, o que é recordado está localizado num espaço de tempo, mas o seu significado e valor simbólico ultrapassam a dimensão espaço-temporal. O que faz com que ao recordar sejamos capazes de provocar experiências que influenciem comportamentos e que provoquem conversão (eficácia salvífica).

Para uma melhor compreensão do mistério pascal de Cristo e de seu memorial, faz-se necessário um resgate de alguns elementos da páscoa judaica. No centro da economia salvífica do AT está a passagem do Mar Vermelho, a saída do Egito e a conseqüente libertação. Na narrativa de Ex 12,1-14, Deus anuncia que a passagem do mar será precedida por uma última ceia no Egito. Mediante o sangue do cordeiro, sinalizado nos umbrais das portas dos hebreus, Israel é declarado não mais propriedade do Faraó, mas marcado como pertencente ao Senhor, que lhe poupa a vida (cf. Ex 12,13).

A última ceia, realizada na véspera da passagem do mar, é referida, mediante uma prefiguração única, a seu futuro imediato, que é precisamente a passagem do mar. Por isso, ela se configura como sinal profético do evento, uma vez que profeticamente o anuncia e de modo salvífico o realiza. Como a passagem do mar, com toda a sua força, remete ao sinal profético dado na última ceia no Egito, mediante uma prefiguração única, remete, ainda, ao futuro imediato do dia seguinte, que é precisamente o evento fundador. Com a passagem do mar, Israel morre para a servidão do Faraó e nasce para o serviço do seu Senhor<sup>185</sup>.

Mediante a expressão “este dia vos servirá de memorial” (Ex 12,14), o mandamento divino quer significar que o sinal do cordeiro pascal, dado na vigília da

---

<sup>184</sup> Cf. idem, *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios teológico-litúrgicos sobre a eucaristia*. 2009. p 55-82.

<sup>185</sup> Cf. GIRAUDE, C. *Num só corpo*, p. 77-93.

passagem do mar, não esgota nessa noite suas potencialidades teológicas. Esse sinal deverá ser retomado pelas sucessivas gerações, para que seja memorial da redenção. Ao se recordar, por meio do sinal, renova-se a força da experiência de libertação vivida.

Com efeito, Êxodo 12,14 serve de ordem de iteração: o sinal do cordeiro pascal é referido não só ao futuro imediato dos pais, que fisicamente estão para passar o mar, mas, sobretudo, ao futuro distante das gerações que, não fisicamente, mas na fé, serão libertos. Em virtude da ordem de iteração, o sinal do cordeiro pascal, primitivamente dado naquele contexto, supera o tempo e, tornando-se desse modo memorial, permitirá que a comunidade faça memória ritual daquele evento que é a passagem do mar.

À não repetição do evento fundador (passagem do mar) e do sinal profético dado naquele contexto (última ceia no Egito) corresponde a repetição do rito, ou seja, a celebração da páscoa. Tudo o que diz o ritual diz, de fato, repetição, diz iteração. Diz precisamente retorno e presença à eficácia salvífica do evento fundador, e isso graças à mediação do sinal profético. Não se trata de uma simples lembrança. Trata-se de uma participação do fato lembrado, graças à participação no rito celebrado.

Anunciando os eventos do Êxodo à comunidade doméstica reunida em torno de si, o pai de família, na celebração da páscoa, dá a conhecer aos presentes que cada um, pessoalmente, estava no evento fundador<sup>186</sup>. Com efeito, nas margens do mar não estavam somente os pais que fisicamente o atravessaram, mas também cada um dos que hoje compõem a comunidade pascal e que estão dispostos a descerem às águas da morte, para morrer à servidão ao Faraó, e a sair das águas da vida para renascer no serviço do Senhor. Isso acontece ao tomar parte na ceia, ao comer o cordeiro. Com os “pés da fé” são deslocados para o evento fundador.

Cesare Giraud fala de uma rerepresentação sacramental<sup>187</sup>, na qual mediante a retomada e a repetição do sinal do cordeiro, profeticamente dado na vigília da passagem, realiza-se uma real rerepresentação de toda a comunidade pascal ao evento fundador. Mas como a passagem do mar, feita pessoalmente pelos pais, é um evento único e que não se repete, não podemos certamente pensar que o evento fundador possa se fazer de novo presente na assembleia de hoje, no sentido de que possa ser repetido. O contrário é verdade, a comunidade hoje rerepresentada ao evento fundador se deixa irradiar pela sua força salvadora.

---

<sup>186</sup> Cf. *ibid.*, p. 112-113.

<sup>187</sup> Cf. *ibid.*, p. 81-85.

O referido autor utiliza a terminologia eucarística das Liturgias antigas e dos Padres da Igreja, tipo e antítipo. A passagem do mar é o tipo, ou seja, o arquétipo, o referencial salvífico originário e único; e o sinal do cordeiro, dado na ceia institucional para ser retomado todo ano na repetição da ceia ritual, é seu antítipo, é sua contra imagem, ou seja, a imagem real é sua contrafigura, ou seja, a figura real, é seu memorial, é seu sacramento. Enfim, é o sinal que realiza o que significa<sup>188</sup>.

A ceia de Jesus com os discípulos é lida nesse contexto. Os sinópticos apresentam a ceia pascal<sup>189</sup> como o cenário em que Jesus dá a ordem de iteração. O evento fundador do NT, que é a passagem de Jesus pelo mar da morte, teve também seu anúncio profético no gesto de partir o pão e distribuir o cálice, identificando-os com seu corpo entregue no dia seguinte<sup>190</sup>. A última ceia é teologicamente inseparável da morte-ressurreição<sup>191</sup>.

Giraud conclui que na mediação dos sinais do pão e do vinho, Jesus profeticamente anuncia e realiza, salvificamente, o mistério de sua morte vicária. Ao instituir a eucaristia, Jesus entra em comunhão com sua morte-ressurreição nos sinais do pão e do cálice. Desse modo, a ceia se torna prefiguração única de um futuro imediato que ela salvificamente prenuncia e, de modo profético, realiza. Ao mesmo tempo, prenuncia um futuro longínquo destinado à iteração pela comunidade das gerações, ou seja, à Igreja<sup>192</sup>.

Desse modo, a entrega de Jesus, sua morte-ressurreição, que aconteceu uma única vez, é rememorada por nós pela ação litúrgica, ou seja, todas as vezes que fazemos memória desses fatos e de nossa salvação (cf. 1Cor 11,26). Não se trata de uma repetição, mas de uma atualização. Ou seja, quando celebramos a eucaristia, comemos o verdadeiro Cordeiro Pascal, Jesus Cristo. Pela ação memorial o futuro se torna presente: a vinda gloriosa do Senhor é antecipada na ação ritual (cf. SC 8).

A celebração eucarística é, portanto, o nosso modo de retornar àquele mar que Jesus atravessou na sua morte-ressurreição; ela é, em grau máximo e ao mesmo tempo, o nosso Calvário e a nossa Páscoa<sup>193</sup>. Pelo rito instituído por Jesus e pela fé com a qual o celebramos, somos realmente transportados, com nossos “pés teológicos”, com

---

<sup>188</sup> Cf. *ibid.*, p. 87-93.

<sup>189</sup> Cf. Mt 26,17-19, Mc 14,12-16, Lc 22, 7-18.

<sup>190</sup> Cf. TABORDA, Fazei isto em meu memorial: a eucaristia como sacramento da unidade, p 42-87.

<sup>191</sup> Cf. GIRAUDO, C. Num só corpo, p. 158.

<sup>192</sup> Cf. *ibid.*, p. 158.

<sup>193</sup> Cf. *Idem*, Admiração eucarística: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica Ecclesia de Eucharistia. 2008. p. 47.

os “pés da fé”, ao Calvário e ao túmulo vazio do Ressuscitado<sup>194</sup>. O memorial nos permite romper com o espaço e o com tempo. Celebrar a eucaristia é manter viva a memória do Senhor, no sentido de que ele continua a salvar, a libertar e continua presente em sua Igreja (cf. SC 7).

## **Conclusão**

O Concílio Vaticano II apresenta a Liturgia na perspectiva da história da salvação. A Liturgia aparece, como momento dessa salvação, centrada em Cristo. Ela se transforma num acontecimento, pelo qual tomamos parte da realidade salvadora. Na Liturgia somos inseridos no mistério de Cristo no qual Deus realiza o que havia pensado para o ser humano desde a criação.

Ao longo do trabalho argumentamos que a Liturgia não é uma ação meramente humana. Cristo está presente na celebração litúrgica como agente principal. Devemos igualmente lembrar que toda ação litúrgica acontece na força do Espírito

---

<sup>194</sup> Cf. TABORDA, Fazei isto em meu memorial: a eucaristia como sacramento da unidade, p 42-87.

Santo (cf. SC 6). Não é apenas um fazer externo, mas a expressão de uma atitude interna e da nossa vida do dia a dia.

Dessa maneira, a Liturgia é entendida como o exercício da função sacerdotal de Cristo, que simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens, prestando culto a Deus (cf. SC 7). É, ao mesmo tempo, obra de Cristo na Igreja e ação da Igreja em comunhão com Cristo. De tal modo que na celebração litúrgica, a Igreja é serva, à imagem do seu Senhor, o único Liturgo, participando no seu sacerdócio.

A Liturgia tem, portanto, uma função mistagógica. Por mistagogia entendemos conduzir os iniciados e admitidos como membros da comunidade de fé, levando-os a um entendimento e uma vivência interior dos mistérios celebrados e a uma vida moldada por estes. Segundo Rupert Berger, a mistagogia cristã se desenvolveu em especial conexão com o processo de iniciação, no qual, sobretudo a partir das homilias nas celebrações eucarísticas da semana da Páscoa, era proporcionada uma introdução profunda à forma e ao conteúdo dos sacramentos de iniciação que haviam sido celebrados<sup>195</sup>.

Uma expressão significativa da metodologia dos assim chamados Padres da Igreja, são as catequeses mistagógicas. Elas se apresentam como verdadeiros tratados de teologia nos quais a *lex credendi* irrompe de modo vital da compreensão da *lex orandi*. Perguntava-se pelo culto a partir do culto, não sob uma preocupação sistemática, mas pelo desejo de introduzir o neófito ao mistério mesmo, através de uma compreensão orante. Giraudo afirma que os Padres primeiro rezavam e, depois, criam; rezavam para poder crer, rezavam para saber como e o que deviam crer<sup>196</sup>.

Francisco Taborda, citando Enrico Mazza, fala de cinco passos para o método mistagógico, a saber: 1) descrever o rito, o gesto, a ação ou o formulário litúrgico; 2) identificar na Escritura, seja no AT, seja no NT, a passagem ou passagens que explicitem a salvação que se celebra na Liturgia; 3) aprofundar o evento salvífico; 4) retornar ao rito; 5) finalmente, explicitar o dinamismo do conjunto a partir de uma terminologia propriamente sacramental<sup>197</sup>.

Ao longo de anos, a reflexão da Igreja se voltou para a moral ou para a dogmática, partindo do princípio do bom agir humano e do conhecimento de fé como

---

<sup>195</sup> Cf. BERGER, R. Mistagogia. 2010. p. 257-258.

<sup>196</sup> Cf. GIRAUDO, Num só corpo. p. 8.

<sup>197</sup> Cf. TABORDA, Memorial da Páscoa do Senhor, p. 38-39.

características do ser cristão. Tal mentalidade esqueceu que a fé cristã é antes de tudo uma forma de relação, de encontro, de comunicação. Deus toca afetuosamente seu povo. Portanto, o verdadeiro agir cristão nasce dessa relação. Essa relação que se concretiza na Liturgia, não é a ocasião para apresentar uma ideia, para despertar a atenção dos participantes ou para oferecer a eles um exemplo de moral para ser imitado, mas é o momento da salvação de Deus, o mistério de Cristo, chamado para transformar a nossa vida. Neste sentido afirmamos que Liturgia é mistagogia. A mistagogia, por sua vez, está intimamente inserida na realidade do mistério de Deus e se direciona àquele mistério insondável do qual a Liturgia é a epifania, a manifestação. Da celebração propriamente dizendo, emerge um ensinamento destinado a provocar a compreensão do que os sacramentos significam para a vida.

Este caminho metodológico dos Padres da Igreja, que consideravam o culto, a celebração dos sacramentos sem a preocupação de uma compreensão sistemática do que se celebrava, mas observavam com o desejo de introduzir o neófito ao Mistério por meio de uma compreensão orante dos ritos e das preces, foi resgatado pelo Concílio Vaticano II. O Concílio indica que a compreensão da Liturgia e, conseqüentemente do agir cristão que dela nasce, revela-se pela contemplação dos ritos e das preces que celebram o mistério (cf. SC 48).

A mistagogia valoriza três elementos básicos: os sinais litúrgicos, *lex orandi* (cf. Lc 24, 30), o modo como rezamos, a forma como rezamos, o que vemos, tocamos, fazemos no ato celebrativo. O segundo elemento, a interpretação dos ritos à luz das Escrituras, *lex credendi* (cf. Lc 24, 32), o sentido do que realizamos na perspectiva da história da salvação, de modo que o rito se torna performativo, isto é, o banho realmente lava, a unção realmente unge, o pão sacia. Neste sentido, nenhum rito pode ou deve ser considerado de menor importância ou preterido a outro rito, todo ele é expressão do mistério. Por esse motivo na Liturgia não se admitem enfeites ou inverdades: água que não molha, flores que não cheiram, vinho que não embriaga, velas que não se queimam, livros que não são lidos. Por fim, o terceiro elemento é a abertura para o compromisso cristão eclesial, *lex vivendi* (cf. Lc 24, 33), o agir cristão que irrompe da experiência do mistério celebrado.

A mistagogia abre os olhos do batizado ao mistério celebrado (cf. Lc 24, 31). Assim, na Liturgia o batizado toca o intangível, vê o invisível, alcança o inalcançável, escuta o silêncio, pronuncia o inefável. A mistagogia se torna o caminho para a atuação do paradigma da participação ativa dos fiéis na Liturgia e, portanto,



essencial para a vida espiritual que nasce dessa mesma participação (cf. SC 48). A mistagogia é o conhecimento do mistério narrado pela Escritura e celebrado na Liturgia.

A vida cristã aprende da Liturgia que todo o seu ser, toda a sua existência consiste em realizar no cotidiano o que celebrou<sup>198</sup> e sacramentalmente recebeu<sup>199</sup>. Aprende a urgência de deixar-se penetrar pelo mistério que recebeu pela fé<sup>200</sup> e de penetrar nesse mistério por meio da celebração desse mesmo mistério até que se cumpra plenamente a bem-aventurada esperança e venha o nosso Senhor e salvador Jesus Cristo. Assim toda a vida cristã, pela participação nos sagrados ritos, torna-se uma vida escatológica, porque aponta para aquela Páscoa definitiva quando sentados à mesa participaremos do grande banquete das núpcias do Cordeiro<sup>201</sup>.

A mistagogia nos coloca diante da estrutura sacramental da Liturgia e nos faz experimentar aquilo que tal realidade nos comunica. O Mistério Pascal de Cristo é o centro e o objeto de toda e qualquer ação litúrgica, porque ele é a síntese de todo o percurso da História de amor entre Deus e a humanidade, a síntese de toda a revelação-salvação. A Páscoa é, antes de tudo, a passagem de Deus no meio do seu povo (cf. Ex 12,11), sua descida entre os homens para escutar o seu sofrimento, que culmina na Encarnação do Verbo que vem partilhar e viver a dor da humanidade e se plenifica na sua paixão, morte e ressurreição, prolongadas nos sacramentos.

A Liturgia não é outra forma de presença atual da Páscoa de Cristo, ela é o “lugar” mais apropriado que o Senhor Ressuscitado encontrou para nos ensinar o que é a Igreja e o seu papel no desdobrar-se da Salvação que se manifesta na vida humana. A Liturgia revela que a Igreja não é uma sociedade natural, mas uma comunidade de salvos-redimidos no mistério pascal. O culto cristão não se confunde assim com nenhum outro culto. A Liturgia transfigura o mundo, no sentido que os mortos ao pecado (cf. Rm 6, 11) se reencontram na Liturgia, interiormente transformados, com toda a sua cultura e a sua experiência.

O culto de uma Igreja batismal, isto é, mergulhada no mistério pascal de Cristo, permite ou possibilita ao batizado reencontrar-se com o mundo como um mundo redimido, reconciliado-transfigurado. Pois, segundo o Novo Testamento e a mistagogia dos Padres da Igreja, a vida cristã consiste na realização da vivência cotidiana da morte e ressurreição de Cristo, que se realizou em nós sacramentalmente na imersão e na

---

<sup>198</sup> Cf. oração coleta da sexta-feira da oitava de Páscoa.

<sup>199</sup> Cf. oração depois da comunhão do II Domingo da Páscoa.

<sup>200</sup> Cf. oração coleta segunda-feira da oitava de Páscoa.

<sup>201</sup> Cf. hino das vésperas no tempo pascal.

emersão batismal e da qual nos nutrimos no banquete pascal, renunciando cada dia ao pecado, para viver em novidade e liberdade (cf. Rm 6, 3-11). A Liturgia, portanto, na sua essência, transmite-nos a tendência para nos fazer viver a salvação-mistério pascal em cada um dos seus momentos e consegue isso realizando, em nós, o mesmo mistério pascal reproduzido no seu momento culminante: morte e ressurreição de Cristo.

A vida cristã aprende da Liturgia que todo o seu ser, toda a sua existência consiste em realizar no cotidiano o que celebrou e sacramentalmente recebeu. Aprende a urgência de deixar-se penetrar pelo mistério que recebeu pela fé até que se cumpra plenamente a bem-aventurada esperança e venha o nosso Senhor e salvador Jesus Cristo. Assim toda a vida cristã, pela participação nos sagrados ritos, torna-se uma vida escatológica, porque aponta para aquela Páscoa definitiva quando participaremos do grande banquete das núpcias do Cordeiro.

A Liturgia é a primeira escola da fé, na qual se conhece o mistério de Deus, celebrando-o. A celebração do mistério na Liturgia é, portanto, a atualização do próprio mistério pascal de Cristo e esta mesma celebração sacramental requer a ministerialidade da Igreja, que ritualiza a fé naquele único mediador entre Deus e os homens, que nos deu a plenitude do culto divino (cf. SC 5). A Liturgia é, desta forma, a ação ministerial da Igreja que torna presente o mistério de Cristo, isto é, o prolongamento visível do mistério e ministério salvífico de Cristo na Igreja. Em síntese, para a *Sacrosanctum Concilium*, a finalidade essencial da Igreja consiste em tornar os crentes partícipes do mistério pascal, mistério este que se manifesta e que se realiza de maneira integral quando a Igreja é convocada em assembleia litúrgica, de maneira especial no dia do Senhor, para a celebração eucarística.

A oração da Igreja é sempre um dom de Deus e é realizada pela comunidade cristã reunida. O fundamento teológico da oração é a presença de Cristo em nós. O mistério da fé, que a Igreja professa e celebra sacramentalmente, exige que a vida dos fiéis seja configurada com Cristo no Espírito Santo. A oração litúrgica é participação na oração de Cristo dirigida ao Pai no Espírito Santo.

A Igreja convida a redescobrir a celebração litúrgica como expressão da autêntica vida espiritual. Neste sentido, exorta a uma contínua renovação e uma constante formação litúrgica.

A Liturgia não é, em primeiro lugar, uma doutrina a compreender, mas um manancial inesgotável de vida e de luz, para a compreensão e a experiência do mistério cristão. Para esta Constituição conciliar, a Igreja deve garantir uma vida litúrgica a cada

cristão, uma vez que, para a qualidade da vida de fé, é necessária uma profunda sintonia entre o que a Liturgia transmite e aquilo que ele vive, em conformidade com a fórmula litúrgica, assumida pela própria Constituição: "Que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé" (cf. n. 10).

Quem preside a missa introduz o Santo, convidando a cantá-lo em comunhão com os anjos e os santos do céu. Esta não é uma linguagem figurativa, mas sacramental-real. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* afirma: "O sumo sacerdote da nova e eterna aliança, Jesus Cristo, ao assumir a natureza humana trouxe a este exílio da terra aquele hino que se canta por toda a eternidade na celeste mansão" (SC 83). De fato, ele que está à direita do Pai, fala-nos na proclamação e explicação da Palavra e com ele e por ele nós nos dirigimos ao Pai, unidos no Espírito Santo; estando, portanto, em íntima comunhão com as três pessoas da Santíssima Trindade, participando da sua ação, como partilhamos também a vida divina, por força do nosso batismo. Por isso, a Constituição sobre a Liturgia pode com todo direito dizer: "Na Liturgia da terra nós participamos, saboreando-a já da Liturgia celeste, que se celebra na cidade santa de Jerusalém, para a qual nos encaminhamos como peregrinos" (SC 8).

Insistindo sobre a qualidade da participação na celebração litúrgica, a Constituição confirma com vigor o fato de que na Liturgia da Nova Aliança cada cristão é plenamente *leiturgos*, enquanto a oferta da sua vida, em comunhão com o sacrifício de Jesus Cristo, levado a cabo de uma vez para sempre, é o culto espiritual que agrada a Deus. Por conseguinte, a oferenda existencial exige a participação consciente, completa, ativa, interna e externa na oferta sacramental. Por conseguinte, o cristão que celebra a sua fé deve conceder o primado à interiorização, ou seja, à apropriação pessoal daquilo que ele escuta e realiza na Liturgia. Somente uma interiorização autêntica garante uma exteriorização capaz de exprimir aquilo que se vive de maneira profunda. Este é o modo plenamente ativo de viver a Liturgia, desejado pela *Sacrosanctum concilium*.

O conceito de Liturgia que o Concílio nos apresenta coloca a dinâmica celebrativa nesta perspectiva em que experimentamos a realidade da salvação no mistério celebrado e Deus se revela nos indicando o caminho para chegar a Ele. A Liturgia é a presentificação e aplicação da obra salvífica de Cristo, ela é comunhão de ação do sumo sacerdote Cristo e de sua Igreja para a santificação dos homens e glorificação de Deus.

Deus atua em Cristo se voltando para os seres humanos; estes, por seu turno, louvam e adoram em e com Cristo o Pai na virtude do Espírito Santo. Assim, abrir-se ao

mistério garante a fecundidade do culto, do contrário o ser humano se coloca diante de si mesmo. Apresenta-se o valioso conceito de participação: acolher o dom oferecido por Cristo. Na dimensão da adoração revela-se o dado mais humanizante: ser para Deus. A Liturgia nos faz olhar para a origem e retomar o caminho. Deus se faz um conosco, para nos levar a Ele. Por isso, o próprio Cristo é tomado como lugar, mediador, oferenda do culto por excelência: “Ele é ao mesmo tempo sacerdote, altar e cordeiro” (Prefácio V Páscoa). Antes de ser ação da Igreja diante de Deus, é ação de Cristo na Igreja, de modo tal que a Liturgia precede a Igreja com prioridade tanto de natureza quanto de lógica, já que a Igreja primeiro é o sujeito passivo da Liturgia, depois é que se torna sujeito ativo. Se a Igreja é em primeiro lugar passiva da Liturgia, a Liturgia é o elemento constitutivo da Igreja. Assim dizemos: “A Eucaristia faz a Igreja”.

Por assim dizer, a Liturgia cristã é a Liturgia da promessa cumprida, a aproximação da meta da procura que existe na história religiosa. Mas ao mesmo tempo, é a Liturgia do caminho, da peregrinação que tem em vista a transformação do mundo, a qual só acontecerá, quando for “Deus tudo em todos”. Por isso, a Liturgia nos insere no mistério celebrado. A Liturgia é vista como certa continuação real da encarnação do Senhor. No dinamismo da história apresentamos as estruturas de hoje e ancorados na ação de Deus, lançamo-nos para o futuro. Nessa perspectiva o Vaticano II descreve a Liturgia como “o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda sua força” (SC 10). Em nenhum outro lugar a Igreja se realiza de modo tão intenso quanto principalmente na eucaristia. No entanto, o ser e o fazer da Igreja não se esgotam nisso (cf. SC 9). Quem é integrado cada vez mais como membro do corpo de Cristo na e mediante a Liturgia, reconhece que está comprometido da mesma forma com a salvação de toda a humanidade. O dom recebido na celebração se torna incumbência de servir, que deve ser confirmada sempre de novo.

O culto litúrgico é comunitário e é ação pessoal: em primeiro lugar de Cristo e, depois da Igreja com Cristo. É o culto público que o nosso Redentor, cabeça da Igreja, presta ao Pai e que a comunidade dos fiéis presta ao seu fundador e, por meio dele, ao Pai, ou, então, mais brevemente: a Liturgia é o culto público total do corpo místico de Cristo: Cabeça e membros (cf. SC 7).

O conceito ultrapassa uma visão exterior ou jurídica e toca toda a existência cristã. Ao introduzir o conceito e realidade do mistério pascal, a SC põe o culto do Novo Testamento como lugar em que é coextensivamente teológico e litúrgico, isto é, confere-lhe uma dimensão particular. Com efeito, o mistério pascal não é determinação

temporal que indique um dia especial no calendário religioso, mas é fato teológico que tem uma modalidade litúrgica; esse agora se realiza na Igreja com dimensões históricas. A Liturgia, na verdade, nada mais é do que realização do “anúncio da morte e ressurreição do Senhor até que ele venha”, de que fala S. Paulo (1Cor 11,26). Ela é anamnese, memória atual e real das realidades que o próprio Cristo operou.

A definição de Medellín talvez realce um elemento significativo, a referência ao Espírito Santo, de certa forma lacuna na definição conciliar:

A Liturgia é a ação de Cristo Cabeça e de seu corpo que é a Igreja. Contém, portanto, a iniciativa salvadora que vem do Pai pelo Verbo e no Espírito Santo, e a resposta da humanidade naqueles que se enxertam, pela fé e pela caridade, no Cristo, recapitulador de todas as coisas. A Liturgia, momento em que a Igreja é mais perfeitamente ela mesma, realiza indissolavelmente unidas, a comunhão com Deus e entre os homens, e de tal maneira que a primeira é a razão da segunda. Se antes de tudo procura o louvor da Glória e da graça, também está consciente de que todos os homens precisam da Glória de Deus para serem verdadeiramente homens (Medellín – lit. 9,2).

A Liturgia é vida para a Igreja: a vida da Igreja se resume no serviço a Cristo que salva. Por isso, a Igreja é sinal, instrumento e sacramento visível de unidade e salvação. Este serviço é de modo especial a Liturgia – serviço em favor do povo. Nela a Igreja atualiza o Mistério Pascal do Cristo para a salvação do mundo e louva a Deus em nome de toda a humanidade. A Liturgia é o momento culminante da vida da Igreja, da atuação do Espírito Santo e da presença do Cristo Glorioso. É a vida da Igreja em que o Cristo se faz presente, realizando a salvação do seu povo. Liturgia é, portanto, a salvação celebrada atualizada, acontecida e vivida.

A pastoral litúrgica é o grande desafio, um compromisso permanente, para buscar cada vez mais abundantemente a riqueza da Liturgia, como força vital que, a partir de Cristo, difunde-se nos membros de seu Corpo, que é a Igreja. A Liturgia é a expressão mais completa do mistério da Igreja, de tal maneira que se pode afirmar que a comunidade cristã, segundo o modo de viver a Liturgia, exprime e manifesta a experiência de Igreja que ela mesma vive. Assim, trata-se de expressar e construir uma imagem de Igreja, povo de Deus, que celebra o Mistério: a imagem de Igreja que se manifesta na comunidade real e quotidiana, que celebra o Domingo, que vive os ritmos do ano litúrgico, que se anima pelas suas próprias festas e tradições particulares e que está atenta aos pobres que vivem no meio dela.

Afirmamos a necessidade de exprimir os sentimentos, de manifestar as emoções, na tentativa de conferir à Liturgia uma expressão de vida, um clima de festa e de alegria. Contudo, a Liturgia cristã não é a simples soma das emoções de um grupo, e muito menos o receptáculo de sentimentos pessoais e coletivos. Pelo contrário, a Liturgia é tempo e espaço para interiorizar as palavras que nela se escutam e os sons que se ouvem, para se apropriar dos gestos que se cumprem, para assimilar os textos que se recitam e se cantam, para se deixar penetrar pelas imagens que se observam e pelos perfumes que se sentem. A Liturgia deve ser lugar em que cada cristão é progressivamente configurado pelo mistério que celebra e pela fé que confessa. A busca de uma pastoral litúrgica concentre a sua atenção em “ser” mais do que “fazer”. Uma pastoral que nos ajude a compreender que a mesa do altar é mesa do serviço, é mesa do compromisso, é mesa do lava-pés (cf. Jo 13,14).

## Referências bibliográficas

AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2013.

ALDAZÁBAL, J. “A oração eucarística”. In: BOROBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja*. Loyola: São Paulo, 2002. v.2; p. 245-272.

ALFARO, J. *Dal problema dell'uomo al problema di Dio*. Brescia: Queriniana, 1991.

BARGELLINI, E. Liturgia Epifania da Palavra de Deus nos documetos latino-americanos. Disponível em: <file:///C:/Users/Downloads/SemNacional\_LiturgiaEpifaniaPalavra%20(2).pdf> Acesso em 05 mar. 2014.

BENTO XVI, Papa. Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20070222\\_sacramentum-caritatis\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis_po.html)> Acesso em 20 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. *Carta encíclica Deus caristas est*, 1. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est_po.html)>. Acesso em: 20 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. *Homilia de encerramento da XX Jornada Mundial da Juventude*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2005/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20050821\\_20th-world-youth-day\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050821_20th-world-youth-day_po.html)> Acesso em 25 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. *Obras completas XI. Teologia de la liturgia*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2012.

\_\_\_\_\_. *Discurso dirigido à Cúria Romana em 22 de dezembro de 2005*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2005/december/documents/hf\\_ben\\_xvi\\_spe\\_20051222\\_roman-curia\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia_po.html)> Acesso 24 de abr. 2014.

BERGER, R. Mistagogia, verbete. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário de Liturgia Pastoral*. São Paulo, Loyola: 2010. p. 257-258.

BIANCHI, E. *Presbíteros palavra e Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2010.

BOUYER, L. *O Mistério pascal: meditação sobre a Liturgia dos últimos três dias da semana santa*. Lisboa: União Gráfica, 1969.

BUGNINI, A. *La reforma litúrgica*. 2. Roma: Ed. CLV/Edizioni Liturgiche, 1997.

BUYST, I. *Os segredos dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da Liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_; DA SILVA, J. A. *O mistério celebrado: memória e compromisso*. Valência/Espanha – São Paulo, Siquem. Paulinas, 2003.

CASEL, O. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009.

CASTELANNO, J. *Liturgia e vida espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CLIFFORD, R. J. “Comentário ao Êxodo”. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (ed.). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2013.

CROATO, J. S. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DA SILVA, J. A. *O movimento litúrgico no Brasil. Estudo histórico*, Petrópolis, Vozes, 1983; Id., “Avanços e retrocessos do movimento litúrgico no Brasil”. In: *Revista de Cultura Teológica* n. 31, p. 109-131. 2000.

DANIÉLOU, J. *Bíblia e Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013.

ESCOBAR, F. “A celebração do mistério cristão”. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Manual de Liturgia*. Cidade: CELAM, 2005.

EVDOKIMOV, P. *O silêncio amoroso de Deus*. Aparecida: Santuário, 2010.

FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus cristão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_. *Introdução aos Sacramentos*. São Paulo: Paulus, 1996.

FUSCO, V. “Eleição”, verbete. In: LACOSTE, J-Y. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 604 – 606.

GARCIA CORDEIRO, J. M. *Liturgia, a primeira escola da fé*. Lisboa: Paulus, 2013.

GERHARDS, A.; KRANEMANN, B. *Introdução à Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2012.

GIRAUDO, C. *Admiração eucarística: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_, *Num só corpo. Tratado sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.

GRILLO, A. “Liturgia exercício do sacerdócio de Cristo, cabeça e membros, na SC e dos demais documentos do Concílio Vaticano II”. In: CNBB. *Liturgia exercício do sacerdócio de Cristo, cabeça e membros*. Brasília: Edições CNBB, 2014 pp. 8-25.

GUARDINI, R. *O Espírito da Liturgia*. Rio de Janeiro: Ed. Lumem Christi, 1942.

JAVIER FLORES, J. *Introdução à Teologia Litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006.



JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica Vicesimus Quintus Annus*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_letters/1988/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19881204\\_vicesimus-quintus-annus\\_sp.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19881204_vicesimus-quintus-annus_sp.html)> Acesso 26 abr. 2014.

JOÃO XXIII, Papa. *Discurso na abertura solene do Concílio*. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

JUNGMAN, J.A. *Missarium Sollemnia: origem, Liturgia e história da missa romana*. Trad. São Paulo: Paulus, 2009.

KLOPPENBURG, B. “Princípios da renovação litúrgica do Vaticano II”. In: *REB* v.24 p. 3-42. 1964.

LIBANIO, J. B. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.

LOHFINK, N. “Aliança”, verbete. In: LACOSTE, J-Y. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 86 – 94.

LUBAC, H. de. *Méditations sur l'Eglise*. 2 ed. Paris 1963.

LUTZ, G. “Estrutura e teologia da Sacrosanctum Concilium”. In: CNBB. *A Sagrada Liturgia 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 52-66.

MALDONADO, L; FERNANDEZ, P. O mistério pascal de Jesus Cristo. In: BOROBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja*. Loyola: São Paulo, 2002. v.1; p. 245-252.

MARINI, G. *A linguagem da Celebração Litúrgica*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/news\\_services/liturgy/2011/documents/ns\\_lit\\_doc\\_20110224\\_ar-celebrandi\\_po.html](http://www.vatican.va/news_services/liturgy/2011/documents/ns_lit_doc_20110224_ar-celebrandi_po.html)> Acesso 02 mar. 2014.

MARINI, P. “Renouven liturgique Documents fondateurs”, Centre national de pastoral liturgique, editions du Cerf, Collection Liturgie, n. 14, Paris, 2004, p. 2. Disponível em : < [http://catinfor.com/po/vatican\\_po/?p=1149](http://catinfor.com/po/vatican_po/?p=1149)> Acesso em 03 fev. 2014).

MARSILI, S. “Liturgia”, verbete. In: SARTORE, D.; TRIACA, A. (orgs.). *Dicionário de Liturgia*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.p 638-651.

\_\_\_\_\_. “Verso uma teologia della Liturgia”. In: CHUPUNGCO, A. (ed). *La Liturgia, momento nella storia della salvezza*. Genova: Marietti, 1979.

\_\_\_\_\_. “A Liturgia, momento histórico da salvação”. In: \_\_\_\_\_ et al. *Anmnesis*. São Paulo: Paulus, 1986. v. I. p. 108.

\_\_\_\_\_. A eucaristia teologia e história da celebração. In: \_\_\_\_\_ et al. *Anamnesis*. São Paulo: Paulinas, 1986. v. 3, p. 172.

NEUNHEUSER, B. *História da Liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007.

PASQUALETTI, G. “Reforma Litúrgica”, verbete. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (orgs.) *Dicionário de Liturgia*. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2009. P. 986 – 1001.

PASTRO, C. “Apresentação à edição brasileira” In: CASEL, Odo. *O mistério do culto cristão*. São Paulo: Loyola, 2011 2ª ed.

PIO X, Papa. *Tra le sollecitudini. Motu próprio*, 22 de novembro de 1903. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_x/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-x\\_motu\\_proprio\\_19031122\\_sollecitudini\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/motu_proprio/documents/hf_p-x_motu_proprio_19031122_sollecitudini_po.html) (acesso 30/01/14).

PIO XII, Papa. “Discurso no Congresso Litúrgico Internacional de Assis, em 22 de setembro de 1956. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_xii/speeches/1956/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/speeches/1956/index_po.htm) (acesso 20/07/14).

\_\_\_\_\_. *Encíclica Mediator Dei*. 1947. In: [http://www.vatican.va/holy\\_father/pius\\_xii/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_20111947\\_mediator-dei\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei_po.html) (acesso em 10/03/14).

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1997 (2ª ed).

\_\_\_\_\_. *Os sacramentos da Igreja*. São Paulo: Ed. Paulistas, 1992.

RATZINGER, J. “Liturgia: ¿mutable o inmutable? Perguntas a Josep Ratzinger”. In: BENTO XVI. *Obras Completas*. Madrid. Biblioteca de Autores Cristianos, 2012. v. XI. p.463-474.

\_\_\_\_\_. “La discusión sobre el espíritu de la Liturgia”. In: BENTO XVI. *Obras Completas*. Madrid. Biblioteca de Autores Cristianos, 2012. v. XI. p.481-504.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao espírito da Liturgia*. Prior Velho: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Caminho Pascal*. Cascais: Lucerna, 2006.

RUIZ DE GOPEGUI, J. A. *EUKHARISTIA: verdade e caminho da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2008.

SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, sacramento do encontro com Deus: estudo teológico sobre a salvação mediante os sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1968.

TABORDA, F. “Fazei isto em meu memorial: a eucaristia como sacramento da unidade”. In: CNBB. *A Eucaristia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2005. pp 42-87.

\_\_\_\_\_. *O memorial da páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2009.

VAGAGGINI, C. “Visão panorâmica sobre a constituição litúrgica”. In: BARAÚNA, G. A

*Sagrada Liturgia renovada pelo concílio*. Petrópolis: Vozes, 1964.

\_\_\_\_\_, *O sentido teológico da Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.